OKÊ, cabôclo

Mensagens do
Cabôclo MIRIM
recebidas por
BENJAMIM FIGUEIREDO
presidente da TENDA MIRIM

Êste livro é uma homenagem ao Caboclo Mirim pela grandiosa obra que vem realizando à frente dos destinos da TENDA MIRIM, através de longos anos de doutrinação e formação umbandista.

★

Minhas sinceras homenagens a todos os irmãos de fé, que tem contribuido para dignificar e enaltecer cada vez mais a sublime religião umbandista. A êles a homenagem carinhosa do autor

A àqueles que pugnam pela unificação da doutrina, minhas respeitosas homenagens.

Prefácio

"A grandeza do discípulo está em reconhecê-la no Mestre".

Considerei a maior honra, porém, também, a mais difícil tarefa a mim conferida em minha caminhada de discípulo umbandista. E por quê?

O discípulo prefaciar a obra do mestre. Sim, para mim, Benjamim Figueiredo tem sido o mestre, pois em minha segunda etapa de iniciação, procurei aprender com os mais velhos as belas lições sôbre a LEI DE UMBANDA e entre êsses mais velhos estão: Benjamim Figueiredo e Tancredo da Silva Pinto.

Ainda que não o desejasse, por princípios éticos, citar o nome de Ernesto Emanuele Mandarino, seria isto impossível. E lá vem a segunda pergunta: por quê?

O Brasil todo conhece Tancredo da Silva Pinto e um de seus livros que mais nos chama a atenção: "Doutrina e Ritual de Umbanda"; quanto ao Sr. Benjamim Figueiredo, à frente de uma obra extraordinária, seja a TENDA MIRIM, PRIMADO DE UMBANDA, além de incentivador do primeiro e segundo Congresso Brasileiro de Umbanda, realizados, respectivamente, em 1941 e 1961 e, ainda, incentivador do Colegiado Espiritualista do Cruzeiro do Sul, Círculo de Escritores e Jornalistas de Umbanda e, por último, o MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO NACIONAL pró RELIGIÃO de UMBANDA, sendo também o principal fundador da ESCOLA SUPERIOR INICIÁTICA DE UMBANDA do BRASIL, da qual é Conselheiro Nato.

Aqui entra o jovem Ernesto Emanuele Mandarino. Coube-lhe a honra de tornar conhecido de todo o Brasil não só o

homem, BENJAMIM FIGUEIREDO, mas a obra que realizou ao lado de outros irmãos como o Sr. Major Domingos dos Santos; Belarmino de Oliveira Pinto Filho e outros.

Não nos cabe julgar, distinguir irmãos, pois todos, de uma ou de outra forma trabalham, realizam, porém desejo, com respeito a todos; sejam dirigentes de Tendas, Terreiros, Cabanas; sejam os que atuam na Imprensa ou no Rádio, ainda que dêles divirja — e aqui está a grandeza e beleza doutrinária da LEI DE UMBANDA; podemos divergir, discutir, até "brigar", uns com os outros; mas a LEI DE UMBANDA permanece intocável, crescendo com os homens, sem os homens e apesar dos homens, porque é uma LEI DIVINA; sim, hei de destacar os nomes, para mim, dignos de todo o respeito dos jovens, dos mais moços: Benjamim Figueiredo, Tancredo da Silva Pinto, Ernesto Mandarino, o pioneiro da literatura umbandista em nosso país.

Benjamim Figueiredo é autor jovem com 64 anos, que nos oferece uma obra onde todos temos muito o que aprender.

Dentro do conjunto religioso de UMBANDA situei-me no RITO iniciático e nesta obra da lavra do Primaz, em que a habilidade do Ernesto Emanuele Mandarino conseguiu seja uma obra destinada não apenas aos que se situam neste RITO, mas também aos do RITO doutrinário e até mesmo os do RITO tradicional nela encontrarão o que as vêzes tanto procuram e lhes será útil.

Pode-se divergir aqui ou ali, dêste ou daquele trecho. Vejamos. Quando o autor nos fala da Trilogia de UMBANDA e outras conceituações com que não estamos habituados. Contudo isto não diminui o seu mérito, ao contrário, como citei linhas acima, solidifica em todos nós a certeza da grandeza divina da LEI DE UMBANDA.

Outro aspecto que anotamos ao ler "OKÊ CABOCLO" é a influência hindu, aborígine e o respeito com que o autor se refere à influência afro em nossa Religião.

Além do mais, na primeira parte, em que reuniu as Mensagens do Caboclo Mirim, verdadeiras lições de filosofia autêntica, advertindo-nos da Onipotência de DEUS-Zambi e da importância do Homem, ou melhor, o Ser Humano e nestas lições é evidente a influência da filosofia hindu, reforçando a tese defendida por mim sôbre o aspecto PANTEISTA e HUMANISTA da Religião de Umbanda, pois as referidas Mensagens situa, de modo correto, não só filosófica mas, também, sociològicamente, o Homem — Ser humano, no centro do Universo como parte dêle.

Falando de MORAL, Benjamim Figueiredo, recolhendo as lições de nosso Mestre (êste com M), Caboclo Mirim, dando-nos um nôvo conceito de Moral, por sinal o único que se poderá ajustar aos conceitos jovens de vivência social e que melhor situa a mensagem HUMANISTA da Religião de Umbanda.

Prezado leitor, vou parar aqui, para não lhe furtar o direito de você mesmo ler e julgar esta obra, a qual deve ser, ao lado de "Doutrina e Ritual de Umbanda"; "Umbanda, Evolução Histórico-religiosa"; Xangô Djacutá"; "Umbanda dos Pretos Velhos", sem os exus, é óbvio; "Umbanda de Caboclos"; "Umbanda Sagrada e Divina"; "Codificação da Lei de Umbanda" e tantas outras, a biblioteca do aprendiz de UMBANDA, ainda que apliquemos as lições do apóstolo do Cristianismo, São Paulo: "EXAMINAI TÔDAS AS COISAS E RETENDES O QUE FÔR MELHOR", sim, meu leitor e irmão, leia, mas leia MESMO e recolha para sua vida diária de umbandista aquilo que você deve compreender e julgar útil a se tornar um bom umbandista e um correto cidadão, não só para a família, mas para a Pátria e, acima de tudo, para a humanidade, é o que lhe desejamos.

O Discípulo

DECELSO

Da Escola Superior Iniciática de Umbanda do Brasil; Ordem dos Graduados de Umbanda; Círculo de Escritores e Jornalistas de Umbanda; MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO NACIONAL pró RELIGIÃO de UMBANDA, redator de "NOS DOMÍNIOS DA FÉ" e produtor de "TEU NOME, TEU DESTINO"

I Parte

MENSAGENS DO CABOCLO MIRIM

1

UMBANDA – A escola da vida

O HOMEM é o ser que, como simples corpúsculo, vive a aplicação sublime da reação da Vida, no terreiro da Natureza.

Mas, que é o homem, afinal?

Pràticamente, não o sabemos. Teòricamente, êle já ultrapassou todos os conhecimentos possíveis e imagináveis, acrescidos ainda daqueles que lhe foram trazidos por estudos feitos nas várias escolas religiosas. Assim tem o homem divagado de encarnação em encarnação, tropeçando sempre nas mesmas teorias que afinal nunca satisfazem, mas que, enfim, vão agradando às exigências da personalidade. Ao invés de continuar a viver abstratamente, procurando aquilo que nunca encontrará, o homem já sente a necessidade de um conhecimento mais prático e real sôbre a sua própria realidade. Êle tem sempre a grande preocupação de ir buscar no impossível tudo aquilo que seja possível, quando estão à sua disposição — de forma perfeitamente acessível — os meios necessários para compreender e sentir, com o mais completo acêrto e lógica, aquilo que êle é e como deve viver a magia natural da Vida. O homem não precisa da sua interferência violenta, prejudicial às boas normas da harmonia que a própria Vida oferece a cada um, de acôrdo com as suas necessidades. O homem não pode e nem deve inventar coisa alguma; tudo está inteiramente de acôrdo com a sua própria natureza. A Vida, na sua ação perfeita e sublime, não poderia produzir reações que fôssem prejudiciais à sua ação. É ainda o homem que, pelo fato de criar uma desarmonia particularmente sua, quem estabe-

lece consigo mesmo formas condensadas de destinos, que se vão agregando umas às outras, formando um grande patrimônio do oceano da Vida. Falta ao homem, apenas escola prática para que possa verificar, com absoluta facilidade, que êle é o reflexo de conhecimentos objetivos do grande espelho subjetivo: a sabedoria suprema da Vida.

Enquanto o homem não conseguir conhecer-se a si mesmo, através da escola prática, terá sempre dificuldades; encontrará permanentemente as barreiras da desconfiança e do mêdo, para impedir que êle enxergue o próprio caminho que está pisando.

Já existem firmadas numerosas teorias, tôdas de conhecimento geral, de que o homem precisa de espiritualizar-se. Mas como pode o homem espiritualizar-se, se êle vive apenas os propósitos da forma e dos movimentos objetivos? Nesta situação, êle vive apenas os propósitos da forma e dos movimentos objetivos. Nesta situação, êle converge todo o poder do seu corpo mental para tentar proteger aquilo que não depende da sua proteção. Pela escola da Vida, ficamos sabendo que o homem é formado de três organismos materiais que constituem a sua personalidade: corpo material, corpo emocional, e corpo mental. Como pode o homem, nesta situação puramente forma, ter a vaidade de querer ultrapassar o limite de todos os seus direitos que a Escola da Vida lhe oferece, para investigar a causa dos efeitos que êle desconhece?

Enquanto teimar em viver subjetivando teòricamente, o homem terá teòricamente a sua própria subjetividade; será sempre uma reação igual e contrária às suas absurdas teimosias. Quem poderá saber efetivamente com acêrto, — o que seja espiritualidade, se, como homem pássaro ainda vive na gaiola da personalidade, prêso inteiramente às próprias imposições? O homem está subordinado a uma forma de conhecimentos objetivos como que necessários para que êle aprenda a voar.

A nossa personalidade não é absolutamente aquilo que a falta de disciplina mental em nós possa interpretar; nossas interpretações são organizadas na personalidade pelo acúmulo de sensações que o panorama da Vida material fornece aos nossos cinco sentidos. Se a nossa Vida ainda vive a forma condensada da personalidade, e a nossa personalidade está sujeita às determinações dos cinco sentidos, como poderíamos guardar, sabendo que estão bem guardados, todos os idealismos passageiros da nossa mente objetiva? Êstes são apenas enfeites do nosso corpo mental como simples manchas que determinam todo o poder autoritário das nossas vontades e opiniões pessoais.

A Vida, na sua realidade verdadeira, não toma nota nem faz assentamentos sôbre a sua ação cosmográfica; ela realiza apenas a grandeza da sua cosmogonia e naturalmente as suas reações se operam de forma afim para o perfeito equilíbrio na lei de gravidade. O homem, como não podia deixar de ser também faz parte integrante desta grande melodia. Pela Escola da Vida, êle não pode aceitar a interpretação de grande ou evoluído, tudo é completo e perfeito, sem a necessidade objetiva que é do conhecimento apenas do corpo mental do homem.

O homem não é inferior; apenas se aplica mal. Quando deixar de lado a movimentação de desarmonia dos seus três organismos materiais (corpo material, emocional e mental), e souber, pouco a pouco, disciplinar com eficiência e naturalidade as suas atitudes e sistemas confusos, verificará com surprêsa que era a própria felicidade vivendo infeliz. A Escola da Vida nos mostra, por exemplo, que o corpo físico da personalidade do homem é uma essência sublime de Vida, agindo apenas como reação de energia condensada, para se adaptar ao terreiro da Natureza e executar um dos acordes para a perfeição da sua grande harmonia. O corpo material do homem está inteiramente sintonizado com a grande orquestra da natureza; e êle, como um dos seus instrumentos, também fornece o rítmo da sua harmonia para a realização da magia da vida, O Homem precisa verificar, com um certo cuidado, que o seu corpo material lhe fornece ou seja, lhe oferece uma **Escola Sutil** e maravilhosa que êle deixou de lado por não ter tido ainda o necessário despertar para se aperceber de tal situação. A melhor **Escola de Conhecimentos** verdadeiros é sempre a boa apreciação que o homem possa fazer, examinando com alegria permanente o que representa para si a Vida do seu próprio corpo.

Aquêle que já ultrapassou os limites da curiosidade pessoal e adquiriu conhecimentos transitórios que estejam armazenados no seu corpo mental, deve estranhar sobremodo, ser aquilo que êle imaginava não ter valor. Em verdade eu afirmo: espiritualização é o ato de descondensarmos a nossa personalidade e nunca aquêle em que procuramos condensar pela objetivação de conhecimentos mentais, aumentando ainda mais o nosso patrimônio emocional na falsa suposição de que a espiritualização possa ficar subordinada à forma de interpretação da nossa personalidade. Espiritualização é uma palavra emprestada à Escola da Vida para traduzir de forma acessível a todos, aquilo que a Escola da Vida compreende como energia condensada e descondensada. Afinal, como pode o homem tentar **procurar** a espiritualidade? Êle deveria antes verificar que a espiritualidade não se **procura:** vive-se. A Escola da Vida por exemplo, só compreende por espiritualidade, aquilo que é realmente útil ao homem na sua condição de viver. O homem ainda vive inteiramente escravizado na gaiola de suas paixões e sentimentalismos grosseiros; a sua forma de vida ainda é um conjunto de obrigações transitórias e desnecessárias. Como pode então se espiritualizar, si se afastou completamente da finalidade de se aplicar saudàvelmente nos deveres naturais que poderiam conduzí-lo à verdadeira estrada?

O homem precisa saber que o seu corpo mental é uma máquina fotográfica que registra, pelas objetivas dos cinco sentidos materiais, todo panorama orgânico da Natureza. Êle deve saber ainda que o seu corpo emocional é um filme ultra-sensível; nêle se gravam as impressões; até mesmo o poder sensitivo das vibrações emitidas na proporção da forma violenta, para serem reproduzidas fotogràficamente no seu corpo mental. Parece perfeitamente compreensível que qualquer um de nós, só pode fotografar aquilo que tenha uma representação material. Como todos os sêres que enriquecem a Natureza, possuem as suas reações vibratórias, também devemos concordar que a nossa máquina fotográfica esteja nas mesmas condições e assim poderá fàcilmente transmitir aquilo que tenha recebido, para o filme do nosso corpo emocional.

Existe certamente uma grande diferença entre o momento exato de registrarmos o panorama real das coisas, e aquêle

em que participamos diretamente. Com as influências violentas, instintivas e arbitrárias, tentamos modificar a própria beleza das coisas, para satisfazer a inútil curiosidade ignorante na sua aplicação de interêsses puramente pessoais. A Vida, afinal, oferece ao homem a sua própria substância de energia, harmônicamente condensada na representação de um corpo material, para, neste estado sublime, irradiar as emanações da sua essência, proporcionando-lhe a grande oportunidade de sentir fàcilmente que êle promana de tudo para todos. Se temos conhecimento, pela aplicação instrumental do nosso corpo, de tôdas as demonstrações maravilhosas e encantadoras da Vida, porque fugirmos então ao próprio evangelho (ESCOLA DA VIDA), para desarticular inteiramente a natureza sublime das suas perfeitas necessidades? Queremos estudar no Evangelho dos outros, aquilo que nunca poderemos entender. Aquêle que não tiver disciplina para se entender a si próprio, nunca poderá entender os outros. Geralmente o homem vive absorvido pelo rigor imperativo da sua opinião, não percebendo que cada vez mais se escraviza, tornando-se vítima do ambiente da sua gaiola dourada. Conforme ficou dito, o homem é um simples corpúsculo; vive no entanto, a rebeldia intransigente de uma irritação permanente, pelo conhecimento objetivo de se julgar pequeno. Pretende aumentar os seus valôres com o acréscimo de imaginações elementares que possam preencher os claros que êle julga vazios. Nesta forma dolorosa de interpretação puramente interesseira, vai o homem-pássaro vivendo na gaiola como um simples prisioneiro perpétuo.

2

UMBANDA – O terreiro da natureza

É certo, porém que tudo está certo, até mesmo aquilo que nos pareça errado. O homem, no entanto, acha que sòmente está certo aquilo que êle faz de errado; ainda não percebeu que todos os seus erros estão inteiramente certos, pelo próprio desacerto com que se conduz. Quando êle puder se afastar naturalmente da ligação objetiva e violenta que faz do conhecimento das coisas comuns da vida material, e conseguir colocar no seu caminho uma boa disciplina, nos atos e fatos da personalidade, terá verificado que o panorama da vida orgânica representa para si um espetáculo encantador que tem a prioridade de o tornar feliz.

O encantamento da Vida que se executa no terreiro da Natureza, é a própria liturgia estabelecida pelo cerimonial executado na Natureza em festa, refletindo-se dòcilmente no ritual que todos os sêres comungam. O homem faz parte como peça de ritual no terreiro da Natureza, quando se apresenta com a sua personalidade para executar os atritos necessários aos organismos materiais, estabelecendo a grande magia propulsora que se torna em vibrações e forma o encandeiamento de fôrças, permitindo a ligação perfeita entre todos os sêres.

O Terreiro da Natureza é o Templo Secreto onde se opera a grande magia da Vida Suprema para impregnar no homem físico as emanações de descondensação favoráveis à sua desintegração. Porque, sendo a vida física uma forma transitória, ela obedece às contingências do ambiente **tempo** para uma renovação constante e perfeita. A Vida física é de pouca

resistência, e sua durabilidade depende de fatôres que a organização sideral determina. O valor da Vida física não está na demonstração da imagem que ela apresenta, mas no poder concentrado de fôrças harmonizadas provindas da poeira cósmica, formando os sêres como pequenos locais ou lugares, onde ela executa sàbiamente a sua grande finalidade. Aí presente está o homem visado, como um simples efeito de reação, provando que existe uma causa determinante que o sublimiza como reagente, quando êle, a própria Vida sente que ela existe. A própria vida não poderá compreender a si mesma, se não houver demonstrações objetivas, portadoras das emanações do seu perfume, ferindo a sensibilidade do seu próprio sentir.

Todo o indivíduo, certamente não vive esta situação, porque ainda está preocupado com a formação da sua personalidade, e na doce vaidade de sua imagem, forma de escultura, êle se apaixona com os desenhos da sua forma e divaga no labirinto da sua opinião. Existe efetivamente um grande intervalo entre a compreensão objetiva do homem e a sua realidade subjetiva. Poderíamos dizer que o homem é um grande pêndulo que serve para marcar o compasso da Vida e o descompasso da sua atuação para consigo mesmo. Muito poderia fazer o homem se conseguisse afastar-se da sua objetividade perturbadora e permitisse uma boa ligação entre o seu corpo físico e o corpo emocional.

Afinal o que procura o homem de sério, de acôrdo com os seus direitos? Pràticamente nada. Apenas executa os rituais obrigatórios de que o conjunto da sua personalidade precisa, sem necessidade da sua interferência, porque, quando êle interfere, sempre modifica o valor dos seus direitos, para estabelecer condições de magias puramente inferiores. É a Ação da Vida, que, pelo reflexo da sua magia substancial, proporciona ao homem todos os meios necessários de entendimentos sôbre sua existência. A Vida na naturalidade da sua ação, se transforma em sentir quanto é atingida pela constatação da existência no terreiro da Natureza. Como poderia a Vida contar isto ao homem? Certamente que **sentir** não é aquilo que a nossa personalidade compreende como sentimentalismo; uma simples ação refletora de conhecimentos objetivos. **Sentir** é a sucessão de acordes que estabelece a harmonia dos rítimos.

Sabemos perfeitamente bem que a ação da Vida provoca uma reciprocidade ativa entre os sêres; produz assim a grande ação da magia de repulsão e atração. A primeira os separa; a segunda, os junta necessàriamente, em grupos genealógicos. É portanto, dentro do terreiro da Natureza que se opera a prática sublime dos vários rituais. Os sêres, em grupos, vão pelas suas afinidades naturais, formando o conjunto de regras que atendem particularmente a seus próprios designios.

A ação da magia, quando estabelecida pelo homem, tem uma condição de ambiente perfeitamente igual ao valor dos seus propósitos numa aplicação de sua absoluta desarmonia particular. Naturalmente, magia é efeito de alguma causa. O homem pode, portanto, verificar fàcilmente que não é vítima do seu ambiente, mas, um simples agricultor displicente que por falta de escola da vida planta o que julga certo para se alimentar do ambiente dos seus erros. Enquanto o homem não aprender a equilibrar sua personalidade pela disciplina física, mental e emocional, será forçado pelas circunstâncias, a permanecer engaiolado para não correr o risco de conseguir retrogradar e ter que desmentir a si mesmo que não pode se afastar da boa ou má satisfação. Êle sabe perfeitamente que não existe diferença entre ambas; elas representam, dentro do termômetro da vida, a sua própria temperatura ambiente.

O homem ainda é o produto da grande ciência das leis físicas do mundo. Sua existência pois, como forma condensada, tem na representação do seu corpo material, o grande elemento; possui propriedades em condições de serem modificadas para uma descondensação subjetiva, em continuação ao seu próprio aprimoramento. Nada se perde no reino da Natureza; tudo se transforma. O homem tem podêres para penetrar no âmago da formação do seu próprio mundo. O esplendor da Vida não permite que haja segredos para perturbar o homem; consente, porém, que o homem conheça aquilo que o segrêdo da sua perturbação autorizar. O segrêdo será sempre o grande mistério do ignorante. O verdadeiro ignorante não é aquêle que não sabe que já sabia, mas aquêle que sabe o que poderá vir a saber. A Vida, sendo perfeita no seu grande manancial, tem no homem a suprema representação de uma gôta d'água que serve para provar que a Vida é sublime. O

homem adaptou-se ao conhecimento de que em volta de si existe o mistério de um grande limite. Êste abismo imaginário de um grande limite. Êste abismo imaginário, circunda sua personalidade para lhe provar que sabe respeitar o direito que êle tem, mudando de local quando êle se muda também. Como poderia o homem viver limitado, se êle é apenas uma simples conseqüência, como pequenina forma modeladora da suprema imagem da Natureza? A distância percebida entre dois sêres não prova haver limite; ao contrário, demonstra perfeitamente que a separação serve para evitar uma possível produção de calor em excesso. O calor produzido pela união forçada entre os sêres, altera a temperatura da sua própria harmonia. Onde existe calor sabemos que existe o perigo da desintegração.

Sempre que os homens deliberam reunir-se para conseguir uniões perfeitas, mais aumenta o calor das suas opiniões, chegando a provocar reações de incêndio na vontade pessoal uns dos outros. Se a própria Natureza constitui caprichosamente cada sêr diferente um de outro e ainda os separa completamente, como pode o homem tentar unir aquilo que separadamente pode entender melhor? Falta ao homem, conhecimento da Escola da Vida para saber que o imperativo da sua personalidade é a causa determinante da sua emoção sentimentalista.

Não sabendo viver inteiramente só, por sua própria ação de harmonia, o homem procura se encostar aos outros para contrariar a separação enorme dos instantes do tempo.

Sabemos que cada homem possui o direito absoluto de liberdade, mas, para o uso desta liberdade é necessário que haja o tempo e o espaço suficiente. Neles se expandem para verificar que não têm limites, porque êle é o princípio sublime de um fim perfeito.

O Homem humano é um conjunto de deveres naturais que promove a magia da Natureza. O homem social é um conjunto de obrigações artificiais que não podendo viver em liberdade, se escraviza na liberdade dos outros. O homem conjunto da sociedade, não tem o cuidado de procurar saber onde está. O estado melindroso da sua emoção sem o devido tratamento de disciplina, procura se sensibilizar objetivamente com

as impressões dos seus direitos, revelando subjetivamente, no seu corpo emocional, as fotografias prejudiciais ao seu sossêgo.

O sistema do homem-personalidade é de se ligar a tudo e a todos, fugindo completamente ao sentido de que êle já é tudo e todos. Esta separação temerosa, estabelecida na forma objetiva do homem, é quem proporciona o desequilíbrio da naturalidade que preside a sua própria vida. Objetivamente o homem só pode viver separado, para não ser perturbado nos seus direitos; subjetivamente são os seus direitos que lhe garantem o direito dos outros.

3

UMBANDA – Ação da vida

A personalidade humana é constituída por um conjunto de três organismos materiais que se harmonizam entre si, como sublime fonte manipuladora, para estabelecer a ação dos rituais no terreiro da Natureza.

Um dêsses organismos é o corpo físico que concentra em si a energia reacionária da essência suprema da Vida, cuja utilização proporciona ao homem os meios de melhor entendimento. O homem poderá verificar, pela aplicação de uma boa disciplina física, que o seu corpo material representa uma obra perfeita que empresta à Natureza o valor da sua grandeza. A formação física do sêr humano traduz o sentido da reciprocidade fraternal existente entre êle e a organização material da Natureza.

Para que a Vida tivesse o direito de existir, era necessário a presença dos sêres da Natureza, a dizer-lhe que ela existe. É, portanto, a presença do corpo humano que, por meios silenciosos, encontra à Vida aquilo que a nossa personalidade desorganizada não sabe explicar.

O nosso corpo físico, inteiramente isolado dos outros dois que constituem a personalidade, tem vida própria e pode perfeitamente receber da Natureza tudo de que precisa e também devolver-lhe, com propriedade, o que pode ser útil aos outros, sem necessitar das explicações do corpo mental. O corpo físico do homem é uma constituição molecular cuja forma empresta à personalidade um poder vibratório correspondente ao seu próprio valor.

Fisiològicamente, a ação molecular obedece ao ritmo de agregação igual à modelagem do órgão a ser constituído. O homem pode assim verificar fàcilmente, que até na sua grande constituição orgânica existe a estabilidade sublime, demonstrando como as coisas se procesam independentemente das suas vontades pessoais empobrecidas. Aliás, tudo o que é sublime ainda se realiza no homem à sua inteira revelia. Sabemos que a ação molecular é falsa, tendo, no entanto, a propriedade de fornecer ao laboratório da Vida, os elementos para a sua modelagem, constatando aquilo que a própria substância nunca poderia explicar.

O homem forma-física, depois de constituído, entra em contato com a vibração mágica do terreiro da Natureza, para se tornar elemento útil na aplicação de rituais. No terreiro da Natureza o homem produz rituais que são estabelecidos de acôrdo com a forma; executa movimentos que compõem o valor da magia portadora de ambiente correspondente.

Naturalmente que, sendo a Vida, Ação, o ato de viver será uma reação correspondente, refletindo na forma condensada a mesma igualdade de valor descondensado. Assim, o homem que estuda pela Cartilha da Escola da Vida, pode sentir a grande relação de perfeita correspondência que liga a ação da Vida à reação da forma. Pode ainda perceber a própria reação da forma, permitindo a utilidade da ação da Vida. Comprende-se que sendo a ação da Vida uma expressão puramente subjetiva, não poderia fazer-se sentir no terreiro da Natureza, se não encontrasse uma forma condensada capaz de traduzir os seus valôres. Reside aí a grande verdade de que, recebendo um corpo físico, o homem recebe também a orientação fisiológica, para facilitar uma boa compreensão sôbre os problemas da vida orgânica.

O homem pode verificar fàcilmente pelo sentir, tôdas as maravilhas que representa para êle a existência do seu corpo material, aceitando assim, com relativa facilidade, o fato de que o seu corpo físico é o verdadeiro representante da ação sublime da Vida. Entretanto, para que o corpo físico possa representar legalmente aquilo que significa Ação de Vida, é necessário que êle tenha um valor intrínseco equivalente aquela. É portanto, o corpo físico do homem, na sua expressão abso-

luta, a grande escola do silêncio, no qual pode viver sossegadamente acompanhado dos seus dois outros corpos, mental e emocional.

O homem que procura viver o silêncio, vai buscá-lo no tumulto das suas paixões emocionais ou nas imagens gravadas em sua mente, provoca reações de sentimentalismos subjetivos que se tornam ruídos perfeitamente sensíveis à sua própria sensibilidade. O homem-personalidade possui cinco sentidos que permitem sua ligação com a Natureza, estabelece meios de contato que transmitem da Natureza para si e de si para a Natureza, uma harmonia de recíproca fraternidade.

Pelos olhos, o homem fica sabendo que a Vida existe; pode reter as imagens que compõem a liturgia da Natureza para aprender a sentir melhor aquilo que não sabe enxergar. Pelos ouvidos, êle pode sentir a cadência harmoniosa que ritima a grande fraternidade entre os sêres. Pelo nariz, recebe da Natureza o perfume salutar e necessário para o desintoxicar do carbono das suas grosserias. Pelo tato, êle vai caminhando vagarosamente para não se prejudicar e nem prejudicar os outros. E pelo paladar, finalmente êle pode provar que as coisas boas da vida não tem o mesmo gôsto das coisas más. Estas cinco objetivas refletoras de imagens e transmissoras de vibrações, compõem o poder da personalidade do homem, gravando no seu corpo mental o conhecimento que será recondensado pela individualidade quando êle perder a condição de forma e movimentos.

Como poderá o homem objetivo viver a realidade do seu poder, se não estiver ligado ao seio materno da Natureza? De onde poderia êle receber formas naturais para renovar constantemente o envenenamento produzido pelo desgaste das suas moléculas? O homem material, personalidade acorrentada às preocupações do seu limite passageiro, transitório, deixa-se escravisar à crença da sua culta personalidade, para se afastar displicentemente da verdadeira finalidade da Vida. A cultura do homem é necessária e útil quando puder despertá-lo para o sentido da verdadeira sabedoria da Vida. O homem, porém, a utiliza para sua defesa pessoal, na doce ilusão de supremacia. Mas esta certamente, será humilhada pela própria humildade simples que vive adormecida na sua individualidade.

O homem possui duas formas de saber; uma cultura material adquirida em suas vidas sucessivas e outras pelo despertar real da sabedoria. A cultura material, vai se descondensando em sabedoria de encarnação, quando o homem sabe aplicá-la. Também poderá adormecer completamente se não fôr adquirida para alguma utilidade. Cultura é aquilo que o homem aprende dos outros; sabedoria é o que constitue a sua própria experiência.

A cultura do homem poderá ser má, boa ou realmente útil. Será má, quando não servir para si nem para outros; será boa, quando não servindo para si, pode ser útil aos outros; será realmente útil quando puder conduzí-lo à fonte do saber. Inteligente, o homem-personalidade adquire cultura como meio de vida e não com a finalidade de se aproximar da sabedoria suprema da Vida.

A prática sublime exercida no terreiro da Natureza, não depende nem precisa da influência cultural da personalidade do homem; ela obedece ao potencial da liturgia que movimenta a Vida dos sêres nas várias formas de rituais.

O Homem emocional, engendra tôdas as qualidades de magia inferior; o homem mental, registra no livro do cerimonial, a grande verdade dos seus erros formando a cúpula de uma liturgia que corresponde perfeitamente às práticas executadas por êle na grande oportunidade de viver.

A Escola da Vida verifica que o homem, não sabendo procurá-la, é forçado a errar continuadamente sob dois aspectos: quando se torna o único causador na personalidade de formas constantemente ambientes de magia inferior, magoando-se inteiramente, ou quando, julgando-se certo, interpreta que magia inferior é sòmente aquilo de mau que certos indivíduos praticam para magiar aos outros.

Todo homem vive uma forma puramente objetiva, onde tôdas as suas questões são resolvidas pelo imperativo da sua brutalidade física e emocional, compreende que o ambiente por êle estabelecido, é uma completa reação de tôdas as ações de magia geradas por êle próprio.

No terreiro da Natureza, o homem representa um pequenino ser que poderá executar sòzinho o sacerdócio dos bons costumes, quando souber aplicar a disciplina física, mental

e emocional. Se êle recebe da natureza a grande oportunidade de viver e se ela ainda lhe empresta tudo de necessário para que nada lhe falte, porque o homem se afasta dela usando de magia inferior no terreiro sagrado, para empobrecer todos os seus direitos afortunados, preferindo o caminho da sua miséria? Poderá existir pior situação de magia inferior, do que aquêle em que o homem resolve nortear a sua personalidade pela imoralidade, sentimentalismos e complexos, recalcando na sua desorientação a oportunidade feliz de ser a própria felicidade? Se o homem tem tudo de que precisa, por que procura o que não serve?

A natureza, além de dar tudo ao homem, também lhe dá os meios de compreensão, para êle verificar que o seu ser representa a própria docilidade da Vida, encantando a Natureza. Por que saiu o homem da sua realidade para se animalizar racionalmente, naquilo que os irracionais sabem aproveitar? É que o homem, como racional, só tem podêres para raciocinar a crueldade da sua grande ignorância cultural; deixa de tomar conhecimento de que o culto do seu saber está adormecido na eterna expectativa de que êle retorna a aquilo que realmente é.

A personalidade no homem só tem valor quando adquire os conhecimentos perfeitos de uma conduta exemplar. Pelo conhecimento das suas formalidades, ela representa o poderio que domina integralmente o homem nesta fase de experimentação em que êle se encontra. O homem não pode evitar a forma da sua personalidade; ela é, evidentemente, uma fotografia plasmada no seu próprio eu. Aquêle que tiver em si próprio o modêlo objetivo das coisas, também terá das coisas a modelagem correspondente.

A Vida oferece, na relatividade da sua projeção, o relativo sempre proporcional ao estado de cada ser. A Vida não toma conhecimento de que o homem tem forma ou não; ela apenas se projeta nas condições orgânicas que a Natureza oferece. A Vida age com a independência própria da sua indiferença construtiva, enquanto a Natureza reage, constituindo os elementares ativos ou passivos, que virão depois nas suas formas e movimentos variados autenticar a sua existência.

O homem emocional é que se deixa mergulhar nas profundezas dos seus sentimentalismos materiais, dessa forma, não pode verificar seu direito de liberdade, manifestado nas correntes de seus complexos. A própria Vida não teria expressão se não tivesse qualquer utilidade aplicada. Para que serviria a Vida se não tivesse a propriedade sublime de animar saudàvelmente os sêres, consubstanciando-se à Natureza?

A personalidade é apenas uma simples máquina com funções materiais, para reproduzir com perfeição aquilo que a Natureza ensina. O Homem, entretanto, sempre teimoso, displicente e mau, insiste em não querer aprender; não sabendo utilizar sua máquina vive o pavor das suas preocupações. A preocupação é uma demonstração de dúvida.

Qual o resultado sério, para o homem, do tormento das preocupações? O homem sério não concebe preocupações, porque só trata de coisas sérias. O homem realmente sério não precisa de preocupações para prejudicar a sua seriedade. Sabemos que a ação vibratória atrai e repele na razão dos seus direitos. Se fôsse possível um entrosamento de ações contrárias, certamente os sêres não poderiam estabilizar a sua forma na diferenciação sublime da Natureza. Cada ser tem o direito absoluto de ser aquilo que é. É de lamentar que o homem, o único perturbado pela indisciplina da sua personalidade, ainda não tenha verificado isto. O homem deveria procurar saber que reside no seu corpo emocional o grande enigma que o torna misterioso. Mistério de perturbações que o conduz pela mão para divagar no labirinto dos seus sentimentalismos tolos. Porque o homem, por exemplo, não faz uso da paciência, como única forma de norteá-lo ao caminho dos bons costumes?

Se êle tem à sua disposição esta grande amiga — a paciência, porque prefere a desorientação da pressa, para chegar sempre atrazado? O homem nunca conseguirá deixar de estar onde estiver, embora as suas vontades apressadas sempre pretendam os lugares que êle não pode estar. O homem ocupa o tempo da Vida e a Vida, por sua vez, ocupa o espaço do homem. Êste nunca deve ter pressa de chegar, para não perturbar o sossêgo daqueles que chegarem antes. A pressa é uma violência inútil que anula a própria utilidade dela. O homem sòmente deve ter pressa de realizar a sua paciência, para que ela lhe possa mostrar que, andando devagar, sempre chegará cedo. A paciência construtiva é uma revolta natural contra o imperativo da pressa; por isso, o homem habituado à pressa, dificilmente aceita que a paciência possa ajudá-lo a viver melhor. A paciência constrói no homem a disciplina dos bons costumes, permitindo que êle saiba aproveitar as distâncias pelo sentir da sua tranqüilidade. Podemos verificar no triângulo da nossa personalidade, que o nosso corpo material se movimenta pelo impulso instintivo do corpo emocional, fazendo-o correr os riscos de se encontrar com a própria desarmonia. O Homem que tem pressa, sempre esbarra em si mesmo, para depois encontrar os outros.

No terreiro da Natureza, o homem procura andar depressa para encontrar aquilo que não perdeu; enquanto a Natureza, pacientemente, assiste aquêle ser que ela achou e não tem pressa de perdê-lo. A paciência ensina o homem a andar devagar para não prejudicar o terreiro com o pêso da sua consciência. O homem vive sempre apressado, vai e volta muitas vêzes, enquanto o terreiro da Natureza, que não tem pressa, fica sempre esperando por êle. A paciência reduz a caminhada que a pressa prolonga. O verdadeiro caminho é um só; os outros são preparados pela pressa da nossa ignorância. O homem sempre pretende andar ligeiro, para provar aos outros virtudes apressadas que o altar da paciência desconhece. Êle deve andar, alimentar-se, vestir-se, repousar para dormir com paciência. Aplicando todos os rituais da personalidade com um modo bondoso e meigo, o homem conseguirá modificar naturalmente aquilo que faz com brutalidade também natural. A paciência é o verdadeiro e único evangelho que realmente proporciona às condições materiais do homem, o princípio sadio do seu despertar. O homem nunca poderá alçar o vôo dos seus direitos, porque a escravidão da pressa tentadora, leva-o a rastejar pelas encostas perigosas da sua desobediência. Existe uma grande diferença entre o movimento celular que constitui o corpo somático e o corpo físico do homem. Em relação à natureza de utilidade, no entanto, ambos são úteis para finalidades diferentes. A substância celular é a partícula mais ínfima que, pela sua sublimidade natural e perfeita, se liga inteiramente à própria vitalidade da Vida, tirando dela a sua

ação ativa, para se constituir o **Humo** material do terreiro da Natureza, transmitindo ao homem a seiva da Vida.

A célula é a única verdade, que reunida a outras subseqüências, compõe a modelagem dos sêres que freqüentam o terreiro da Natureza. A Vida celular é dirigida pela sublimidade da ação da Vida, renovando-se constantemente pela sua pouca resistência aquela ação; apesar disso, permite ao corpo somático estabilizar a sua modelagem no limite do tempo. Pela Escola da Vida, o homem somático depende exclusivamente do patrimônio hereditário celular, transmitido pelo seu correspondente; não sofre, de forma alguma qualquer interferência construtiva da sua centelha de Vida. Uma não interfere absolutamente no direito da outra. A centelha de Vida, **(ESPÍRITO)** é uma gôta d'água do grande oceano da Vida, tão perfeita como o próprio oceano.

4

UMBANDA – O corpo emocional

Tôdas as centelhas de Vida, na sua essência, são inteiramente iguais, sofrem apenas a circunstância de que, separadas do manancial, perdem a fôrça do conjunto. Conservam, porém, o mesmo potencial que se desdobra pelo sistema celular na forma, ao dos futuros oceanos que banharão os novos mundos.

A procriação celular se opera no terreno material, no terreno individual e até mesmo na própria centelha de Vida. O homem que resolver estudar a si mesmo pela Escola da Vida, verificará que reside na vida celular a sublimidade perfeita da sua vida. Poderá encontrar as células que compõem a objetividade dos seus conhecimentos no terreiro da Natureza e também aquelas que formam a objetividade da sua ignorância.

A Natureza normaliza indiferentemente a sua grande harmonia, pela renovação constante dos seus emissários secretos (células). Para tanto, ela mantém as irradiações vibratórias, para que o terreiro da Natureza esteja sempre em condições fraternais. São essas mesmas condições que lhe facultam receber os sêres como simples efeitos de uma causa que dá origem à própria Natureza. O homem, como um ser mais desenvolvido, vai se constituindo numa célula igual aquela que lhe deu origem. O verdadeiro aperfeiçoamento só existe na ação ínfima da célula. Para que os sêres possam se tornar perfeitos, é preciso que o homem consiga disciplinar o seu corpo físico, a ponto de garantir o valor coletivo que o constitui. Sabemos que as células têm vida própria, não precisando da in-

tervenção mental do homem. Por si só elas sabem sem conhecimentos escolásticos e sem ação da cultura interesseira, resolver seus próprios problemas. Êstes se operam na naturalidade sublime da própria Vida. Tem aí o homem o exemplo de como deveria se aplicar sem usar o barulho perturbador que o desvia da grande oportunidade de se sentir o que verdadeiramente é. O homem é grande vítima do seu corpo emocional; aí reside o único segrêdo que êle próprio criou para o desviar do sentido verdadeiro da sua posição. Êle vive o tormento estabelecido e estabilizado por si próprio nas várias zonas da sua atividade. Seu corpo emocional executa com atividade, todos os desmandos correspondentes ao seu estado de emotividade. Êle vive mal na zona do seu lar, na zona profissional, na zona intelectual, na zona pública e até mesmo na zona religiosa. Mantém um desequilíbrio permanente que o traz em sobressaltos, afetando completamente o seu corpo emocional. Passa a viver as imposições que o escravisam em posições particulares, perdendo o direito de apreciar o panorama da sua verdadeira realidade. Dentro destas zonas o homem mantém o princípio da autoridade personalística, acreditando nas formalidades sentimentalistas. Materializa completamente o poder do seu sentir, alimentando aquela forma para obscurecer êste poder, em detrimento do seu valor. As imposições sentimentalistas que dominam o corpo emocional do homem são as seguintes: Planêtas ou zonas de irradiação, que giram obedientemente, como satélites negativos, em derredor do seu **ASTRO-REI — CORPO EMOCIONAL** — recebendo dêle o calor necessário para as suas subsistências e projetando por sua vez, cada um dêles através da espiral convergente o produto vibratório das suas próprias ações.

O Corpo físico do homem é um simples espectador, convidado a frequentar o terreiro da Natureza pela mão amiga do seu corpo somático. Como poderia o homem verificar os reflexos da irradiação vibratória e mesmo da harmonia, se não fôsse pelo seu conjunto celular? Contendo em si mesmas a sensibilidade do perfume da Vida, as fôrças nucleares embrionárias proporcionam aquêles reflexos às condições dos sentidos do homem.

Podemos concordar que as células vivem uma espécie de indiferença construtiva, sem propósitos de realizarem alguma coisa; daí se tornarem efetivamente úteis. O homem, no entanto, precavido e bem intencionado, conseguiu apenas ter fôrças para atrofiar o seu conjunto celular, afastando o corpo somático do físico. Porque razão a **Ação da Vida** não confiou diretamente ao homem o direito de se ligar a ela e foi ligar-se justamente ao ser mais íntimo, como intermediário? Naturalmente o homem-personalidade prefere o contato do seu corpo físico ligando-se à passividade de elementos transitórios, sujeitos ao desgaste de emotividades tôlas. Mesmo assim, entretanto, a Vida oferece ao homem êste monumento decorativo, à sua beleza substancial: faz sua apresentação no terreiro da Natureza para conseguir conter-se ou seja, para conseguir contar-lhe pacientemente, que o corpo físico é uma simples imagem lembrando constantemente a vivacidade da sua própria vida adormecida. O Corpo físico, em verdade, ainda não constitui valor para o homem; êle, inadvertidamente, preocupa-se com os movimentos dispersivos da sua personalidade. Não sabe o homem, que o seu corpo material é aquêle que está mais perto do original da Vida. Quando o homem físico fizer uma visita de cordialidade ao seu corpo somático procurando levar também seus corpos mental e emocional, conseguirá tomar conhecimento daquilo que atualmente desconhece. Talvez possa verificar assim o homem, que o seu corpo físico ainda é uma grande brutalidade tôla e pretenciosa, que deseja garantir a ação dos seus deveres a trôco das imposições, da sua vontade pessoal. Num perfeito contraste, o seu corpo somático, continua silenciosamente aguardando a prática de uma boa disciplina física, para unirem-se num melhor rendimento.

O Homem físico continua teimosamente a perguntar ao seu corpo mental o que deseja o corpo emocional, para se expandir nos movimentos que êle julga de alguma utilidade. O homem que vive a exteriorização da Vida, não sabe que seus direitos residem como substância nata no seu corpo somático. Seus deveres respondem pela autoridade do corpo físico e suas obrigações sòmente dirigem a defesa instintiva da personalidade. Quando o homem descobrir que o corpo somático representa a verdade e que o corpo físico é uma esperança du-

vidosa e ainda, que a sua personalidade permita o intercâmbio das paixões sentimentalistas, decerto voltará ao ponto de partida para começar de nôvo aquilo que fêz errado.

Pela Escola da Vida, sabemos que a célula é uma reação refletora da ação da própria Vida, tangenciando as propriedades ínfimas da sua sublimidade, com as substâncias inerentes que condensam os sêres da Natureza. Assim, como pode o homem-personalidade, conceber direitos a si próprio, se ainda não conseguiu executar os seus deveres físicos, nem conhecer verdadeiramente o valor real das suas obrigações de concórdia para com a sua personalidade? O Homem ainda vive uma perturbação de brutalidade física; os menores gestos são executados pelo impulso obrigatório do corpo emocional, que exigente, impõe a separação do homem perfeito do homem profano. O homem não precisa de ir buscar alhures aquilo que lhe pertence; êle tem dentro de si mesmo, tôdas as respostas às perguntas que faz aos outros.

A Célula é uma condensação de energia; quando em aplicação constitutiva dos sêres, ela se descondensa naturalmente, até pelo desgaste dos sêres em obediência ao tempo, reintegrando-se na própria essência. A Vida da célula é uma fôrça embrionária concentrada da própria essência, na sua vida íntima ela tem um poder de energia que se transforma em atos vibratórios da harmonia da Vida, unindo a ação desta mesma Vida à reação da substância. Sabemos que o átomo é uma potência de fôrça que tem vida própria, dando utilidade à própria energia, para animar as células responsáveis pelos sêres. São justamente os átomos que sublimam o corpo físico, quando da sua decomposição. O corpo físico foi útil pela sua colaboração e sabe esperar pacientemente pelo mau uso do homem, para depois, indiferentemente, aceitar a doce tarefa de restituir à Natureza o que lhe pertence e à Vida a sua própria centelha. Dentro dêste espetáculo encantador vive o homem a tristeza da sua ignorância, preferindo teimosamente articular o falso poder de conquistar aquilo que o prejudica em detrimento dos seus valôres adormecidos. Os eletrônicos constituem um sistema universal do mundo atômico, são simples astros que giram vertiginosamente em tôrno do seu sol,

o protônio. A velocidade correspondente aos eletrônios é exatamente igual ao rítmo que compassa os mundos materiais em tôrno do sol. A única diferença de velocidade entre ambos, está apenas no homem que pretende viver com pressa. Não sabe êle que a velocidade acompanha o mesmo rítmo da Vida, embora esteja aparentemente parado.

5

UMBANDA – A fonte de energia

O Homem deve tomar conhecimento de que os mundos eletrônicos, pelo seu tamanho diminuto são forçados a girar proporcionalmente com muito maior rapidez, para conseguirem a mesma normalidade de rítmo daquele estabelecido pelo tamanho do mundo material. Como será então a Vida, dentro do mundo eletrônico? Não existirão também lá dentro dos seus continentes, se êles sofrem igualmente as consequências do tempo, **(neutrônios)**, êste fator preponderante que elabora as condições termoelétricas, inteiramente favorável àquela situação?

O homem de certo não poderia viver aquela temperatura; mas são estas temperaturas que devidamente conjugadas, preparam o oxigênio de que êle precisa. Como poderia subsistir êstes astros eletrônicos, se não houvesse um centro de gravidade solar, convergindo para êle as irradiações de atividade emanadas de todos?

É êste centro de gravidade que manipula a fôrça centrífuga e a distribuição proporcionalmente àquilo de que cada um necessita. Sabendo-se que tôda ação produz uma reação igual e contrária, podemos concluir fàcilmente que a Vida é perfeita dentro de cada mundo eletrônico, não existindo lá as controvérsias, porque a fonte imunizadora preside o grande espetáculo da fecundação da harmonia. Já o mundo do homem não é a mesma coisa.

Não será a Vida do átomo uma simples imitação da Vida do nosso mundo, ou será o nosso mundo material o resultado

da continuidade lógica da quantidade daquelas Vidas? De qualquer forma, um vive exatamente como o outro vive. Verificamos que o mundo atômico é um gerador que cria a ação da harmonia, para com ela viver como condição primária na modelagem dos sêres dentro do terreiro da Natureza. Sabendo-se que a Vida é uma reação do espaço em silêncio, ela transmite na intimidade da sua essência, a fôrça silenciosa e sublime que vai orientar caprichosamente a sutileza do seu perfume — **Prâna.**

O Prâna, por sua vez pelo pêso natural da sua ação, se envolve na reação da nebulosa (corpo sideral) de ação somática, para criar a energia cósmica, como orientadora da formação dos mundos. A energia cósmica, como fonte de energia aplicada, fecunda as substâncais siderais (ar, água, terra e fogo) como elementos primários da condensação da Vida orgânica. Dentro desta situação em que tudo se elabora de perfeito acôrdo com as instruções silenciosas do Espaço, o homem pode verificar que a sua intervenção está subordinada inteiramente às condições da Escola da Vida. De que forma poderia o homem objetivo (condensado), e sobretudo animalizado, desembaraçar-se para conseguir experimentar a sensação somática em troca dos sentimentalismos físicos que o acorrentam à obrigatoriedade das formas e dos movimentos?

O homem deve saber que é um elemental ativo e deveria empregar a sua atividade em perfeita concordância com a sua vida somática; nunca se deixar prender à ação adormecida dos elementais passivos. O que podem oferecer ao homem os elementais passivos além da sua utilidade transitória? Êles servem de vibração permanente que vive para sublimar a vida do corpo, que tem em si a própria fonte da Vida jorrando abundantemente pelo seu corpo somático a água cristalina do sossêgo do Espaço.

Verifica-se assim, que o homem tem diante de si duas direções a seguir: ou continua o desassossêgo das suas preocupações físicas criadas pelo homem humano, ou delibera por si mesmo aceitar a sua Vida Física. É um pequeno teste de experimentação da capacidade de sua resistência para sentir ou não, aquilo que representa efetivamente de real no panorama que a Vida mostra. A Vida é uma essência que contém todos

os elementos constitutivos da sua formação de silêncio. A Ação do **Prâna** — é um perfume da própria vida, como reação sublime que promana diretamente do átomo de Vida. Dentro do silêncio da Vida, existe apenas a permissão da presença do barulho do **Prâna**, para despertá-la, provocando a reação da nebulosa. A Vida, sendo puramente somática, possui, em sua conformação todos os elementos que autorizam a fecundação dos sêres. O Grande organismo da Natureza não poderia existir, sòmente com a presença da Vida. Se êle não tivesse em si mesmo os elementos correspondentes à sua criação, não permitiria a movimentação ritmada em igualdade ao seu ato de Vida.

6

UMBANDA — A obsessão

A Vida é uma simples partícula de essência de silêncio, desagregada do poder soberano do Espaço.

O Espaço é um lugar com capacidade de fôrça necessária do silêncio absoluto, onde a Vida se manifesta. É dentro do Espaço que a Vida existe. É êste espaço a fonte suprema de sabedoria adormecida. Está nele a causa originária de todos os efeitos conhecidos e desconhecidos. Se não houvesse Espaço não haveria lugar para existir coisa alguma. Pode parecer à primeira vista ao homem desprevenido, que o Espaço nada representa para êle, julga não precisar dêle porque não sabe que é êle que precisa ou seja, porque não sabe que é o Espaço que precisa dele. O que faria o Espaço sem êle e sem o Espaço. É preciso que o homem saiba que é o Espaço quem fornece as distâncias das suas oportunidades, quem permite o esquecimento saudável das suas brutalidades e que favorece o caminho interno para êle próprio.

É dentro do Espaço que o homem vive a falta de ar das suas ingratidões, mazelas e conquistas profanas. Por não saber compreendê-lo pelo sentir de um silêncio reparador, no homem se agita, violentando a sua grande oportunidade.

O elemento passivo, é aquêle que não tem ação própria, que não atua por si mesmo; são os objetivos de serventia material de que o homem comumente se utiliza. O elemental passivo tem apenas **Vida Adormecida,** sem qualquer manifestação de subjetividade capaz de despertar no homem ainda subjetivo. O homem deixa-se prender pelo empobrecimento de

lógica, perfeitamente ao alcance de qualquer um e se posta como covarde, desrespeitando a posição sagrada de adormecimento dos elementais passivos. O homem não precisa olhar para baixo para não prejudicar o que está certo, mas deve olhar para a frente da sua intimidade para encontrar o rumo que êle perdeu atrás, nos caminhos externos da Vida.

Pela Escola da Vida por exemplo, Deus não existe. Êle representa apenas a Vida Sublime, concentrada, sem a sua própria ação. Deus é o Esprito da Centelha de Vida, dentro de uma serenidade relativamente boa, o homem poderá sentir com seriedade que a Vida não sabe que Deus existe. Deus para o homem humano é o **Verbo Sagrado** que materializa a Vida, dando conhecimento da forma à personalidade do homem. O homem cria por hábito, na sua imaginação, um aglomerado de elementais fictícios — para enriquecer o altar do seu **Deus Humanizado** — garantindo com isto, a religiosidade do seu **Peji**.

A Vida material é uma reação suprema contrariada. Esta contrariedade depende do tamanho da sua escravidão. Temos por exemplo, os minerais, os vegetais e os animais. Sentimos pela Escola da Vida, que os minerais, pelo grau de solidez, estão muito afastados da sua escravidão. Os vegetais, pela sua condição de natureza mais sensível, estão próximos de sua escravidão e os animais por sua vez, de acôrdo com a escala zoológica, vão se escravizando até chegarem à escravidão do homem humano. Vamos encontrar animais que dentro da sua escala, estão bem próximos da natureza dos vegetais, assim como vamos encontrar também alguns que pela sua forma excessivamente condensada se aproximam dos minerais, formando o encadeamento perfeito dos reinos, no terreiro da Natureza. A normalidade da Vida pois, é aceitar o que está certo. O distúrbio (obsessão) pode atingir também os vegetais e os animais, além de ser comum aos animais. Quando o homem foge à normalidade da Vida e passa a aceitar as imposições do seu corpo emocional, êle se materializa pelos sentimentalismos profanos, permitindo o seu próprio desequilíbrio ou distúrbio (obsessão). Pela sua rebeldia, o homem afeta prejudicialmente a contrariedade da reação da Vida e com isto êle estabelece um desacôrdo entre a normalidade do que está certo e a imposição da sua rebeldia que nós (o homem na sua personalidade) chamamos de obsessão.

Sabemos que todos os sêres condensados são dotados de corpo somático — e corpo forma (física). Quando por exemplo, um ser vegetal não frutifica (quando deveria fazê-lo) deve haver aí uma deficiência somática, pela falta de conhecimento do homem agricultor que não sabe respeitar a oportunidade da sua própria Vida, são enriquecidos pela ação vibratória do seu corpo somático, tornam-se inúteis a si mesmos e favorecem com a perturbação a necessidade do homem. Se o homem tem podêres para interferir causando distúrbio, obsedando, aos vegetais e aos minerais, teria por sua vez de encontrar uma ação (de magia) correspondente para compreender, pela Escola da Vida, que tudo está certo.

Assim, não poderíamos plantar uma laranja no Oceano Pacífico, como também não seria possível que nascesse um distúrbio (obsessão) fora de um ambiente apropriado. Dentro da Vida reacionária do nosso mundo vamos encontrar o ser primitivo com a denominação de **Ameba.** Não será êste elemento um agente da Magia? Sabemos que para haver magia é indispensável haver também o ritual para a estabelecer (efetuar).

Não seria o cerimonial do Tempo harmonizando com todos os rituais de diversos planêtas que teria permitido (possibilitado) a Magia necessária para a **condensação** do **plasson** e criado a magia da **ameba?** Daí se verifica ser a **ameba** a "fonte-matriz" da formação dos três reinos, como mensageira do **CULTO DA VIDA,** na iniciação da Natureza. Permite assim, que todos os sêres tenham a oportunidade de executar pela forma condensada aquilo que analogamente a própria Vida executa. O que é então a **ameba?** — Não será uma cristalização da poeira cósmica cujas condensações dão origem aos mundos? Sabemos pelo exposto que a poeira cósmica tem a propriedade da formação material do mundo. Necessàriamente recebe a sublime ação do **Prâna** e também do nitrogênio como fontes-fecundantes do corpo somático que fornece assim a **ameba** a vitalidade intrínseca que permite a ação vibratória do conjunto celular.

A simples modelagem do corpo físico dos sêres não garantiria o seu equilíbrio se a substância prânica como ação de atividade não firmasse o direito de cada um dêles. Todos os

sêres em estado ativo vivem a harmonia da lei de gravidade. Os que estão em passividade por falta de substância prânica, devolvem a fôrça resultante da sua composição celular no laboratório das energias cósmicas onde se manipula a formação da **Vida Material.**

Pela Escola da Vida sente-se perfeitamente a harmonia do Universo, o que é que nos impede de conceber que cada Sol exista como centro do seu sistema planetário, como sendo uma realidade no mundo objetivo, e também que se mantenha equilibrado em virtude dos movimentos centrífugos e equidistantes dos planêtas que o rodeiam?

O que é que nos impede de admitir que cada planêta emita ondas vibratórias de luz, calor, eletricidade, magnetismo etc., que alimentando o Sol o transforma num verdadeiro e potente acumulador destas energias emprestadas?

Tudo isto obedece a Leis naturais de atração e repulsão, fenômeno que nós na Terra conhecemos cientìficamente sob a denominação de **GRAVITAÇÃO UNIVERSAL.** Não nos será lícito admitir também, que o mesmo Sol possa devolver a cada um dêstes planêtas que o ajudam a suster-se (para por sua vez sustentá-los) as obras daquelas poderosas energias condensadas, distribuídas segundo as necessidades de cada um, e acrescidas da harmoniosa interdependência o sistema planetário em formação?

Êstes mundos estão **quentes e luminosos** em virtude do formidável rompimento de equilíbrio entre as moléculas das primitivas massas gasosas. Cada um dêles executa os movimentos de que é dotado, o de rotação (em tôrno de si mesmo) é o mais notável porque vai delinear a órbita concernente a cada planêta formador do sistema (conjunto). A nebulosa é corpo sideral de ação somática que vai dar Vida aos mundos. O tempo limitado do homem só lhe permite o espiritualismo objetivo (interesseiro), até que possa resolver completamente os seus problemas transitórios. Não sabe o Homem que êste tempo escasso é suficiente para êle se desligar completamente da forma de exteriorização dos seus desejos materiais, para ir viver a contemplação sublime da Vida Suprema, na representação suprema da sua **Vida Sublime.**

Se todos nós verificamos que os mundos, no silêncio perfeito dos seus movimentos, não fazem barulho, para não pertubarem os sêres, por que então vive o homem a procurar sòmente perturbar-se a si mesmo? Se o homem pudesse comparar proporcionalmente, a intensidade do barulho em que vive, com um possível barulho produzido pelo conjunto dos mundos, de certo ainda se sentiria em sossêgo. Não resistiria ouvir o barulho infernal estabelecido pela grande harmonia dos mundos, protegendo ainda a própria perturbação do homem. O barulho em que o homem vive, sòmente perturba particularmente a si mesmo. Êle não tem fôrças para ultrapassar o seu limite circunferencial; a ação do barulho gira vertiginosamente em tôrno de si mesmo, sem poder fugir do seu centro de gravidade, até centralizar no próprio homem a perturbação correspondente aquelas emanações. O homem procura sempre preencher o espaço de que dispõe com o desassossêgo de violências, criando aí as larvas inferiores de magia que o envolvem totalmente. Impede assim, que êle mesmo possa sentir o perfume da sua Vida, para ser obrigado a objetivar conhecimentos. Êstes servem como meios para ultrapassar as grandes nuvens larváticas que êle não sabe o que é.

Se o homem pudesse por exemplo, ficar no meio de grandes nuvens, com certeza ficaria inteiramente perturbado pela sufocação. Assim acontece também aquêle que cria as nuvens larváticas; depois de certo tempo vai se intoxicando a ponto de sucumbir, vítima da sua imprudência. As larvas (mentalizações-formas) vão formando um potencial de vibrações inferiores, que pelo seu acúmulo podem perfeitamente alterar o próprio caráter do homem.

7

UMBANDA – Manifestação prânica

Existem homens mais ou menos equilibrados, pelo trabalho continuado das suas ações criteriosas, que embora não lhes permitindo uma independência total no plano da sua escravidão material, no entanto, pelo simples fato da sua prudência, certamente aconselhada pelo cansaço do seu sofrimento, já conseguem modificar o rítmo acelerado dos seus sentimentalismos e antes mesmo, de sentirem as reações desta brusca mudança, já podem verificar que sempre existe um grande intervalo entre a brutalidade da sua personalidade e o sossêgo da vida suprema da sua individualidade. O Homem, vida material, é uma quantidade de coisas diferentes aglomeradas, procurando cada uma delas, saber onde está, para ter o descanso tranquilizador de sua própria cooperação. Êle, homem, quando se vê a si próprio, pela sua modalidade imaginativa, não percebe que nada daquilo lhe pertence, porque quando êle se julga homem, êle próprio não sabe que a palavra homem quer dizer **MUNDO PEQUENO,** no qual êle representa tão simplesmente na presença da ação de Tupã. Êle próprio não sabe que recebe da natureza, aquilo que não lhe pertence, aquilo que não é para êle, porque êle não precisa, mas sim, para o seu conjunto de forma material que é a seiva suprema do **Prana Universal.**

O Prâna como perfume sutil da ação da Vida, cria por compensação, o nitrogênio, para poder vencer as situações de aplicação. O nitrogênio vitaliza, fertilizando os sêres íntimos da ação da Vida. Êstes se unem vertiginosamente formando

as nuvens cósmicas que preparam o terreiro da Natureza pelas três manifestações: **Prânicas, anímicas** e **energéticas.**

A manifestação Prânica, pela sua natureza perfeita, é a intermediária entre a Vida adormecida e a Vida despertada. Delas fazem parte o Ar, a Água, a Terra, o Fogo e o Mensageiro Vibratório (eter). A Vida adormecida no terreiro da Natureza, vive o sono inconsciente da sua própria consciência, dando aos animais, vegetais e minerais, no adormecimento daquela sabedoria, a grande harmonia dos seus valôres. A Vida despertada, é a sábia atividade do corpo somático, guardando em segrêdo, para o corpo físico, aquilo que ela sabe mas que êle não pode saber.

A manifestação anímica faz a intercomunicação entre os corpos somáticos e físico, e a fôrça intermediária entre as manifestações prânicas e energéticas. A manifestação energética é o direito da ação do movimento autorizando suas respectivas reações.

O nitrogênio, desde o início da formação dos sêres, é o elemento primordial da sua sustentação energética. Isto porque os reinos da Natureza, num sublime metabolismo, estabelecem mútuas interdependências que se iniciam no **humo** de que se nutrem os minerais (a terra em primeiro lugar). Êste vai alimentar o vegetal que por sua vez alimenta o animal e todos alimentam o homem. Se o corpo somático do homem vive em perfeito entendimento com a sábia atividade da Vida despertada, por que então o homem físico prefere ficar adormecido no pesadelo das suas compreensões interesseiras? Não poderia o homem físico pela disciplina da sua personalidade, aproximar-se do silêncio do seu corpo somático para merecer o direito de despertar também? O que se verifica é que o homem físico, na violência dos seus pesadelos, procura dar atividade à grande passividade do seu adormecimento.

Sabemos que o corpo físico do homem tem uma aplicação inteiramente passiva pela falta de objetividade do corpo somático. Podemos assim aceitar perfeitamente bem, que uma simples partícula do corpo somático seja arquiteto que, tendo passado pela Escola da Vida, tenha recebido a orientação do perfume prânico para saber que a vida existe. Como executor

da formação dos sêres no terreiro da Natureza, êle utiliza o nitrogênio como fonte de vitalidade para fertilizar todos os sêres. A Vitalidade do nitrogênio não é de origem material; êle tira da poeira cósmica a sua própria Centelha de Vida, para formar o poder de irradiação substancial, que interpenetra as quatro substâncias primárias da Vida orgânica.

A atividade do **Prâna** é uma natural reação do perfume da própria Vida, emana a vibração desta existência, para autenticar com a sua presença, o próprio desdobrar da Vida, na renovação permanente dos sêres.

8

UMBANDA – O mensageiro vibratório

Vimos então que o corpo somático é constituído de elementos siderais. É êle quem garante a permanência da própria renovação, como organizador das várias formas. Mantém cada uma delas na distância do tempo e é ainda êle quem serve de desintegrador de tôdas as partículas moleculares, restituindo-as aos seus verdadeiros lugares. O homem é certamente uma consequência de tudo isso. Se podemos verificar com absoluta certeza que a vida se processa desta forma sublime (onde tudo está absolutamente certo), porque então a presença do homem para querer perturbar o respeito soberano das coisas sérias, impondo sua autoridade pessoal, sem a garantia da sua perpetuidade? Notamos fàcilmente uma grande distância entre o homem emocional e homem somático. Será que o homem emocional é um pequeno acidente da grandeza do corpo somático? Ou é o corpo somático que pela sua grandeza quer fazer do corpo humano um corpo simples? Só o homem não quer saber ou não quer compreender a sua própria situação. As teimosias impostas pelo seu corpo emocional, pretendem se expandir no terreno árido dos sentimentalismos grosseiros. Êle foge assim, maldosamente da oportunidade da sua boa origem, para experimentar sensações que divertem a compreensão empobrecida do próprio homem.

O mensageiro vibratório — eter — é o grande elemento sideral que está em tôda parte a o mesmo tempo, sem contudo deixar de ser aquilo que lhe causa ou seja, aquilo que lhe deu causa. Êle vive com a autoridade da sua vibração quando age como ação direta sôbre tôdas as naturezas de Vida e se torna um poder reacionário quando procura levar aos sêres o valor isolado de cada um.

Sabemos que todos os sêres possuem a sua vibração. Como cada um vive a particularidade das suas aplicações e não pode por si mesmo se ligar aos outros sêres, cada um emite a qualidade de valor intrínseco que possui através do seu mensageiro vibratório, para levar ao conjunto o entendimento encantado da Vida.

Êste mensageiro vibratório, inicia a sua grande tarefa quando recebe da manifestação prânica as substâncias necessárias para se tornar perfeitamente em condições de poder ser útil. Sabemos que o mensageiro vibratório não toma conhecimento dos sêres passivos daqueles que estejam em período de transformação. Êle sòmente age quando o ser possui o seu corpo somático em estado condensado, porque o mensageiro vibratório só tem ligação completa com a Vida despertada ou adormecida, mas nunca sôbre o corpo físico material, por ser êste apenas transitório. É êle que recebe da harmonia dos mundos do nosso sistema planetário o encanto da Vida, para encantar também o nosso próprio mundo. É por intermédio dêle que as distâncias são respeitadas, favorecendo o valor concentrado de cada utilidade, para estabelecer a afinidade sublime entre todos.

O entendimento entre os sêres é sempre transitório, quando feito na representação da forma; mas aquêle firmado pelo mensageiro vibratório, se torna permanente, pela sua ligação completa ao corpo somático dos sêres.

Sabemos que a ação isolada da vibração é inteiramente inconsciente; ela se perde no tempo e no espaço, quando não tiver o seu condutor mensageiro para conduzí-la ao seu devido lugar. Por exemplo: a vibração é criada com a própria ação da Vida, quando é conhecida ou seja, quando é conduzida pelo mensageiro da vida: Liga-se à substância prânica para preparar as condições necessárias à formação do nitrogênio. O

nitrogênio por sua vez, envia o mensageiro vibratório da sua vida íntima, de fonte fecundante, para fecundar o corpo somático que vai dar vida ativa à própria reação passiva. É portanto, o mensageiro vibratório quem transmite as ações manifestadas do nosso mundo, levando para o centro de gravidade solar, aquilo que êle é em formação, para depois os raios solares retransmitirem a êle próprio, o de que êle precisa. Afinal o nosso mundo também é uma grande ação em movimento. Poderá o homem julgar que esta ação não tenha diretamente para êle algum valor. Mas, se tôda ação prova a existência de alguma coisa, esta coisa não poderia existir sem uma reação lógica e perfeita. De que forma poderia o nosso mundo estabelecer o seu próprio equilíbrio, se não fôra a conjugação mantida pelo mensageiro vibratório, trazendo do conjunto planetário a fôrça centrífuga de estabilidade?

De que forma poderia o homem interferir neste mundo, se a condição do homem é puramente física e de movimentação emocional? O homem, afinal, vai encontrar no seu corpo emocional a condensação sentimentalista de tôda a sua aplicação consciente, mal dirigida pela falta de escola, tornando-o cada vez mais materializado e grosseiro. O homem é vítima dos seus próprios desacertos. Acredita em tudo que fere os seus cinco sentidos, deixando-se impressionar fàcilmente pela movimentação dos fatos que lhe prendem a atenção, permitindo que os fenômenos naturais da Vida se tornem objetos indispensáveis à sua curiosidade. Não sabe êle ainda, que quanto mais se escravisar na interpretação das formas, como simples efeito, deixa de investigar pela sua independência construtiva, as causas primárias e sublimes que motivam a própria Vida no seu encantamento. Quanto mais o homem teimar na objetivação das coisas, mas foge da sua grande oportunidade. Não compete ao homem saber porque a vida existe, mas sim verificar que êle também é uma gôta d'água do grande oceano da Vida e como tal, deve colaborar numa perfeita harmonia de si mesmo para não desarmonizar os outros.

Se o homem sabe que o seu corpo emocional é o gravador-radar que arquiva tôdas as emanações de sentimentalismos materiais, formando a autoridade diretiva que o governa, porque não procura reagir saudàvelmente, para se libertar da es-

cravidão que o liga a tôdas as coisas, para que as coisas possam viver sem perturbá-lo? O homem de bom sentido, equilibrado, pode aceitar fàcilmente que êle não depende das coisas, assim como tudo que existe não lhe pertence particularmente, mas pertence a todos porque é fornecido pelo terreiro da Natureza e esta é a Vida Suprema na sua igualdade perfeita. Sendo o homem da mesma forma perfeitamente igual na aplicação dos sêres, deve compreender que a relatividade não os separa: ao contrário, deve juntá-los em perfeita harmonia.

As coisas que existem no terreiro da Natureza são sêres que, de formas variadas, vão preenchendo o Espaço para dar vida ao Tempo. Tudo tem a sua finalidade própria e cada coisa é como o homem: efeito de uma causa que a sua curiosidade de materialista não consegue descobrir. Quando o homem fôr manso e inteiramente despreocupado das suas inferioridades; êle poderá verificar com relativa facilidade, a causa de todos os efeitos que o perturbavam. Está no homem, apenas, a grande oportunidade de encontrar, nos instantes sublimes da própria Vida, o modo de sentir, capaz de fazê-lo ligar-se com a sabedoria que preside a realidade da reação da Vida. Esta parte no homem, é ação primordial que o torna inteiramente prêso pelo uso consciente e inconsciente de uma curiosidade permanente aos fenômenos da Vida, dando a todos os fatos as suas impressões pessoais, modificando com isto a realidade sublime das coisas para emprestá-la à sua compreensão ainda empobrecida.

É certamente o corpo emocional que pela sua natureza de Vida sentimentalista, forma o diapasão da valorização da personalidade do homem. O homem é sempre e apenas a soma dos seus três organismos materiais em vibrações perfeitas, multiplicada pelo potencial de valor integral do seu corpo emocional. Aí constrói o homem a sua personalidade superior ou inferior. Se êle se preocupa sòmente com os seus próprios movimentos externos, consumindo com isto energias desnecessárias que não se perdem porque o terreiro da Natureza as absorve, vai se habituando ao desperdício das suas próprias fôrças, que lhe fazem falta nas oportunidades do seu aproveitamento.

Cada homem possui o seu próprio potencial, do qual poderá fazer uso para seu despertar, mas se êle esbanja inùtilmente esta fôrça por falta de escola da Vida, estará permanentemente enfraquecido nas suas energias vitais, para conseguir sentir a tormenta que a Vida traz para o homem. Cada um de nós, homens, aceita com bastante lógica, que o maior poder da nossa personalidade, seja do nosso corpo emocional. Parece não haver a menor dúvida sôbre isto, todos nós sentimos que somos inteiramente escravos dêle. Nenhum de nós pode agir nem reagir sôbre qualquer assunto da Vida sem a interferência direta da autoridade imperativa do nosso corpo emocional. É êle que forma o ectoplasma atômico de vibrações inferiores, dando autenticidade ao conhecimento objetivo da Vida para experimentar o homem na sua trajetória.

9

UMBANDA — *A centelha da vida*

O homem, êste ser emocional, inocente e puro, desprevenido pela falta de uma boa escola da Vida no terreiro da Natureza, vai se deixando envolver pelas expressões externas e passageiras, aceitando tudo pela transmissão dos seus cinco sentidos, sem, no entanto, verificar que tudo que existe de material são simples degraus que formam a passagem sublime no seu próprio caminho. Está certamente na forma de curiosidade interesseira a expansão reacionária do corpo emocional do homem. Quanto mais o homem se ligar violentamente ao mundo objetivo, mais vai alimentando o poderio do seu corpo emocional que se vivifica pelo acôrdo das teimosias do homem objetivo, fornecendo vitalidade ao corpo emocional e recebendo todos os direitos adquiridos que o próprio corpo emocional do homem impõe à liberdade do homem. Sabemos que o corpo emocional do homem é uma forma abstrata, sem organismo físico, mas que vive inteiramente da fisiologia do homem. Êle recebe tôdas as vibrações do corpo físico, e ao entrar em contato com o corpo somático, estabelece uma atração de ordem natural. Registra assim, as sensações físicas desorganizadas pelo homem, transmitindo-as à grande sutileza do corpo somático, criando o entusiasmo do homem para o homem. Reside nesta ligação o único segrêdo que o homem precisa conhecer, para saber usar com disciplina o seu corpo físico, a fim de organizar uma perfeita união entre ambos e conseguir anular saudàvelmente o grande desacerto dos seus sentimentalismos. Naturalmente o nosso corpo emocional já

se tornou um grande patrimônio afetivo que domina inteiramente todos os nossos propósitos. Situação perfeitamente lógica, porque cada um de nós continua teimosamente a usar muito mal a Vida e os movimentos do próprio corpo trazendo com isto os resultados continuados de uma ligação imperfeita que colabora para a formação do ambiente desajustado na **Vida-Forma** que teremos de passar.

Se o homem ainda tem a grande necessidade de viver na forma física, terá certamente de encontrar os meios suasórios capazes de resolverem o seu grande problema. Enquanto não conseguir equilibrar-se satisfatòriamente, arrastará consigo tôdas as conseqüências da sua teimosia e ficará permanentemente sujeito aos desmandos da própria desarmonia intransigente.

Não será fácil ao homem conseguir dominar o imperativo do seu corpo emocional: terá sempre neste setor da sua vida orgânica, o grande e único segrêdo de que só tomará conhecimento pela aplicação de um sentir saudável. Conseguirá, assim, descondensar-se pouco a pouco, sem prejuízo dos valores emotivos, estabelecendo uma ligação tranquilizadora entre a vida sublime do corpo físico e a sublimidade do corpo somático. Se não existisse uma perfeita cooperação da harmonia entre a Vida do nosso corpo físico e a Vida do corpo da própria Vida, como poderia o homem, na situação de personalidade ativa, ter contato com todos os assuntos e dêles tirar a própria sensibilidade manifestada para ensinar ao homem o caminho do sentir saudável? Naturalmente já podemos compreender que o corpo físico do homem não possui sensibilidade própria, para não prejudicar a ação da sua Centelha de Vida. O objetivo da Vida condensada não é dar expansão a caprichos que em si mesmo não existem, mas sim, proporcionar como fôrça sublime de um ser da Natureza, o grande aproveitamento da presença de uma fôrça de energia superior, que se utilizará desta oportunidade para, através da radioatividade do corpo somático se ligar inteiramente como ação positiva na Vida manifestada. Tôdas as manifestações sensíveis são reproduzidas no corpo físico do homem pela reação natural exercida pelo corpo somático, como intermediário, que é entre a Vida descondensada e a Vida condensada.

O corpo físico do homem é um ser passivo que pela sua própria natureza de aperfeiçoamento na escala fisiológica, pode tornar-se ativo quando movimentado pela ação somática da irradiação de uma Centelha de Vida. Reside justamente nesta grande particularidade física e somática do homem, o segrêdo originário de tôdas as suas atividades. É êste conjunto quem autoriza, pela sua expansão, todos os movimentos emocionais, sentimentalistas e de completo apêgo à própria situação. Naturalmente que esta pequena semente plantada no terreiro da Natureza, como princípio originário da Vida, vai pouco a pouco se desenvolvendo e com ela a própria defesa instintiva de emotividade e sentimentalismos, pelo grande apêgo da própria existência até formarem o grande patrimônio moral materializado que forma o homem ainda inferior. A nossa situação é pois, o produto direto de uma formação de natureza material, perfeitamente de acôrdo com a própria ação material da Vida condensada. Assim tudo está inteiramente certo: a Natureza não erra na contextura da sua organização, puramente formada em obediência às leis que governam a Vida descondensada. A organização da personalidade do homem, se faz pela realização paulatina operada nos três fatôres fundamentais da Vida manifestada. O homem formado dêstes três elementos que são organismos condensados, tem no sentimental, emocional e somático (físico) a base constitutiva da forma que manifesta no terreiro da Natureza: Primitiva, inferior e superior.

O corpo físico é formado pela grande harmonia do corpo somático que organiza o grande maquinismo interno para receber o combustível da Natureza, conservando acesa a chama sagrada da própria Vida. O Corpo físico tem ainda um grande lençol (pele) devidamente rendado (póros) que permite a respiração prânica para vitalizar e arejar êste grande maquinismo. É certamente a Vida somática que opera como elemento fertilizante, preponderando para a sua vitalização particular, mantendo assim a ação da forma e dos movimentos. A Vida do corpo físico do homem pela sua natureza de existir produz rituais, que criam vibrações de magia, contaminando os instantes do tempo para formar externamente o seu próprio ambiente, ao qual fica subordinada.

Êste conjunto de três elementos é constituído por fôrças desiguais, possuindo cada um, uma utilização tôda especial na aplicação de Vida manifestada. Pela experiência do poder diretivo de Centelha de Vida que está presente, êste conjunto se aplica de maneira primitiva, dando ao homem o direito de viver o seu período de primitivismo. Sabemos perfeitamente bem que o homem primitivo é inteiramente puro e inocente, porque vive da sua suprema ignorância. Neste período de Vida aplicada êle vai adquirindo conhecimentos que lhe são fornecidos pela grande admiração da sua curiosidade instintiva. Êste período é sempre relativamente curto, porque a sua capacidade aquisitiva de curiosidade não tem ainda valor de maldade, nem autoridade moral inferior, para levá-lo a uma demora desnecessária. Quando êste pequeno mundo está formado para êle, começa a germinar uma série de atividades íntimas de vidas inferiores, como resultado lógico de uma aplicação primitiva, que vai formando o grande potencial que dará orientação diretiva de conhecimentos sentimentalistas.

10

UMBANDA – O homem inferior

O homem é como todos os sêres da Natureza; só desperta quando sacudido por uma fôrça superior à sua, para verificar que deve reagir conscientemente e começar a explicar pela sua vontade todos os fatos e fenômenos que se processam. O homem primitivo é aquêle que ainda vive os seus sentimentos, sem qualquer compreensão consciente: tudo nêle é Natureza adormecida, quer tudo sem saber porque e vive sòmente o desejo de agradar à sua moda as próprias vontades da curiosidade instintiva, não tendo absolutamente qualquer noção do que esteja fazendo. Êstes homens são como as crianças que precisam de se alimentar sem saber que estão com fome.

Naturalmente, já sabemos que dentro do Terreiro da Natureza nada se perde, tudo se transforma. Assim também o homem primitivo vai se transformando pouco a pouco, até atingir o segundo período de homem inferior. Êle inicia então os seus entendimentos para dar uma direção interpretativa aos fatos que se sucedem em tôrno de si.

Já compreendemos pela Escola da Vida, que a Vida é perfeita e absoluta e que, por isto mesmo, ela própria favorece até mesmo ao homem inferior, quando, no seu período inferior, êle consegue entendê-la na relatividade da sua opinião grosseira. Vivendo como vive da admiração curiosa da Vida externa, êle terá de traduzir com os espantos de ingenuidade, tudo aquilo que vai percebendo. Todo homem inferior só pode realizar inferioridade, acrescida ainda do enorme poder aquisitivo que o vai prendendo cada vez mais à preocupação per-

manente da agitação do seu corpo emocional: êle só pode justificar-se pela explicação das suas emotividades. Não tendo ainda adquirido a sua própria liberdade sadia, êle vive como escravo dos sentimentalismos ilusórios, que ainda exercem uma grande influência sôbre o seu govêrno em estado adormecido.

O Homem inferior é aquêle que ainda não pode fazer uso próprio do seu corpo mental; vive das conclusões externas, observadas pelos cinco sentidos. É aquêle que não pode sentir a Vida, porque deseja apenas compreendê-la no vazio da sua imaginação criadora e infantil. O período vivido pelo homem inferior é reconhecidamente muito maior do que aquêle vivido pelo homem primitivo. Enquanto no homem não existem quaisquer parcelas de responsabilidade sôbre as suas atitudes, no homem inferior começam os primeiros lampejos de uma atenção que se vai despertando pouco a pouco, fazendo acordar nele os primeiros interesses pessoais. E é pelo despertar dêstes interesses que o homem vai constituindo o seu patrimônio que apesar de não ter nenhum valor para a realidade de sua vida sublime, não deixa de ser um dos caminhos de experimentação para amadurecer através longo período, todos os desatinos despertados pela incompreensão até conseguir adormecer saudàvelmente, um por um, proporcionando-lhe o sossêgo.

A inferioridade do homem é notada pela forma como se conduz. Os seus temperamentos, as suas vontades pessoais, as suas queixas e rebeldia e modo de indisciplina como trata o seu corpo físico e o seu corpo mental, a falta de educação quando se comunica com os estranhos e até mesmo pela falta de respeito que tem a si mesmo.

Tudo isto prova a grande inferioridade do homem em completa oposição ao direito que êle tem à Vida. Já sabemos que cada homem tem todos os direitos à completa liberdade de ação. Assim pois, a fôrça de cada um poderá ser utilizada para os sistemas que entender. A própria Vida autoriza completa liberdade; porque então o homem sòmente maneja esta fôrça para a parte inferiorizada e confessa desonestamente que não pode dirigí-la para o lado superior?

O homem inferior sempre demonstra covardia nos mínimos detalhes de qualquer ato que executa. Êle não nota sua conduta, porque está inteiramente aclimatado ao próprio

sistema de inferioridade; tudo para êle está certo pela perfeita correlação que existe entre o modo de aceitar as coisas e a forma de se aplicar desatenciosamente, não guardando o devido respeito sublime que a Vida representa no seu pequeno mundo, para praticar abusivamente desatinos incoerentes que não condizem com as boas normas de Vida equilibrada.

O homem inferior é aquêle que julga pelos julgamentos inferiores da sua pobreza orgulhosa e ostensiva. Todo homem que vive a covardia natural dos seus instintos animais, não sabe (porque não pode saber) que cada covardia é produto de vaidade adormecida, que se expande como irradiações de orgulho. Certamente que o homem, ainda no período inferior, está inteiramente subordinado aos testes de experimentação do seu corpo emocional para conseguir se descondensar da forma de **Natureza Física** e saber anular saudàvelmente, sem qualquer prejuízo da sua necessidade a forma condensada. Na descondensação paulatina êle conseguirá, então integrar-se como essência desmaterializada nas aplicações mais sutís que a Vida executa.

O homem inferior compreende a Vida pelo aspecto de absoluto interesse; tudo nêle só tem valor quando traduz um entendimento que agrade o seu modo de aceitar as coisas. Como vive só das aparências manifestadas que ferem os seus cinco sentidos, êle deixa-se envolver pelas impressões digitais da vida orgânica, não se lembrando de que existe algo que deu motivo a estas impressões de que é justamente o único causador.

Há uma grande ação ainda em reminiscência de covardia, que o homem adquiriu na sua formação primitiva, dentro do terreiro da Natureza, que permanece como fôrça ativa, provocando-o constantemente para o seu despertar. O homem inferior poderia, se quizesse, aproveitar o seu tempo procurando habituar-se ao desenvolvimento do seu sentir sublime, para despertar a razão de ser das causas maravilhosas da Vida, ao invés de materializar as suas preocupações pelo constante treinamento da fôrça de sua atenção aplicada. É o próprio homem quem força, pelo mau uso, a natureza de fôrça da sua própria forma de atenção, empregada no seu período de Vida condensada. Já sabemos pela Escola da Vida, que êste modo de dar-

mos atenção às coisas é o diretor-chefe que ordena a direção executiva daquilo que o homem faz.

É da atenção (e muito particularmente do modo de sua aplicação) que resulta o govêrno das vontades pessoais do homem, conduzindo-o à prática de desatinos, que a própria atenção dada pois ao estado verdadeiro, primitivo, de inconsciência, procura justificar, sem, no entanto conseguir concordar nem mesmo com a própria opinião. O homem inferior é aquêle que sempre dá atenção a tudo, porque não sabe que tudo é a própria vida onde êle ainda é um simples representante porque a sua atenção está presente. É a atenção do homem quem forja tôdas as atitudes que deverão ser tomadas por êle. É ela ainda que estabelece o calendário para o homem determinar o momento exato de festejar as explosões violentas que êle julga de acôrdo com o seu temperamento inferior. Verificamos que a Natureza põe tôdas as coisas sàbiamente nos seus devidos lugares. E o homem, dispõe da sua atenção violenta para desarrumar culturalmente tôdas as coisas e ainda dar aos lugares o julgamento criador de objetos imaginários que só existem na sua atenção. A forma de atenção aplicada ao homem, ainda é objeto de grande curiosidade. Ela demonstra que o homem não sabe que o seu saber ainda adormecido não pode conversar com êle, para lhe dizer que êle já sabe se quizer, aquilo que pensa ignorar. Não está no conhecimento objetivo a sua finalidade subjetiva, mas sim, no modo de poder sentir com subjetividade sublime, o grande conhecimento da indiferença construtiva.

O homem deve compreender que, pelo modo de aplicar sua atenção, êle vai materializando cada vez mais a sua personalidade, a ponto de se escravisar inteiramente aos fenômenos físicos, permitindo com isto, a criação de uma segunda natureza que forma os sentimentalismos obrigatórios da necessidade de permanecer indefinidamente na Vida Física aplicada. Sabemos que o homem é aquilo que êle pensa e realiza de acôrdo com o valor da sua atenção projetada. Quando por exemplo, não gostamos de uma determinada pessoa, se não dermos ao fato a devida atenção, naturalmente nos esqueceremos e esta inferioridade se descondensará com o tempo. Se, maldosamente porém, procurarmos conservar esta atenção pe-

los caprichos da inferioridade, nos tornaremos criminosos. Verificamos assim, que todos os **crimes e perversidades** são consumados pela teimosia de darmos atenção demorada, de acôrdo com as exigências impostas pelo nosso corpo emocional, que sempre tem razão em não permitir que os outros a possam ter também.

11

UMBANDA – *Advertência final*

A atenção no homem é apenas uma simples formalidade que êle externamente usa para tomar conhecimento das coisas, à sua moda e poder julgá-las por êle mesmo. A atenção no homem é uma preocupação permanente que o afasta da oportunidade de estar tranquilo e manso para verificar melhor aquilo que a desconfiança da preocupação não permite. Se já sabemos pela lógica que não existem duas coisas inteiramente iguais, que é o proveito da nossa atenção curiosa, de querer duvidar daquilo que está certo? Naturalmente, é o nosso corpo emocional quem emite as impressões tentadoras, para perguntar à nossa atenção onde existem mais novidades que sirvam para o seu divertimento. E o homem, êste pobre ser que possui a fortuna da própria Vida, continua na miserabilidade da sua teimosia. Dizem os homem da ciência criminológica, que todo crime é produto do fator intencional do homem. Como pode o homem viver intencionalmente para o mal, se êle é dirigido pelo seu corpo somático, como fonte propulsora de Vida Sublime?

A Escola da Vida, compreende que o homem é governado pelo seu corpo emocional, estado de profundo sentimentalismo humano. Esta modalidade no homem não tem condição diretiva aplicada, mas sim, uma condição de receptividade apenas, e que sòmente pela atenção objetiva dos fatos êle poderá executar com o acôrdo do seu corpo emocional, as deliberações que ambos tenham tomado.

Aquêle que sabe que a Vida do homem é **Cento Por Cento** somática, em obediência à constituição de todos os sêres, não compreende a direção intencional, mas simplesmente os governos de atenções que o homem inferior acertadamente executa porque é ainda inferior.

A atenção é uma função aquisitiva, que, como agente direto do corpo emocional, vai requisitar pelo memorando da curiosidade, todo material interesseiro e profano, para ser utilizado pelo corpo emocional do homem. Ambos se equivalem perfeitamente: enquanto um funciona na vida interna do homem, a outra executa na sua vida externa a mesma função e pelo bom entendimento de ambos, vive o homem permamentemente perturbado. Como poderia subsistir a capacidade vibratória do corpo emocional, se não existisse a projeção funcional da atenção? O corpo emocional é apenas um grande condensador que vai manipulando cuidadosamente as investigações fornecidas pela atenção aquisitiva, que, fertilizando o ambiente externo do homem, conserva o equilíbrio do valor de cada um.

Aceitando a hipótese da existência do valor intencional no homem, teríamos de concordar que cada homem inferior possui intenções inferiores e cada homem superior as possui de forma superior. Mas verificamos que existem homens que apesar da sua boa norma de conduta, se tornam de um momento para outro, criminosos.

Certamente as suas intenções em tal situação não permitiram resvalar desastrosamente para desmentir os seus propósitos; mas acontece que todos os homens são criminosos na oportunidade da sua atenção envenenada. A própria intenção seria um crime permanentemente adormecido no homem, e assim, a Vida estaria compactuando secretamente com atos que não condizem com as suas finalidades.

O que é certo é que não existem homens maus, mas sim, completamente ignorantes.

O homem mau, é sòmente aquêle que habita o seu próprio mundo de divagações comparativas e que procura se abrigar na irradiação do seu corpo emocional. Como poderia a Natureza, na majestosidade da sua perfeição, consentir que

no seu reino, existissem sêres que tivessem o direito de profaná-la, ultrapassando os limites dos seus próprios valôres?

Certamente que a ação da Vida é perfeita e tudo que nela se compõe como reação terá de ser igual e contrária. Apenas o homem aceitou para si o modo de se enganar a si próprio, mantendo desonestamente a boa regularidade de uma Vida maldosa. O que o homem não deve e nem pode, é permanecer nesta triste confusão de ser e não ser ao mesmo tempo, estabelecendo continuadamente o atrito prejudicial entre os seus três organismos materiais, para prendê-lo indefinidamente na obrigatoriedade de forma e dos movimentos.

A ação da Vida fornece os instantes do tempo para serem preenchidos pela condensação da energia somática, que, localizando-se num determinado lugar, consegue reunir todos os elementos afins para a constituição do corpo físico. Tudo isto se processa sem a interferência do homem; sua presença sempre tardia, não lhe permite interferir em coisas sérias para as quais não está preparado.

Enquanto o homem viver o sistema das preocupações transitórias, como que duvidando do seu próprio valor intrínseco, estará exposto às conseqüências de aparentar valôres superfluos.

II Parte

CURIMBAS

NESTA SEGUNDA PARTE, PUBLICAMOS NUMEROSAS CURIMBAS, CANTADAS NAS SESSÕES DA TENDA MIRIM, E HOJE LARGAMENTE DIFUNDIDAS EM TÔDAS AS SUAS FILIADAS

CABOCLO MIRIM — Chegada

Com sua flecha e seu bodoque
A girar, a girar.
Vem cumprindo a lei que traz de Juremá.
Penacho lindo eu nunca vi assim
Quem vem na Umbanda saravá
É o caboclo MIRIM.

CABOCLO MIRIM — Chegada

Quando êle vem lá do Oriente
Êle vem com ordem de Oxalá — Bis
Sua missão é muito grande
É de espalhar a caridade
e seus filhos abençoar
Eu saravá mamãe oxum
Eu saravá papai oxalá
Eu saravá o seu MIRIM
Êle é o nosso rei
É dono dêste jacutá

OGUM ROMPE MATO

Ogum quando chega do reino
Todo mundo canta, quer saber quem êle é

Êle é Rompe Mato de Umbanda
Êle vem de Aruanda
Salvar filhos de Umbanda, ogum iê.

FILHOS DE UMBANDA

Seu galo canta ao romper da madrugada.
Seu galo canta ao romper do dia.
Zambe é seu pai
Estrêla é sua guia
Saravá filho de Umbanda
No rosário de Maria.

GENERAL OGUM

Senhor general Ogum
Êle foi, praça de cavalaria
Êle tinha 7 espadas que me defendia
Eu quero Ogum em minha companhia

POVO DO MAR

Eu de cá e suce de la.
É ni meio, é ni meio do mar.

PONTO DE DEFESA

Bota barco em terra
que vem temporá
Povo de Umbanda
Que povo será

CABOCLA IZABEL

De pedra em pedra na cachoeira
Vem a cabocla como vem ligeira (bis)
O sol agora ilumina o céu
Aqui baixou a cabocla Izabel,
Sua falange para trabalhar
Com as ninfas das ondas do mar.

CABOCLA JUREMA

Que lindo capacete de penas
Tem a cabocla Jurema (bis)
Eu vi, quem lhe deu foi Oxalá
E, e, e, e, a.

TIA MARIA — Despedida

Ai quem me dera
A sua terra (bis)
Com 7 macambas com 7 cambonos e com 7 cangas
Com 7 filhos e a proteção de meu pai Oxalá.

Foi nos caminhos jacutara
Onde eu plantei a minha guia
Vim aqui firmar meu ponto
Com Deus e a Virgem Maria.

PONTO DA SEREIA

A sereia canta, eu ouvi cantar (bis)
O canto da sereia, Ogum
Faz admirar.
Saia do mar, sereia
Saia do mar e venha brincar na areia

CABOCLO ARRUDA

Fui buscar em meu conga
Que deixei lá na Aruanda
Ahi vem o caboclo Arruda
Prá vencer esta demanda.

PAI JOAQUIM

Pai Joaquim, ê, ê
Pai Joaquim, ê, á
Pai Joaquim vem lá d'angola
Pai Joaquim é d'angola angolá

PAI ROBERTO

Bate na cumbuca
Repinica no conga
Arreia minha povo
Ora vamos trabalhar.

ESTRÊLA GUIA

Oh! estrêla do Céu que enviou nosso Pai
Oh! estrêla do Céu que enviou nosso Pai
Guiai êste filho o caminho que vai
Guiai êste filho o caminho que vai
Oh! estrêla do Céu que me dizes que há
Povo de Umbanda que povo será
Povo de Umbanda que cai no congá

MIRIM

Caboclo Mirim o que é que você quer
Fôlhas verdes de Guiné
Caboclo Mirim, o que é que você quer
Fôlhas verdes de Guiné
Zum, zum, zum, aruê
Zum, zum, zum, Nazareth
Zum, zum, zum, aruê
Zum, zum, zum, Nazareth

CABOCLO DE ARIRAJARA

Com tanto pau no mato
Eu não tenho guia
Caboclo Arirajara
Vai buscar a guia.

Com tanto pau no mato
Eu não tenho guia
Vai buscar a pemba
Pra cruzar a guia.

Com tanto pau no mato
Eu não tenho guia
Caboclo de Arirajara
Já cruzou a guia.

SALVE PAI MIGUEL

E aruê, e aruá
Povo de Umbanda quer chegar.
E aruê, e aruô
Povo de Umbanda já chegou.

Bate na porta vai ver quem é
Quem está aí é Pai Migué
Bate que bate vai ver quem é
Vem Saravá filhos de fé

SALVE UBIRAJARA

Corto linha corto mironga
Corto língua de faladô
Aonde eu passo não há embaraço
Chegou Ubirajara de peito de aço.

Alevanta o pé
Desce o pé devagá
Olha o espinho no caminho,
Você pode se espetá

MEIA NOITE

Já é meia noite, e o Galo cantô
Quando o Galo canta, oh! gente
Naruanda andô
Naruanda andô, naruanda andô
Quando o Galo canta oh! gente
Salva Deus Nosso Senhor.

Tran, tran trancarrua
Eu já chegou,
Tran, tran trancarrua
Vem na paz de Deus.

SALVE CALUNGUINHA

O dia amanheceu na Calunga
Falas direito na língua de Zunga.
O dia amanheceu na calunga
Tua falas direito na língua de Zunga.

JUREMA

Na minha mata eu sou caboclo,
Eu sou filho de Arranca Tôco,
Na minha mata, lá na Jurema,
Nada se faz sem ordem suprema.

NOSSA MÃE

Baixai, baixai como a rosa,
Maria, nossa mãe extremosa, (bis)
Anda ver todos os filhos de aruanda
Trabalhando ni congá em sua lei de Umbanda.

SALVE NOITE DE ALEGRIA

Hoje é noite de alegria,
Quando o galinho cantou,
Trazia a fitinha nos pés
E a cruzinha do Senhor,
É de Có é de Có có có có
Terreiro de Umbanda
Sete Encruzilhadas chegou, bis, bis, bis...

SARAVÁ O ANDÔ

Oh! que santo é aquêle
Que vem no andô
É minha mãe do Céu
Com Nosso Senhor.

É zum, zum, zum
Chegou o Nazareth
Veio lá das matas
Salvar filhos de fé

OXOSSI

O viva Oxocia
Somos guerreiros de Umbanda
O viva Oxocia.

7 ESPADAS DE OGUM

Eu tenho 7 espadas
Pra me defender
Eu tenho Ogum em minha companhia
Ogum é meu pai
Ogum é meu guia
Ogum é meu pai
Venha com Deus e a Virgem Maria.

BAIANA DE MUSSANGA

Sou baiana de Mussanga
Samba aqui, Samba acolá, rapara.
Se tu és filha da mesa minha filha
Aí ninguém pode te levar.

Aí ninguém pode te levar
Samba, aqui, samba acolá, repara
Deixa ver a sua guia minha filha
Deixa ver a sua congá

Deixa ver a sua congá
Samba aqui, Samba acolá, repara
Meu congá é de mussanga minha filha
Minha guia é de oxalá

MESTRE LUIZ

Mestre Luiz chegou
E mestre Luiz baixou
Mestre Luiz chegou
Pra levar todo o mal
De minha ze filha
De sua congá para o fundo do mar, e, e,.

FILHOS DE FÉ

De quando em quando,
Quando eu venho de aruanda
Trazendo Umbanda pra salvar filhos de fé
O marinheiro olha a costa do mar
O japonês, o japonês
Olha a costa do mar,
Agô, Agô, Agô é Timbiry
Olha a costa do mar
É do oriente.

SALVE POVO DA BAHIA

Bahia, Bahia, Bahia, S. Salvador,
Quem nunca foi a Bahia
Não sabe o que é coisa boa.

SALVE URUBATÃO

Salve Urubatão de guia
Veio para nos salvar
Arrebenta corrente de ferro e de aço
Estoura cadeia de bronze.

SALVE ESTRÊLA GUIA

Estrêla d'alva é nossa guia
Clareia o mundo sem parar, (bis)
Alumeia a mata virgem,
Cidade de Jurema, (bis)
E vinda, vinda companheiros
Co, coró, co, co
Ai de mim meus companheiros
Ai de mim, só só

SALVE CABOCLO DA MATA

Oh! caboclo da mata
Porque come fôlha,
zim, zim, zim, na aruanda, ê (bis)

SALVE SÃO MIGUEL

Olha Ogum está na ronda
Quem está chamando é S. Miguel,
Lé, Lé, Lé, o povo de Umbanda,
Quem está chamando é S. Miguel

SALVE REI DO CONGO

Atuia, atuia, assobiou, assobiou, (bis)
Rei de Congo, fala,
Meu tambor batia,
Ai, ai meu povo e vem ahi

SALVE FUNDANGUEIRO

Quem bota fogo na fundanga,
É fundangueiro, bis, bis, bis,

SALVE PAI FRANCISCO

Aqui baixou o Pai Francisco
Trazendo a paz de meu Pai.

SALVE OGUM

Marchai marchai, Ogum de guia,
Estrêla D'alva e da Virgem Maria, (bis)
Oh! vem com a vossa espada
Vem salvar os vossos filhos
Que se acham em agonia, (bis)

SALVE 7 ENCRUZILHADAS

Ó velhas abnegadas do rebanho de Maria
Salve o 7 Encruzilhadas
Salve a Estrêla da guia, (bis)
Salvai, salvai o doce nome de Maria
A Virgem da Piedade
Há de ser a nossa Guia, (bis)

SALVE ARAGUARIBE

Com sete meses de nascido,
A minha mãe me abandonou, (bis)
Salve o nome de euxoce
Foi Tupy quem me criou, (bis)
Companheiros de Jurema
Có có ró, có có
Ai de mim meus companheiros
Có có ró có có, (bis)

OGUM MEGÊ

Mamãe que cavaleiro é aquêle?
Que pisa com arrogância nesta terra
Oh! Êle é Ogum-Mege,
Que veio da batalha
Com sua lança de guerra.

PONTO PARA ACALMAR O TERREIRO

Ai Jesus, Jesus morreu na cruz (bis)
Chegou Araribóia, chegou Araribóia
Salvai Jesus na Cruz, (bis).

PONTO DE ATAQUE PARA OBRIGAR O ESPÍRITO PERTURBADOR A DEIXAR O TERREIRO

Tum-tum bateu na porta,
Tum-tum vai ver quem é?
Meu pai era caboclo
Ora vamos saravá lá no congá
Oi! Espada de meu Pai
Ora vamos saravá lá no congá

Jesus, padeceu e morreu
Oh! Quimbanda
Quando Jesus, Oh! Quimbanda
Ressuscitou, Oh! Quimbanda
Foi o Africano? Oh! Quimbanda
Que aqui chegou, Oh! Quimbanda.

SALVE PAI JOÃO

Bate na cumbuca
Repinica no congá
Chegou minha povo
Ora vamos trabalhá

SALVE SANTO ANTÔNIO

Ai, meu Santo Antônio
Ai não me deixes ficar sòzinho.
Ai de mim meu Santo Antônio,
Ai não me deixes ficar sòzinho, (bis)
Santo Antônio é de mundo nôvo
Ai não me deixes ficar sòzinho

PONTO DE FIRMEZA NUM CASAMENTO

Cruzai, oh! cruzai, cruzou,
Por ordem de Zambi, o Nosso Senhor.

PONTO DE DESCARGA

Eu sou da mata,
Oh! que mata é a sua, (bis)
Oh! que mata é a sua, (bis)
É de lá ou é de cá
Aonde pia a cobra
Onde canta o sabiá
Eu sou da mata
Sou da tribu do Cajá
Eu vou buscar minha falange
Para vir descarregar, (bis)

SALVE OGUM

Olha Ogum naruê, chegou
Olha Ogum naruê, baixou,
Eu sou filho de Umbanda
Ogum não me saravô.

SALVE COQUEIROS (caboclo)

Salve conchinha da praia
Salve tudo que aqui está
Salve oh! minha mãe sereia
Lá no fundo do mar.
Salve o caboclo Coqueiros
Salve o cabiclo que aqui está
Salve minha mãe sereia
Lá no fundo do mar.

SALVE MARIA REDONDA (Filha de Congo)

Quem vem lá, quem combate demanda,
Filha do Congo, é Maria Redonda.

CABOCLO DA LUA

Luar! Luar!
Caboclo da Lua vai baixar
Vai dizer à sua mãe
Que o "Terreiro" vai salvar

Luar! Luar!
Caboclo da Lua já baixou
Vai dizer à sua mãe
Que o "Terreiro" já salvou.

CABOCLO ARACATI

Sou filho das montanhas,
Da tribo Goitacaz
Meu Pai era o Cacique
Minha irmã era Araci
Eu me chamo Aracati.

OXALÁ

Oxalá, meu Pai
Tem pena de nós tem dó
A volta do mundo é grande
Seu poder inda é maior.

SANTA BÁRBARA

Eu vi Santa no Céu
A tempestade no mar abrandou.

SALVE CAUBI

Salve um povo guerreiro
Salve um povo guerreiro
Salve a tribo de Almorés
Salve a falange do bem

Salve os filhos de fé.
Saibam lutar com carinho
Saibam vencer com amor
Pela causa dos que sofrem
Pela cruz do Redentor.

SALVE COSME E DAMIÃO

Cosme e Damião
Rei de Umbanda já chegou,
Meu Deus, Cosme e Damião
Ajudai aos seus irmãos, meu Deus.

SALVE POVO DA BAHIA

Oh! meu Senhor do Bonfim
Valei-me S. Salvador
Vamos salvar nossa gente
Povo da Bahia chegou.

PRÊTO VELHO

Nós que somos pretos
Rei de Congo não se dá
Ora vamos rei de Congo saravá
Aruê, Aruá
Rei de Congo ora vamos saravá.

Andei sete noites, andei sete dias
Samba lele cachicore
Minha 7 the macambas
Minha 7 the cambonos
Samba lele machicore.

SALVE SIMIROMBA

Com a sua cruz na mão, simiromba,
Como vem contente, simiromba,
Simiromba vem, simiromba
Trazendo a sua redenção, simiromba.

SALVE CONGO

Gira de Congo eh!
Gira de Congo eh!
Gira de Congo, são saravá, eh!
Gira de Congo eh!
Gira de Congo eh!
Gira de Congo, são saravá, eh!

SALVE OXOSSI

Com 7 meses de nascido,
A minha mãe me abandonou, (bis)
Salve o nome de Oxossi,
Foi Tupi quem me criou, (bis)
Companheiros de Jurema,
Cocoró có
Ai de mim meus companheiros
Cocoró có

SALVE CASTORINA E CATARINA

Vou me embora, vou me embora
Vou me embora, pra Bahia, ia, ia
Bumba estipumba Catarina,
Bumba estipumba Castorina.

SALVE MIRIM

Adeus, adeus, Mirim vai embora
Oh! fiquem com Deus e Nossa Senhora.

SALVE PAI ROBERTO

Adeus, adeus que eu vou embora
Quem fica não vai, quem vai agora.

SALVE O POVO DO MAR

Esquidim, esquidim, esquidim,
Oh! mujongo,
Olha lá no mar
Olha lá no mar, Oh! mujongo
Olha mujongo no mar,
A minha terra é muito longe
Oh! mujongo
Ninguém pode ir lá,
Oh! mujongo
Olha mujongo no mar.

SALVE POVO DA COSTA

Povo da costa, povo valente
Oh! rei de Congo minha pai chegou.
Papai, ó quirombo girá.
Samba lêlê ó quirombo,
Oh! quirombo, girá
Samba lêlê ó quirombo.

PAI BENEDITO

Neste mato tem, fôlha ora que tem,
Tem rosário de Nossa Senhora
Neste mato tem fôlha, ora que tem,
Tem rosário de Nossa Senhora
Aruê de São Benedito
São Benedito que nos valha nesta hora
Aruê de São Benedito
São Benedito que nos valha nesta hora.

SINHÁ COMBINA

A Combina suce vem de lá
Eu vou salvar o rei de Congo
Ora passa pro lado de cá
Eu vou salvar filho de Umbanda.

PAI ANTÔNIO

Da licença Pai Antônio
Que eu não venho lhe visitar
Eu estou muito doente
Vim pra suce me curá.
Se a doença fôr feitiço
Emburará em seu congá
Se a doença fôr de Deus
Ah! Pai Antônio vai curar
Prêto Véio curandô
Foi parar na detenção
Ah! por não ter um defensor
Pai Antônio é de quimbanda, é curandô
É Pai de mesa, é curandô.

SÃO PEDRO

João Batão, João Batalão,
Tu és, tu és, meu Pai São Pedro
João Batão, João Batalão,
Meu Pai São Pedro em cima d'água.

ANJINHOS

Quem vem, quem vem lá de tão longe
São os anjinhos que vem trabalhar
Quem vem, quem vem lá de tão longe,
São os anjinhos que vem trabalhar
Oh! dai-me fôrças pelo amor de Deus, meu Pai.
Oh! dai-me fôrças aos trabalhos meus.
Oh! dai-me fôrças pelo amor de Deus meu Pai
Oh! dai-me fôrças aos trabalhos meus.

VIRGEM DA CONCEIÇÃO

Baixou, Baixou.
A Virgem da Conceição.
Maria Imaculada

Para tirar a perturbação
Se tiveres carga de alguém
Desde já sejas perdoado
Levando pro mar a dentro
Para as ondas do mar sagrado.

CONGO

Congo, mujongo, maravilha
Quem manda, aruê, saravá,
Olha Congo mandou buscar
Oh! quem manda aruê saravá

CABOCLOS DE ARUANDA

Papai bateram na porta,
Mamãe vai ver quem é.
São todos os caboclos de aruanda
Que vieram salvar filhos de fé.

PAI ROBERTO

Risca, risca, risca ponto
Risca, risca, vamos riscá
Pai Roberto já chegou.
Para todo o mal levá.

UBIRAJARA

Corta linha, corta mironga.
Corta língua de faladô
Aonde eu passo não há embaraço
Chegou Ubiraiara de peito de aço.

MARIA MADALENA

É hora, é hora, é hora meus irmãos
É Maria Madalena quem vos chama da prisão
Maria Madalena não deixa ninguém ficar
Vai chegando e amarrando, levando as ondas do mar.

OXOSSI

Oxossi, ê,ê,
Eu vou chegando de aruanda
Oxossi, ê, ê,
Para salvar filho de Umbanda, ô, ô.

TUPAIBA

Nós somos dois guerreiros
Dois irmãos unidos
Meu nome é Tupaibá
Sou filho de Almorés
Da tribo dos Guaranis
Meu irmão chama Peri.

Adeus adeus que eu vou m'embora
Fiquem com Deus e Nossa Senhora.
Adeus, adeus que eu vou m'embora
Filhos que ficam sempre é que choram
Adeus, adeus que eu vou m'embora
Benção de Deus e Nossa Senhora.

DESPEDIDA DE CONGO

E firma ponto Congo, vai se embora
Fiquem com Deus e Nossa Senhora.

DESPEDIDA DE CALUNGA

O Galo cantou, cócóró có calunga,
Olha que eu vou m'embora, calunga.

JUREMA

Oh! lá na mata eu sou caboclo
Sou filho de Arranca-Tôco
Oh! lá na mata lá na Jurema
Nada se faz sem ordem Suprema

HOMENAGEM

Eu vio chover, eu vi relampear
Mas mesmo assim o Céu estava azul.
Firma meu ponto lá na fôlha da Jurema
Pai Roberto é guia no maracaju.

SANTO ANTÔNIO

Pisei na pedra a pedra balanceou
O mundo estava torto Santo Antônio endireitou.

OXOSSI E XANGÔ

Mas olha que beleza tem o clarão da lua
Oxossi na sua mata, Xangô na sua lua.

BATISMO

Ó Estrêla do Céu
Que a papai lumiou
Guia êste filho
Que se batizou
É filho de Umbanda
Na fé de Xangô.

CABOCLO ROMPE MATO

Eu me perdi meu mano, eu me perdi
Lá na mata do Amazonas, foi sim
Procurei seu Rompe Mato, não achei
Fui na mata da Jurema, encontrei.

CABOCLO PENA BRANCA

A minha pena é tôda branca
O meu saióte é carijó
A minha flecha e o meu bodoque
Oh! lá na mata, eu deixei só.

PEIXINHO DO MAR

Filho de Peixe, peixinho é
Filho de Peixe, peixinho é

BABÁ EU VOU GIRÁ

Babá eu vou girar
E babá eu vou girar
Filho de Umbanda é trabalhador
Caboclo do mato é caçador.

ESTRÊLA GUIA

Oh! Estrêla do Céu
Que a papai alumiou
Abençoai êste filho
Que hoje se batizou
É filho de Umbanda
Na fé de Xangô.

OGUM ROMPE MATO

Ogum Iara, Ogum Megê
Olha Ogum Rompe Mato, auê
Ogum Iara, Ogum Megê
Tranca a gira de Umbanda, auê.

BEIRA MAR

Beira Mar ê ê beira mar, (bis)
Eu tava na banda
Eu tava no meu congá
Eu tava na aruanda pra que foram me chamar.

PONTO DE NAGÔ

Todo mundo qué nagô
Mas não sabem o que é nagô
Qué, qué, qué, nagô
Mas não sabem o que é nagô.

SALVE MIRIM

Caboclo, tua banda santa chamou
Caboclo na Umbanda é dotor.

ROMPE MATO Ponto de saída—

Ogum já vai
Já vai prá aruanda
Abença papai
Proteção prá nossa banda.

CHEGADA DE OXOSSI

Chegou o Rei Caçador
Chegou êle éo nosso pai (bis)
Rei Caçador que veio de Aruanda
Veio à nossa banda prá salvar filhos de fé.

SAUDAÇÃO A OXOSSI

O seu Oxossi é Rei
E veio de Aruanda (bis)
Rei Caçador e êle é tata de Umbanda
Êle veio de Aruanda e veio Saravá (bis)

DESPEDIDA

Os seus tambores zuam
Filhos de Umbanda choram (bis)
Êle é Oxossi Caçador
Que da Banda vai se embora. (bis)

Ai nêsse mundo de meu Deus mia si fio
Ai ninguém pode duvidar minha si fio
Ê, ê, ê, minha sî fio
Dos Prêtos Velhos ni gongá minha si fio

OXOSSI CAÇADOR — Ponto de Chamada

Lembrai do seu Caçador
Lembrai que êle é nosso pai
Seu Caçador que vem lá de Aruanda
Vem na nossa banda prá salvar filhos de fé.

OXOSSI CAÇADOR — Ponto de Subida

O seu tabaque zua,
Filhos de Umbanda chora (bis)
Êle é Oxossi Caçador
Que da banda vai embora. (bis)

EU VI OXOSSI ASSOBIAR

Eu vi Oxossi assobiar
Êle mandou chamar.
Vem de Aruanda auê
Vem de Aruanda auê
Os seus caboclos de Umbanda
Vem de Aruanda auê.

CHAMA, CHAMA, CHAMA

Chama, chama, chama
Chama que êles vêm
Chama todos os caboclos
Que trabalham na linha do bem.

A ESTRÊLA DO CÉU BRILHOU

A estrêla do Céu brilhou
A mata estremeceu
Cadê o capangueiro da Jurema
Que até agora não apareceu (bis)

SALVE O CABOCLO ERU

Caboclo Eru numa noite escura, (bis)
Sentado no trono
Êle corre espia a lua, (bis)
Cobra vem de rastro
Coruja se espantou, (bis)
O caboclo Eru
O senhor é meu caçador. (bis)

ADEUS TERREIRO DE UMBANDA

Adeus terreiro de Umbanda
Está na hora êles vão girar (bis)
Adeus, adeus, adeus
Babá de Orixás. (bis)

ADEUS UMBANDA ADEUS

Adeus umbanda adeus
Até outro ano. (bis)

SALVE CABOCLO GUARACI

Seu Guaraci
É um caboclo de pena
Umbanda pisa na areia
Quem vai embora é caçador
Êle vai prá sua aldéia.

ESTRÊLA NO CÉU A LUA É NOVA

Estrelas no céu a lua é nova
Cravejada de prata macumbêbê
Olha macumbêbê
Olha macumba gira. (bis)

CAÇA, CAÇA, CAÇADOR

Caça, caça, caçador
Como é lindo ver caçar
Caça, caça, caçador
Caçador do Juremá.

NA MATA VIRGEM SUA BICHO FUGIU

Na mata virgem sua bicho fugiu
Êle atirou a sua flecha sem pena
Êle atirou, atirou, atirou
Atira caboclo la na mata da Jurema.

FÔLHA BRANCA NA PALMEIRA

Fôlha branca na palmeira
Como brilha no luar (bis)
Ó que lindo caçador
Caçador da Jurema e Juremá.

SALVE OXOSSI SETE ONDAS

Êle corre mar, êle corre mar,
Êle corre terra, salve Oxossi Sete Ondas
No terreiro de Umbanda
Êle é de lei, viva, Oxossi êle é de lei
Sete Ondas reluziu quando Oxossi subiu. (bis)

NA ARUANDA ÊLE É CABOCLO

Na Aruanda êle é caboclo
Que veio de Maruí
Trouxe arco e trouxe flecha
Para vir brincar aqui (bis)

Rê, rê, rê, rê, rê, rê
Rê, rê, rê, ra na aruanda êle é caboclo
Caboclo ganga no mar.

VAMOS BAIÁ, VAMOS BAIÁ

Vamos baiá, vamos baiá
Vamos baiá, vamos baiá
Atira caboclo atira
Na raiz do orucá.

CAÇADOR DE ORUMBÁ

Caçador de Orumba, veio laçar
Caçador de Orumba, veio laçar
Caçador de Orumba ê á
Caçador de Orumba ê á

SEU CAÇUTÉ

Seu caçuté lembrai de seu terra mungongo
Seu caçuté eu vi mungongo na arucaia
Seu caçuté té té terra mungongo
Seu caçuté eu vi mungongo na arucaia. (bis)

OLHA O VENTO QUE BALANÇA A FÔLHA

Olha o vento que balança a fôlha guiné
Olha o vento que balança a fôlha guine. (bis)
Olha o vento o guiné
Olha o vento que balança a fôlha guine. (bis)

EU FUI NO MATO GUINÉ

Eu fui no mato Guiné
Apanhar Guiné Guiné
Lá no mato tem guiné
Para quem quizer guiné.

EU VI LÁ NO MATO EU VI

Eu vi lá no mato eu vi
Eu vi lá no mato eu vi
Oxossi no mato caçador

Com arco e flecha é atirador
Oxossi no mato é caçador
Atira flecha atirador.

REI GUINÉ E NAZARETH

Lá no mar êle é remador
Lá na mata êle é caçador
Quem é, quem é
É caçador, Rei Guiné e Nazareth

GUNGO NA MACAIA

Mas êle é gungo na macaia
Êle é caboclo em qualquer lugar
Êle não tira fôlhas da Jurema
Sem ordem suprema do Pai Oxalá.

SEU CAÇADOR ÊLE É TÁTA DE UMBANDA

Na sua mata tem
As fôlhas da Jurema (bis)
Seu Caçador êle é táta de Umbanda
Êle veio de Aruanda veio Saravá. (bis)

Jaráraca é sua cinta
Oi a coral é sua laço (bis)
Olha zua que zua está de ronda
Para quem mora no mato(bis)

FLECHA DA JUREMA

Jurema o Juremê Juremá (bis)
É uma cabocla de pena
Que veio do Juremá
Ela atirou sua flecha
Ela atirou sem errar
É uma cabocla de pena!

OXOSSI

Oxossi mora na Gamaleira
Oxossi mora na Gamaleira
Ogum mora na lua
Xangô lá na pedreira.

CAÇADOR

Eu vi lá no mato eu vi (bis)
Oxossi no mato caçador
Com arco e flecha atirador
Oxossi no mato é caçador
Atira flecha atirador!

Êle é caboclo de uma mata bem longe
Êle é caboclo de uma mata bem longe
Aldeia caboclo aldeia
Aldeia caboclo aldeia!

Lá na mata sua mata
Sua mano lhe chamou
Sua flecha seu bodoque
Viva Deus Nosso Senhor!

Tem um bodoque quem lhe deu foi Oxalá
Tem uma mata para com os manos trabalhar
Também no alto da montanha
Tem a Estrêla Guia para a estrada iluminar

OXOSSI CAÇADOR

A sua mata estava escura
Mas Oxalá quem clareou
Êle é Oxossi Caçador
Que aqui Zambi mandou
Mas êle é Rei,, êle é rei, êle é rei!
Mas êle é Rei, êle é rei, êle é rei!

Oi atira, atira, atira mesmo
Atirou no veado e pegou
Atira, atira êle vai atirar
No bambá êle á jatirou

CABOCLO CAÇADOR, *e outras diversas curimbas*

Meu caçador, meu caçador
Meu caçador, meu adivinhador (bis)
É matula de Umbanda que vem procurar
Um caçador mas que saiba caçar
Meu caçador, meu caçador
Meu caçador, meu adivinhador

Dei um balanço no mundo
Quando o bom Jesus nasceu (bis)
Treme o sol tremeu a lua
Até a terra tremeu
As cobras deram gemidos
Quando o bom Jesus nasceu (bis)
Treme o céu tremeu a terra
Caçador quem não tremeu!

Na bôca da mata vi couro gemer
Na bôca da mata vi couro gemer
Vi couro gemer vi gunga falar
Vi couro gemer vi gunga falar
E os caboclos faziam um... um... um...
E os caboclos faziam um... um... um...

Xangô na pedreira bradou
Ogum lá na lua confirmou (bis)
Vai Jurema
Que Oxossi na mata é caçador (bis)

Quem é êste guerreiro
Que veio do Humaitá
Êle é um caboclo guerreiro êle é flecheiro
Êle é o caboclo Tupinambá.

Auê quiminanê
Auê quiminaná
Olha um táta é um Zambi
Um Zambi é um táta
Um bacurê matimba churuminguê.

Um bombardeiro que houve na Jurema
Até sua cabana Oxossi quiz abandonar (bis)
Ó rei, ó rei, ó rei
Ó rei, ó rei, ó real!

Ora viva todos os caboclos
Com flecha e bodoque e viva Iara (bis)
Estrêla sol e lua que clareia o Juremá
Estrêla sol e lua que clareia o Juremá

Êle é caboclo Lirio
Que veio do Marul
Trouxe arco e trouxe flecha
Para vir brincar aqui
Na Aruanda, na Aruanda
Na Aruanda milonguê
Na Aruanda, na Aruanda
Na Aruanda milonguê!

Voou, voou, meu passarinho azulão (bis)
Quem está na Umbanda é caboclo
Anjo do céu deu a mão
Êle é seu Oxossi Caçador
Com o seu bodoque na mão!

Oxossi plantou seu manacá na Aruanda
Manacá deu flor na Umbanda
Para distribuir com os filhos de fé.

Ora viva todos os caboclos
Com flecha e bodoque e viva Iara (bis)
Estrêla sol e lua que clareia o Juremá
Estrêla sol e lua que clareia o Juremá!

Êle é caboclo da cõr morena
É seu Oxossi rei caçuté da Jurema
Êle jurou e tornou a jurar
Ouvir os conselhos que a jurema veio dar!

Lá na mata eu vi
Um caçador da Jurema
Eu vi seu Mata Virgem
Com a sua flecha serena!

Eu vim de tão longe
Do alto da serra morena
Eu sou Oxossi Caçador
Rei caçuté lá da Jurema!

Eu estava na minha mata
Ó que bambe o clime
Iara que me chamou
Vim à procura de um filho
Ó que bambe ó clime
Que no terreiro deixou!

Caboclo no mato o que é que quer
Fôlhas verdes de guiné (bis)
Que faz zum zum na Aruanda
Que faz zum zum Nazaréth! (bis)

Ó que bambe o clime
Corre caçador
A sua mata é longe
Êle vem caçar
Seu Guarani é de tatáramirou
Pena Dourada é de tataramirou!
Pena Vermelha é de tataramirou!

Êle é seu Caçador
Êle é o rei das matas
Se seu bodoque atira o paranga
Sua flecha mata

Êle é seu caçador o paranga
Êle é o rei das matas!

Chamei, chamei
Chamei minha curimã (bis)
Galinha nanica que chama, chama
Cachorro do mato me chama inguára
Brinco de ouro quê chora mutimba
Caboclo no mato espiando só!

Auê êle é caboclo
Se êle é filho de pemba, não pode negar
Auê sua mãe é ginja
Se sua mãe é ginja de cobra coral
Rê Rê rê rê rê rê rê rê rê rê rá á
Rê rê rê sê seu pai é ganga eu quero ver!

Saravá Ogum
E a sua coroa de rei
Oiê canjira girá girê
Oiê canjira girá girá!

Saravá na calunga ê
Saravá no mujongo ê (bis)
Saravá seu Cangira Mujongo
Saravá no mujingo ê!

Ogunrê onilê
Mariolá já Ogunhê
Mariolá já Ogunhê!

Ogum é rei no terreiro de Umbanda
Êle segura sua espada no ar
Êle ganhou sua espada de ouro
Pra vencer demanda no campo do Humaitá!

Auê papai de Umbanda
Auê como gira na Umbanda
Êle disse que táta é táta

Êle disse que táta é ganga
Ai meu pai Ogum ê
Trumulunga bacana!

★

OGUM PAI

Ogum pai oropai
Ogum pai oyarê (bis)

Ai odé diz Ogum está perinam
Ai odé diz Ogum está perinam
Diz Ogum está perinam
Diz Ogum está perinando odé!

Êle é praça de cavalaria (bis)
Quem me dera Ogum
Pra ser Guia (bis)

No campo do Humaitá
Ogum é general (bis)
Êle arirê êle arirá
Êle arirê olha Ogum rompe ondas do mar!

Auê olha a costa do mar
Auê olha a costa do mar
Sua terra sua banda
Diz Umbanda caiu cangoura!

Beira-Mar auê Beira-Mar (bis)
Ogum já jurou bandeira no campo do Humaitá.
Ogum já venceu demandas
Vamos todos saravá!

Ogum Iara, Ogum Megê
Olha Ogum Rompe Mato auê
Ogum Iara, Ogum Megê
Olha Ogum Beira-Mar auê (bis)

DESPEDIDA DE OGUM

Ogum já me alvorou
Ogum já me saravou (bis)
Filho de pemba, que tanto chora
É Ogum que já vai s'embora (bis)

OXOSSI

Foi lá no lago azul que sua ponto êle afirmou (bis)
Êle é oxossi caçador filho de Nosso Senhor (bis)
Sete anjos me acompanham sete estrêlas me alumiam (bis)
Salve o anjo da guarda dos filhos
Salve a estrêla da guia. (bis)

Ouvi o tropel do seu cavalo
Sua espora tiniu
Sua espada e sua lança
O inimigo reduziu!

OGUM DE ARUANDA

Se meu pai é Ogum
Vencedor de demandas
Êle vem de Aruanda pra salvar filhos de Umbanda
Êle vem de Aruanda pra salvar filhos de Umbanda
Ogum, Ogum Iara, Ogum, Ogum Iara
Lá no campo de batalha
Salve a sereia do mar
Ogum, Ogum Iara, Ogum, Ogum Iara!

Ogum é todo Malê
Malê é linha Nagô
Ogum é todo Malê
Malê é linha ô

Auê diz Ogum é de aço
Auê diz Ogum é de aço
Auê diz Ogum é de aço
Ó Cambinda me táta rebôlo

Ó rebôlo me táta Cambinda
Se meu pai é Ogum
Se minha mãe é Oxum
Diz Ogum é de aço!

O seu Cangira bambaia
Bambaia muzambê
O seu Cangira bambaia
Oi bambaia muzambê
Bambaia muzambê
Êle é Ogum Rompe-Mato bambaia
Seu Cangira bambaia
Oi bambaia muzambê
Êle é Ogum Megê bambaia (bis)

Capitão Macieira
Me segura Umbanda
Umbanda com firmeza
Capitão Macieira
Me segura Umbanda
Umbanda com certeza!

Capitão do mato mandou me chamar
Tempo eu tenho caminho não há
Rê, rê, rê quem está de ronda é militar!

Êle é gunga Matinada ó paranga
Que zambura no cueté (bis)
Guerriou na sua terra caiu cangorá
Guerriou na sua banda caiu cangourá

Ogum Ogum
Ogum meu pai
Foi o senhor mesmo quem disse
Filhos de Umbanda não cai
O Jorge O Jorge
Vem de Aruanda
Vem salvar os vossos filhos
São Jorge venceu demanda!

SERRA CORÁ

Eu vinha descendo a serra
Uma jibóia por mim passou
E tinha uma estrêla na testa
Que assim dizia Rei dos Caçadores
E tinha uma estrêla na testa
Que tinha uma estrêla na testa
Que assim dizia Rei dos caçadores.
Auê, auê, auê, auá
Auê, auê, auê, auá
Esta grande jibóia
Era seu **SERRA CORÁ**.

SÃO BENEDITO

São Benedito êle é dono do campo
São Benedito é do meu congá
Ganga com ganga é do meu congá
Canga com Zambi é quem manda
Só me admiro é de tanta mironga.

PAI JOSÉ D'ANGOLA

Eu vi Pai José D'angola
Eu vi a sereia do mar (bis)
Pai José toma conta do filho
Tira areia do fundo do mar. (bis)

Você diz que é cavalo
Cavalo você não é, é.
Cavalo que é cavalo
Escurrega e fica em pé.

Você diz que é cabono
Cambono você não é,é
Cambono que é cambono
Não tira a mão e bota o pé.

Você diz que é cabeceira
Cabeceira você não é, é.
Cabeceira que é cabeceira
Só fala aquilo que é.

Ó viva Oxossi, meu S. Sebastião
Oxossi é caboclo morador lá do sertão.

III Parte

GLOSSÁRIO

Introdução ao Glossário

Antes de desenvolver êste breve Glossário é indispensável explicar o significado de alguns têrmos empregados nas "Ordenações" do Primado de Umbanda.

Os silvícolas do Brasil não concebiam a existência de nenhum ser que não possuisse **mãe.** Os africanos do mesmo modo não admitiam nenhuma manifestação de **substância** ou **de fôrças naturais** que não fôsse produzida, sustentada e protegida, pela intervenção direta ou indireta de **deuses ocultos na Natureza.**

Estas **fôrças,** ou melhor êstes **deuses** segundo a violência ou a serenidade de ação de cada um receberam "nomes" cuja significação rigorosa, em relação à vida terrena manifestada, ainda hoje perduram sob a denominação genérica de ORIXÁS. Não é fácil de calcular o número existente dêstes **orixás,** uma vez que é profusa e multiforme a irrupção das energias cósmicas, para falar sòmente das que até hoje foram descobertas ou utilizadas pelo ser humano. Desta forma se dilata a imensidade do Panteão Africano.

Êstes Orixás se dividem em Maiores ou Menores e estão submetidos ao Septenário da Lei de Evolução cuja universalidade é conhecida e aceita por todos os ocultistas e espiritualistas em geral. Tais Orixás, a despeito da suposição de uma grande maioria de umbandistas no Brasil, não têm equivalência, similitude, correspondência, nem analogia com os **santos** da Igreja Católica. Em outro local do atual trabalho já explicamos o **porque** dêste esfôrço dos pretos africanos escravi-

---

Nota As definições de alguns têrmos dêste **Glossário** foram tiradas do **Dicionário de Ocultismo** e do **Vocabulário Filosófico,** de Edmond Goblot (Professor da Universidade de Lyon) 1945.

sados. É assim que temos os seguintes **Sete Orixás Maiores** com as vibrações respectivas de cada um na VIDA aplicada.

1 — OXALÁ — como sendo a expressão da **"Inteligência,"**
2 — IEMANJÁ — " " " " do **"Amor,"**
3 — XANGÔ CAÔ " " " " da **"Ciência,"**
4 — OXOSSI — " " " " da **"Lógica,"**
5 — XANGÔ - AGODÔ " " " da **"Justiça,"**
6 — OGUM — " " " " da **"Ação,"**
7 — IOFÁ — " " " " da **"Filosofia,"**

Estas **Sete Linhas** (como são denominadas) se dividem (cada uma delas) em **Sete Legiões** de **Orixás Menores.** Cada uma destas, por sua vez, em outros **Sete Grupos** ou **Falanges** e assim por diante, segundo o ilimitado número de trabalhos espirituais que se desenvolvem no Espaço e que escapam ao nosso interêsse ou necessidade de saber para descrever. Todavia, em trabalho mais minucioso o Primado de Umbanda desdobrará minuciosamente êste atual Glossário.

Esclareçamos desde já, porém, aos nossos leitores, leigos ou correligionários, que a Umbanda é uma religião milenária, que por desídia ou fraqueza moral dos seus sacerdotes encarregados de conservar a pureza do seu culto, que era o da Verdade, foi se corrompendo, paulatinamente, chegando até aos nossos dias no estado lastimável em que hoje a vemos.

No Brasil ela foi sistemàticamente perseguida e os negros escravos impiedosamente **punidos** pelo "crime" de prestar culto a Entidades invisíveis ou imaginárias, de cuja existência ninguém jamais suspeitara. Para elevarem o pensamento e o coração ao alvo dos seus cultos, os míseros cativos adentraram-se pelas densas matas, mas, mesmo aí, nestas ínvias florestas a perversidade do Estado e do Clero os foi buscar para aplicar-lhes inomináveis castigos.

Interveio então, o providencial instinto de conservação e assim se iniciou a sincretização **afro-ameríndia-católica** no Brasil. Simulando aceitar a catequese que lhes era imposta a **ferro, fogo e sangue,** os africanos adotaram e adaptaram as imagens dos "santos" do culto romano, dando-lhes similitudes, supostamente correspondentes às da sua religião.

Por um simples cotejo, porém, entre elas, ver-se-á a elevada expressão que na **Lei de Umbanda** é atribuída a cada um dos seus Orixás Maiores. A Igreja Católica desinteressou-se completamente da sinonímia emprestada aos seus "santos" mas, a Umbanda dando-lhes espiritualidade, sem derribar nenhum dos seus altares, soube colocar em cada um dêles a representação das Fôrças da Natureza já divinizadas.

Tomemos ao acaso um Orixá qualquer, por exemplo: **Xangô-Agodô.** Na **Lei de Umbanda** é a expressão da **Linha Justa** ou seja uma média proporcional entre a **Justiça** e a **Caridade. "Como Orixá Maior tem sob a sua orientação uma série de sete orixás menores de cujas legiões uma delas chefiada por Iansã. Compete-lhe amparar os humildes e anular as vibrações maléficas dos que se dedicam à prática de atos atentatórios ao bem-estar dos seus semelhantes. Esta Legião pratica a Caridade sob um critério de implacável justiça: "Quem faz paga: quem não merece não tem."**

Acredita-se que numa Linha chamada: **"Linha de Santo." Xangô-Agodô** corresponde a **São Jerônimo** e à **Santa Bárbara.** Pergunta-se, por isto, comumente, como se pode conciliar semelhantes correspondências, se os **santos católicos** são obra da Igreja Romana e portanto, de criação recente. A Religião Africana tem milhares de anos de existência e não obstante as perseguições que ainda hoje lhe movem, bem como as profanações praticadas pelos seus próprios sacerdotes, aí estão os seus Orixás, resplandecentes de mística e de magia, impondo-se, **no apogeu da barbária e da ignorância** que lhe atribuem, com todo esplendor da cristalina pureza com que a Natureza os investiu. E no que pêse ao desapontamento de outras seitas religiosas e à incredulidade dos que vivem por que veem os outros viverem, a Umbanda se eternizará como expressão da VIDA tal como nós a concebemos aqui na Terra.

Glossário

Breve GLOSSÁRIO das palavras empregadas no Ritual de Umbanda e a sua significação aproximada.

1.º **Dicionário** — Coleção alfabèticamente disposta das palavras de um idioma ou de qualquer ramo do saber humano seguidas de sua significação na mesma língua ou de seus equivalentes em língua estranha.

2.º **Elucidário** — Livro explicativo (de cousas obscuras ou pouco conhecidas).

3.º **Glossário** — Vocabulário que explica têrmos obscuros por meio de outros conhecidos. Vocabulário dos têrmos técnicos de uma arte ou ciência.

4.º — **Vocabulário** — Lista alfabética, explicativa ou não, das palavras de uma língua ou das empregadas numa ciência ou arte.

Observação. No atual **Glossário** procuraremos dar a significação dos têrmos ou palavras que foram empregadas na confecção da **Ordenação** lida bem como de alguns outros que com ela tenham alguma analogia e relação ou sirvam para ilustrar o assunto.

O **Primado de Umbanda** está elaborando um **Vocabulário** com a extensibilidade que a magnitude de tal trabalho exige.

Amor — Sentimento básico fundamental da solidariedade que deve existir entre os sêres da Criação. Na **Umbanda** IEMANJÁ é a expressão aplicada dêste sentimento.

Absoluto — É Aquilo que está isento de **relação, limitação, condição** ou **dependência:** DEUS. Com esta significação assim O denomina o Budismo.

Abaréguassú — **Abaré** — **Abarémirim** — Entidades espirituais, que em ordem decrescente, estão colocadas num Terreiro de Umbanda, depois do **Morubixaba.**

Acção — Manifestação de uma fôrça para execução do movimento. O pensamento é a fôrça mais sutil que existe em estado potencial e sob a direção da vontade. Na **Umbanda,** na VIDA aplicada, OGUM é a expressão desta ação.

Ameríndios — Indígenas nativos das Américas.

Amuleto — (do latim "amuleto") objeto que se traz sôbre o corpo e ao qual se atribue determinadas virtudes. Em várias tribos africanas chama-se **itéque.**

Aruanã — (1) Festejo dos totens. É uma cerimônia em que os índios executam danças, todos mascarados, celebrando dêste modo a abundância de pescado. O lugar onde no mais rigoroso segrêdo se preparam as máscaras chama-se **retô.** Saem depois em visita ao aldeiamento visitando casa por casa, comendo e bebendo de tudo sem que por isso se zanguem os moradores das casas. O Aruanã apresenta certa semelhança com as "recepções à Bandeira do Divino" festa muito popular entre a nossa gente cabocla.

Atlântida — Ver o folheto do **Primado de Umbanda: ("Umbanda. 1 — Etimologia do vocábulo. 2 — Antiguidade da Umbanda. 3 — Que é a Umbanda?)** "Segundo a Teosofia a Atlântida foi o berço da 4.ª raça humana que se formou dos remanescentes da 3.ª raça (os lemurianos) quando o continente que êstes habitavam (a Lemúria) desapareceu há cêrca de 700 mil anos. (**"La Lemuria perdue"** de **Scott Eliott.)**

Brasilíndio — Indígenas nativos do Brasil.

Bojáguassú — Bojá, Bojamirim — Entidades espirituais que em ordem decrescente, estão colocadas num Terreiro de Umbanda, depois do **Abarémirim.**

"Burro — Denominação que algumas Entidades dão aos médiuns em alguns Terreiros.

Cabeça — Denominação dada ao médium cujo estado vibratório está em afinidade psíquica com a Entidade de quem se tornou **filho pela fé.**

Cabeceira — Aquêles que orientam materialmente uma Tupãoca até à chegada do Morubixaba.

---

(1) **Aruanã** é o nome de um peixe da família dos osteoglossídeos e também chamado **idjazò** pelos índios Carajás. Êste peixe bem como o bôto e certos pássaros e animais silvestres não são caçados pelos Carajás que os consideram totens.

"Cavalo" — Denominação genérica dada aos médiuns nos Terreiros.

"Cambone" — Nome pelo qual são designados os Ajudantes (masc. ou fem.) materiais do Terreiro quando em trabalhos ritualísticos. Assistente dos Guias.

Curimba — Cânticos, musicados ou não, com que se iniciam ou se finalizam as cerimônias ritualísticas. Quando são dados por um Guia chama-se "pontos" e que também podem ser riscados.

Camucitê — Outra denominação do templo ou altar.

Curima — Dança.

Camutuê — Cabeça (em africano).

Canjô — Casa, lar, vivenda (em africano).

Dilúvio — Cataclismo cósmico que sobrevem periòdicamente e que consiste no afundamento de um continente no mar. O dilúvio chaldeu e o dilúvio bíblico parecem ser cataclismos mais recentes do que o grande dilúvio que fêz submergir a Atlântida. A ciência mostra que o desdobramento das águas não foi universal como pretende a Bíblia, pelo contrário, tem ocorrido muitos dilúvios durante os períodos glaciais. Sabemos ainda que há nos desertos Asiáticos uma "cidade santa" chamada "Schamballah". É o nome de um continente imperecível ou **Ilha Branca, refúgio de Grandes Iniciados e que nenhum cataclismo destruirá.**

Dialeto — Idioma de pouca extensão derivada de outro que é o principal.

Devas — (Termo sânscrito que quer dizer: **brilhante**) Nome com que são designadas as entidades que habitam um plano elevado e superior ao plano físico, em relação ou não com a evolução humana. Cada "grupo de elementais" é dirigido por um Deva. Os Devas procedem da **Segunda Vaga de Diva,** presidindo à elaboração das Formas. O seu Plano mais baixo é o astral. (**Annie Besant** — "Evolução da Vida e da Forma"). V. o têrmo Orixá.

Esoterismo — (Do grego: **interior,** escondido) Doutrina Secreta, superior a todos os dogmas e a tôdas as formas, capaz pela sua unidade e sua generalidade de conciliar os múltiplos aspectos da verdade. Esta doutrina é secreta porque ela não se ensina diretamente por meio de operações mentais ordi-

nárias. É o conhecimento da verdade sôbre o Plano Arupico (1) e como tal não pode ser adquirida senão pela meditação pessoal sôbre os símbolos e ritos alegóricos. Estendeu-se êste têrmo a todos os estudos que tem por fim a procura desta forma de verdade e a todos os ensinos preparatórios. O Esoterismo é o sentido profundo das cousas, isto é, êsse sentido que escapa à compreensão superficial do não iniciado.

Leia-se o **Tratado Elementar** de **Magia Prática** de Papus. Trad. de Antonio Vidal — C. E. C. do Pensamento de S. Paulo).

Espírito — A parte mais elevada do homem; a centelha divina que está nêle, **Atma** ou **Atma-buddhi.** O "Espírito", princípio permanente, deve ser distinguido da "alma", princípio psíquico astral e perecível. Os cristãos confundiram êstes dois têrmos chamando à alma de princípio eterno do homem. Os Espíritas chamam Espíritos às entidades que se manifestam nas suas evocações. Estas comumente, não passam de Elementares.

Ente Supremo — Criador e mantenedor da VIDA: Deus.

Entidade — Criatura. Ser. O que existe ou julgamos existente. Ente incorpóreo.

Energia — Fôrça irradiante, que embora invisível atua com maior ou menor intensidade.

Espiritualismo — Doutrina filosófica que admite a existência do Espírito como realidade substancial.

Espiritismo — Doutrina dos que admitem que o espírito dos mortos (2) se comunica com os vivos.

Emblema — Figura simbólica. Pode ser constituído por letras, números, sinais gráficos etc. (3) (Ver o Apêndice no fim do **Glossário).**

Elementar — Entidade oculta proveniente do homem desencarnado antes que êste tenha passado pela "segunda morte" quando então se desembaraçará do seu **corpo astral.** São êles os **Espíritos dos espíritas.** Algumas vêzes são "cascões astrais" (resíduos kama-rupicos "ou" kama-lóquicos") isto é: formas feitas de matéria astral assumidas pelo 4.º Princípio do homem após a morte. Estas formas têm o conhecimento (mental inferior) ou seja a astúcia do animal porém, consciência nula.

Ela (a forma) vai se desagregando progressivamente, gastando longuíssimo tempo quando provém de pessoas que durante a sua vida desenvolveram o lado animal da sua natureza e negligenciaram os lados mental e espiritual. Plural. **Elementares.** (V. **Estudo de base para os Umbandistas. "O Caminho"** de Janeiro e Fevereiro de 1953: **"L'Homme et ses corps"**, de Annie Besant).

EU — EGO — Designa-se com o nome de **Ego** a união dos três princípios superiores e permanentes do Homem: **(Espírito, Alma Espiritual e Mental Superior)** em oposição aos quadro princípios inferiores, que são ocasionais e perecíveis e que formam o **Eu** humano isto é a Personalidade. O **Ego,** porém, constitue a Individualidade: ou seja: verdadeiro Homem. (V. "Caminho" de Janeiro e Fevereiro de 1953).

Egum — Denominação que os africanos dão às almas dos desencarnados que aparecem nos seus trabalhos de magia não os aceitando e forçando-os a **retirar-se.**

Egrégoras — Entidades ocultas resultantes de uma fôrça-pensamento coletiva. Para os orientais são sêres cujo corpo e essência são feitos do que se chama: **luz astral.** São emanações luminosas dos espíritos planetários os mais elevados. Não se deve confundir com o **eidolon** (têrmo grego que quer dizer: imagem) e que se emprega algumas vêzes para designar um "fantasma", uma "forma astral" **(Kama-rûpa)** quase sempre confundido, nas sessões espíritas, com uma alma desencarnada.

Exu — Nome com que é designada uma Entidade: larva astral, ou alma humana desencarnada sem o mínimo conhecimento da sua consciência espiritual. Disto se aproveitam os nigromantes (feiticeiros) nos seus trabalhos de baixa magia. No **Vocabulário Geral** que o Primado de Umbanda está elaborando será dada maior amplitude ao assunto desta expli-

---

(1) **Plano mental superior.** (V. os **Estudos de base para os umbandistas" — O Caminho,** de Junho a Outubro de 1952).
(2) Diremos melhor: desencarnados.
(3) Compõe-se o do Primado de Umbanda: de um círculo e nêle inscrito o pentágono. Bem ao meio: um disco amarelo com um coração azul no centro. Em sentido vertical uma cruz roxa. Nas diagonais, cruzando-se: uma seta verde e uma espada vermelha: (Côres, diposição e dimensões de acôrdo com as vibrações das Entidades que compõem a Prece Oficial do Primado de Umbanda. V. **Símbolos** no fim do Glossário).

cação. Uma cousa, porém, deve ser dita desde já: o **exu** não é o **diabo** conforme a crença geral, mas, apenas, uma alma sem luz, alheia a qualquer responsabilidade e que tanto pode ser industriada a prática do bem, como do mal, tudo dependendo dos evocadores que o dirigem, que se tornam, por isso, **responsáveis pela "luz" que lhe dão ou pelas "trevas" em que o deixam ficar.**

Elementais — Fôrças semi-inteligentes da Natureza habitando como "entidades" no plano astral ou etérico. Entre tais elementais e os Devas não há senão uma diferença de gráu: uns e outros servem à elaboração de produções naturais. **É** preciso distinguir os elementais naturais e os Espíritos da Natureza: **Gnomos,** da Terra; **Ondinas,** da **Água; Sílfides** do Ar e **Salamandras,** do Fogo. Ou ainda: Fadas, Gênios, Ninfas, NAIADES etc. Sing.: **Elemental.**

Exoterismo — (Do grego: **exterior).** O que é exposto aos olhos de todos. A parte manifestada de um ensino. Os alquimistas ao ensinarem que os minerais poderiam se transformar de uma forma em outra diziam uma **verdade exotérica** mas cujo **sentido esotérico** ou simbólico era a evolução.

Filhos espirituais de Umbanda — é a designação dada aos "cavalos" (médiuns) do terreiro.

Filhos materiais de Umbanda — é a denominação dada aos cambonos.

Elementos — Na tradição hermética os Elementos: (Ar, Terra, Água e Fogo) representam os 4 tipos primordiais de manifestações naturais. Entre os Hindús há cinco elementos pelo acréscimo do Eter ou Akasha que passa a constituir o primeiro de todos.

Elementares — Entidades ocultas provindas do homem desencarnado antes que êste haja transposto a "segunda morte", isto é, que fique desembaraçado do seu Corpo Astral. No Ocultismo e na Teosofia tais entidades são denominadas **"cascões astrais" (coques-kama-rúpicos)** que são abandonados pelo Ego Superior, mas, capazes de serem revividos ao contacto psíquico dos vivos para a efetuação de fenômenos mágicos.

Fauna — Conjunto de animais próprios de uma região ou de uma época geológica.

Flora — Conjunto das plantas de uma região ou de uma época geológica.

Fôrças da Natureza — Conjunto de energias cósmicas que operam no Universo. No nosso planêta elas se manifestam materialmente através dos elementais que vivem nos 4 elementos essenciais à VIDA: Ar, Terra, Água e Fogo.

"Filho de fé — Denominação dada aos adeptos da Umbanda.

Filosofia — Sabedoria. Amor pelo saber e particularmente pela investigação das causas e dos efeitos. Elevação do espírito, razão, resignação que nos coloca acima dos acidentes da VIDA, dos preconceitos, do amor das riquezas etc. Na Umbanda, **Yofá** é a expressão da **Filosofia.**

Fetiche — do latim: **Fatum.** (Em português **feitiço)** Objeto material venerado como um **ídolo** pelos selvagens. Teosòficamente é o "objeto considerado como receptáculo de fôrças divinas ou benfazejas".

Fetichismo — Culto dos fetiches. O fetichismo confunde a "idéia" religiosa com o "objeto" que a simboliza.

Fitolatria — Culto às plantas ou árvores e entre os afro-brasileiros é da **gameleira,** que se prepara o seu fetiche ao qual os nagôs chamam de **Lôco ou Irôco.** A **Irôco** depois de "preparada" não pode ser tocada por ninguèm. Torna-se **tabu: "Se fôr cortada sairá sangue do corte em vez de seiva e será fulminado todo aquêle que o fizer".**

FORMA-PENSAMENTO — ELEMENTAL ARTIFICIAL PRODUZIDO PELOS PENSAMENTOS HUMANOS. TODO PENSAMENTO FORMA UMA ENTIDADE VIVA, TENDO POR CORPO A ESSÊNCIA ELEMENTAL E POR VIDA ANIMADA O PENSAMENTO. A DURAÇÃO DA "FORMA" ASSIM ENGENDRADA DEPENDE DA FÔRÇA DE IMPULSÃO QUE LHE FOI DADA POR QUEM A PROJETOU; A NITIDEZ DOS SEUS CONTORNOS DEPENDE DA PRECISÃO DO PENSAMENTO E SUA COLORAÇÃO VARIA SEGUNDO A NATUREZA DO PENSAMENTO. ESTAS FORMAS-PENSAMENTO SÃO VISÍVEIS PARA OS CLARIVIDENTES.

Guia — Entidade espiritual cuja afinidade vibratória com o médium, pode colocar êste sob a sua tutela ou proteção.

Gênios — Entidades ocultas que velam sôbre um homem ou sôbre um lugar. Podem ser benfazejos ou malfazejos. Não confundí-los com os "elementais" que vivem no Ar (silfos);

na Tersa (elemento, não o planêta) **(Gnômos** ou **pigmeus)**; na Água **(ninfas** ou **ondinas)** e no Fogo **(salamandras)**. Êstes **sêres** são evocados como verdadeiros **orixás** para trabalhos de Alta Magia.

Guaú — O que chefia ou dirige as corimbas.

Gongá — Outro nome dado ao altar.

Hermes Trismegisto — Nome de um dos maiores Iniciados do Antigo Egipto cognominado o **Três Vêzes Grande**, o **Mestre dos Mestres**. Dos seus ensinos derivou-se a doutrina esotérica denominada **Hermetismo.** Veio à Terra como enviado dos Chefes Espirituais do Planêta Mercúrio, com o qual se confunde.

Inteligência — Conjunto de tôdas as faculdades intelectuais: memória, imaginação, juizo, raciocínio, abstração e concepção. Na Umbanda e na VIDA aplicada OXALÁ é a expressão da Inteligência.

Íncola — Habitante, morador de um lugar.

Iniciação — Comunicação do conhecimento de cousas secretas geralmente religiosas, com ou sem cerimônias ritualísticas.

Iniciado — Aquêle que recebe a Iniciação.

Ídolo — Figura. Estátua representando uma divindade e exposta à adoração.

Jacutá — Outra denominação de altar.

Justiça — O que está em conformidade com o que é de Direito. Retidão. Na Umbanda, na VIDA aplicada, XANGÔ-AGODÔ é a expressão da Justiça.

Latría e **Dulia** — Teològicamente falando a **latría** é o culto de adoração prestada a um ou mais deuses e a **dulia** é o culto de veneração prestado aos anjos e santos. Bem considerada, a Teogonia Africana não apresenta um Deus tal qual nós O concebemos, abstratamente, mas, que sentimos como sendo o Creador e Mantenedor de tôdas as cousas existentes e por existir: Uno, Eterno, e Absoluto, únicos atributos que a nossa pobre compreensão atual Lhe atribui. Um Deus indefinível, portanto, mesmo porque a linguagem humana, convencional e falível não pode definir o SER Real e Infalível. Êste assunto será melhor explicado quando chegarmos à definição das Trindades.

A religião africana (que se corrompeu e assim chegou às Américas) trouxe apenas e tão sòmente o pouco que lhe restou dos Templos Egípcios, de Iniciação Hermética, demolidos e extintos, isto é, representações materiais simbólicas das **Fôrças da Natureza Divinizadas** que os sobreviventes da hecatombe procuram reproduzir e conservar. Assim a litolatria (culto dos minerais), a hidrolatria (culto das águas) em harmonioso sincretismo religioso e mitológico, será expurgado de tudo quanto lhe tem sido maldosamente acrescentado, tentando-se, assim restabelecer a respeitável dignidade do culto umbandista dando-lhe a indispensável espiritualidade para que êle sobreviva e não pereça.

Logos — (Do grego: Verbo) É o Deus manifestado de um sistema solar. Da causa sem causa provém a causa que aparece como tríplice: Vontade, Sabedoria e Atividade: Pai Filho e Espírito Santo. Esta causa una e tríplice é o Deus ou Logos de tôdas as religiões do mundo.

Linha — São as divisões de Umbanda em número de Sete, Cada linha se compõe igualmente de sete legiões ou falanges, e cada uma, por sua vez, se subdivide em outros tantos grupos de acôrdo com o número existente de trabalhadores espirituais. Todos êles, distribuídos em grupos septenários, obedecem nas respectivas hierarquias ao seu potencial vibratório tendo cada grupo o seu Chefe dirigente.

Kabala — Chegou esta palavra ao Brasil alterada para Cabala. Significa Doutrina Secreta e é a tradição Oculta ou Esotérica dos Hebreus. Henoch ensinou a Abrahão e êste, oralmente também, a seus filhos e netos, cabendo a Moysés ser o coordenador dêsses ensinos que se compõe de cinco livros adotados pela Bíblia sob o nome de Pentateuco.

Liturgia — Conjunto de ritos próprios de um culto.

Lógica — Ciência que ensina a raciocinar. Coerência. Na Umbanda, na VIDA aplicada, OXOSSI é a expressão da Lógica.

Litolátria — São cultos fetichistas primitivos prestados por intermédio dos minerais. O de Ogum, por exemplo, se confunde em alguns lugares da Bahia com o de Exu porque êste também tem o seu fetiche de ferro (a massa de barro adornada com pedaços dêste metal). Igualmente se passa com o culto das águas (culto **hidrolátrico**) cujos orixás têm no Brasil po-

derosa influência so seu respectivo sincretismo mítico. E êste envolve a interferência de vários cultos das **Mães-d'água** de origem africana, ameríndia e do folclore europeu. **(Iemanjá, Oxum, Sereia do Mar, Ondinas, Nanã-Buruquês)** etc.

Lemúria — O Continente da Terceira Raça Humana, que se estendia de Moçambique à Austrália e compreendia o espaço ora ocupado pelo atual Oceano Pacífico. Supõe-se que nesta época as terras estavam tôdas no hemisfério austral, pois que, uma parte da América do Sul e da África do Sul faziam parte da Lemúria; quase tôda a Europa e uma grande parte da Ásia estavam então submergidas. A Lemúria teria desaparecido cêrca de 700 mil anos antes do fim da Idade Terciária.

Lemurianos — Habitantes da Lemúria; homens da Terceira Raça chamados na Doutrina Secreta de "**homens nascidos da Transpiração,** nascidos do ôvo"; eram agigantados e ainda hermafroditas. Em seguida operou-se a divisão dos sexos: São seus descendentes os aborígines australianos, da Terra do Fogo e diversas outras raças selvagens. **V. "A Lemúria Perdida" — de Olcott" e "O Homem; de onde veio e para onde vai" — de A. Besant e Ledbeater".**

Monera e Mônada — Dizem os dicionaristas: "**Monera** é o organismo mais rudimentar e representativo da transição do reino vegetal para o animal, e, **Mônada** a substância simples criada desde o princípio, incorruptível, mas, sujeita ao desenvolvimento e à evolução, até alcançar o intelectual (teoria de Leibniz). União perfeita do espírito e da matéria, constitutiva de Deus. (teoria de Pitágoras)". Entretanto, sôbre o assunto, diz o Ocultismo: "Monéra — é a mais infima e rudimentar expressão material da vida terrestre. É um organismo sem órgãos que teve origem nas águas do oceano assim que as condições mesológicas do Planêta o permitiram. O sábio Professor dr. L. Joubin denominou a primeira manifestação da **monera** como um "coágulo albuminoide primordial não organizado **sarcóideo,** isto é, um arremedo de carne"). Quanto à **Mônada** é "um centro de consciência **(centelha da chama)** que participa das qualidades de **O TODO** de onde é parte integrante, onisciente, onipresente sôbre o seu próprio plano. A mônada evoluindo vai chegar a constituir o EU humano, o Espírito no Ho-

mem, adquirindo assim e paulatinamente a **Sua Consciência,** graças à **evolução da matéria que nada mais é senão a própria Energia condensada". A Doutrina Rosacruciana** se expressa em tão elevado assunto com esta sintética e não menos elevada definição: "A monada é denominada o **espírito virginal.** Nós somos, pois, Espíritos em peregrinação isto é, "monadas evoluídas".

Macumba — Instrumento exótico constituído por uma vara de ipê ou bambu, dentada e que pelo atrito de uma outra menor produz sons. O maestro negro Abigail Moura com a sua **Orquestra afro-brasileira** tem realizado, nos melhores auditórios da nossa cidade, concorridos concertos que são aplaudidos sem reservas pelos ouvintes. As antigas religiões professadas por verdadeiros Iniciados empregaram a música e o canto segundo as leis do Ritmo (euritmia) como elementos propiciadores à exaltação das fôrças psíquicas nos trabalhos de magia.

Mantra — Palavra, frase ou verso usados pelos orientais sôbre uma idéia para fazê-la penetrar profundamente na mente.

Mitologia — História das divindades do paganismo. Não se deve confundir com o panteismo que é: **"uma doutrina ou sistema filosófico que só admite como Deus "O TODO", isto é a universalidade dos sêres.** E Mitologia (do grego **mythos** (alegoria ou fábula) e **logos** (discurso) é a Ciência que estuda em todos os seus pormenores e pontos de vista as crenças e as práticas religiosas dos povos pagãos e gentílicos.

Matéria — Os dicionaristas definem a matéria como sendo tudo que é tangível "definição que já foi substituída e cientificamente aceita por esta outra": a matéria não passa de uma condensação da Energia num dos seus três aspectos em que se nos apresenta: sólido, líquido e gazoso e de acôrdo com a pressão e temperatura a que é submetida.

Mente — É definida como sendo o Entendimento, Espírito, Intelecto. Lembrança, Imaginação, Memória etc. Os espiritualistas a definem como sendo o laboratório do Espírito para a formação do pensamento. "O Kaibalion", porém, definindo o **Primeiro Princípio Hermético do Mentalismo** diz o seguinte: **"O TODO É MENTE; o Universo é Mental".** Êste Princípio ex-

plica a verdadeira natureza da **Fôrça,** da **Energia** e da **Matéria,** explicando como e por que tôdas elas estão subordinadas ao Domínio da Mente.

Médium — Pessoa apta a servir de intermediária entre o homem e as entidades do plano astral.

Morubixaba — Nome convencional com que no sincretismo afro-brasilíndio são denominados os Guias ou Entidades que se incorporam nos médiuns para assumirem a direção espiritual e material de uma Tupãoca. Também pode-se dizer Cacique.

Mironga — É uma palavra muito usada para contornar a curiosidade das perguntas indiscretas. Todos sabem que a Umbanda não tem "dogmas" nem "mistérios", mas, apenas magia e espiritualidade. Esta, se desperta pelo estudo e aquela se **sente** pela observação ajudada também pelo estudo e pela investigação. A um curioso que não estuda, não investiga, se diz: que a "**Umbanda** tem **mironga**" (segredos) e que nós não estamos na altura de explicar... O que não deixa também de ser uma verdade. A diferença religiosa entre o "mistério" e a "mironga" é que esta pode ser investigada e compreendida, ao passo que aquêle é "**uma verdade na qual devemos crer embora não a possamos compreender**".

Macumbeiro — Tocador de macumba.

Macáia — Lugar de retiro, em plena mata, onde os médiuns vão descansar e refazer as suas fôrças psiquicas, no contato direto com os elementos da Natureza.

Magia — Etimològicamente significa: ciência dos magos (os Iniciados Persas). Para nós umbandistas, porém, é o conhecimento das leis ocultas e das fôrças secretas da Natureza (elementais, formas-pensamentos e psiquismo). Êstes conhecimentos são constituintes da parte inferior do Ocultismo, pois, a parte superior é o conhecimento dos princípios permanentes do homem, isto é, teosòficamente: os 5.º, 6.º e 7.º princípios da sua constituição septenária:

Manas, Budhi e Atman, na doutrina oriental ou vedantina e na doutrina ocidental: **Alma Humana,** (em evolução para **Alma Espiritual** ou seja o verdadeiro Homem) e **Espírito**.

Naturalismo — Assim se chama tôda a doutrina que não admite nada fora da Natureza, e especialmente as que

não recorrem — para a explicação das cousas — a um **princípio transcendente.** O Panteismo, por exemplo, é Naturalismo.

Naturalismo — Doutrina mitológica segundo a qual a forma primitiva das religiões consiste na divinização dos sêres e das Fôrças da Natureza.

Nirvana — Significa o desaparecimento de tôdas as ilusões e o domínio completo do Espírito sôbre a Mente.

Nheêngatu — (Significa: **boa língua, boa fala**). Era e ainda é o idioma falado pelos índios do Brasil.

Ordenação — Ação ou efeito de ordenar; regulamento destinado a reger a vida de uma comunidade. Complicação de leis profanas, religiosas ou militares estabelecendo normas para a vida comum coletiva.

Orixás — Fôrças da Natureza divinizadas de que se compõe o Panteão Africano, e que com esta denominação vieram até nós, envolvidos num halo de mística e magia que o sincretismo religioso não obscureceu nem obscurecerá jamais. Êstes **Orixás,** cujos nomes já foram dados no começo dêste **Glossário,** possuem suas vibrações próprias, em correspondência com os dias da semana; com as notas simples da escala musical; as sete côres complementares da Luz Branca; os planêtas do nosso sistema solar; as pedras preciosas que recebem a influência vibratória de cada um, e cujas influências são aproveitadas, em conjunto ou isoladamente, para os trabalhos mágicos da Umbanda. (1)

Oxossi — É um dos **Orixás Maiores** da Lei de Umbanda e na VIDA aplicada é a expressão da LÓGICA. Seu equivalente católico é São Sebastião e os Orixás Menores da sua linha que é a 4.ª, se caracterizam por uma notável potência fluídica. É constituída por Entidades dotadas de grande saber e na sua maioria composta de caboclos e índios brasileiros dentre os quais sobressai, como prestigiosa Chefe de uma das suas linhas a conhecida Cabocla Jurema, o Gênio protetor e guardião das nossas matas e florestas. Sua côr é a verde.

Oxalá (ou **Orixalá**) — (O maior entre os maiores dos Ori-

---

(1) São êles os "espíritos nem humanos nem divinos".
V. o vocábulo **Devas.** Tais Orixás não devem ser tomados como análogos aos "Santos" do Catolicismo.

xás). É o nome que pelo sincretismo afro-brasílio corresponde ao de Jesus, o Cristo. Embora Êle haja dito que o seu **reino** não era dêste **mundo,** é considerado como o Rei do Mundo e alvo do mais acendrado amor e respeito por parte de todos os africanos — umbandistas ou não. Compete-lhe a direção da 1.ª Linha das 7 de que se compõe a LEI. **Oxalá** na **Lei de Umbanda,** aplicada à VIDA, é a expressão da Inteligência. Sua côr vibratória é a branca fulgurante.

Ogum — Dirigente da 6.ª Linha vibratória de Umbanda é equiparado ao Santo católico: Jorge, da Capadócia. Os trabalhadores espirituais desta linha se caracterizam por uma prodigiosa potência fluídica, e composta em sua maioria, por caboclos e pretos da África. Sua côr é a vermelha. Cabe-lhe, entre as suas múltiplas tarefas, a de dominar e corrigir as falanges que se dedicam a fazer trabalhos contrários ao Bem. Consideram-no por isso o **Santo Guerreiro** ou o **Santo Cavaleiro.** Na VIDA aplicada Ogum é a expressão da Ação.

Paganismo — Religião dos pagãos isto é, daqueles que em geral não seguem a religião cristã, maometana ou judáica. O pagão é denominado: gentio, idólatra.

Panteão — Templo que os antigos Gregos e Romanos consagravam a todos os deuses. Conjunto de todos os deuses de um país. Museu ou edifício consagrado à memória de todos os homens ilustres e que a História vai conservando.

Panteismo — Doutrina ou sistema filosófico que só admite como Deus o TODO, a universidade dos sêres.

(**Nota.** O prefixo **Pan** entra na composição de muitas palavras que exprimem a idéia de universal, totalidade).

Patoá — Cada um dos dialetos iletrados de um idioma.

Primado — (adj.) Significa prioridade.

Primaz — (adj). Que ocupa o primeiro lugar.

Pejí — Denominação que se dá ao altar erigido nos Terreiros.

Primazia — (subst.) Posição de primaz.

Ponto — É em magia uma "assinatura astral". Pode ser **riscado** ou **cantado.** Os riscados são sinais simbólicos privativos de cada Entidade e da sua Linha respectiva e atuam como poderosos condensadores de energia, cujo potencial vibratório depende da intensidade mental da assistência nêles concentrada. Outros "pontos" ainda existem usados pela Entidade em ação, de acôrdo com os fins visados em seus trabalhos. A projeção espiritual de um "Ponto" está subordinada à lei hermética de **Correspondência.**

Prana — (sanc.: sôpro, hálito). Designa a vida universal que se manifesta sôbre todos os planos. (Em sansc. JIVA). No microcosmo é o terceiro princípio do Homem, a **fôrça vital** ou **corpo astral.** Sem prana não seria possível a existência na Terra. Prana é a base fundamental da ginástica respiratória, cuja Yoga é essencial à vida oriental e que deve ser quanto antes praticada pelo mundo ocidental.

Pecado — Em teologia a Lei moral — feita pela Igreja em nome de Deus — pretende exprimir a vontade divina instituindo deveres cuja transgressão constitue uma ofensa a Deus e esta ofensa toma o nome de "pecado". Na Umbanda o código moral já nasce com a VIDA conferindo-nos a responsabilidade de tudo quanto fizermos em pensamentos, atos ou palavras. A menor transgressão às leis da VIDA, gera, dentro de si mesma a inexorável punição que cedo ou tarde, o transgressor sofrerá. No conceito de faltas, pois, a Igreja lhe acena ainda com a promessa de um perdão negociável. No conceito umbandístico o **faltoso** acaba por **sentir** a necessidade de não reincidir visto como a expressão vibratória correspondente à sua Linha far-se-á sentir chamando-o ao uso da Razão. O Umbandista considera a impunidade aparente como um verdadeiro lôgro.

Quimbanda — Assim se denomina a prática do mal na magia africana confirmando expressa e claramente a luta perpétua que o homem deve manter na Terra, segundo o axioma do 2.º Princípio Hermético (o de Correspondncia) que diz: **"O que está em cima é como o que está em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima.** "A expressão simbólica dêste axioma é o **hexagrama** (o signo de Salomão). Diremos então, que a Quimbanda está representada pelo triângulo inferior dêsse símbolo cujo vértice voltado para baixo, (para a matéria) daí recebe as suas grosseiras influências. E a correspondência é complementada pela existência de almas humanas desencarnadas, sem a menor luz espiritual, pairando ainda na órbita dos instintos no Plano Físico da Terra, almas

estas, de que se servem os quimbandeiros para efetuar trabalhos de magia negra, dando-lhes o nome de Exus". Vejamos como a êles se refere o Dicionário Teosófico:

> "**Kama-loca** — (t. sanscr: região do desejo). São regiões do Plano Astral onde o homem estagia após a morte passando de subdivisão em subdivisão — da mais densa à mais subtil, — até que os seus elementos passionais que compõem seu Corpo Astral sejam desagregados pouco a pouco. Por ser ao mesmo tempo **"estado de consciência"** e **"lugar"** serve mais habitualmente para designar as regiões inferiores do Mundo Astral".

Religião — Doutrina ou crença que é considerada um dever sagrado por ser um culto prestado à divindade.

Ritual — O que é relativo aos ritos.

Ritos — Cerimônias que devem ser praticadas em determinados cultos religiosos. Chama-se Liturgia ao conjunto destas cerimônias.

Rei de Umbanda — No sincretismo afro-brasileiro é o título dado ao arcanjo **São Miguel** sendo seus ministros os arcanjos **São Gabriel** e **São Rafael,** considerados príncipes da Côrte Celeste. Seja dito de passagem que os **anjos, arcanjos, querubins, serafins, "tronos"** etc., da Igreja Católica na Doutrina Oculta ou Esotérica, são Entidades de elevada iluminação espiritual e a Umbanda os considera como verdadeiros Orixás.

Sincretismo — Foi e ainda é um sistema filosófico ou religioso que procura combinar os princípios de diversas doutrinas homogenisando-as entre si. (Ver o **Apêndice n.º 4**).

Selvagem, silvícola — Próprio das selvas; que nelas se cria, cresce ou vive. Como adjetivo é usado para se opor ao significado de civilização.

Septenário — Sistema composto essencialmente de sete têrmos. O Número sete frequentemente citado em Teosofia é o númro dos ciclos evolutivos das séries progressivas que ultimam uma aquisição definitiva. É o número da Evolução, isto é, do **progresso no Tempo,** o que o torna um número oculto por excelência no conjunto vibratório de tôdas as manifestações da VIDA material, humana ou divina.

Shamballah — Cidade santa situada num dos desertos do Oriente. Nome do continente imperecível ou "Ilha Branca", refúgio de Grandes Iniciados e que nenhum cataclismo poderá destruir.

Terreiro — Lugar em campo aberto ou arborizado e destinado à prática do ritual de Umbanda. Para o Primado de Umbanda o **Terreiro** é a verdadeira Igreja (Casa de Deus) e por isso é designado com o nome de **Tupã-oca. Tenda,** Centro, Cabana etc., lhe são equivalentes desde que aí se efetua mos rituais de Umbanda.

Tuixáua — Vocábulo tupi e que também significa: Chefe que manda (Tuxáua).

Triângulo-Grande Triângulo da VIDA. (V. Apêndice n.º 2).

Tenda — Ver **Terreiro.**

Tubixaba — Grande Chefe.

Triade — Ternário, Trindade, Trilogia —

Na trindade católica temos o **Pai, Filho** e o **Espírito Santo.** Na trindade africana temos **Obatalá,** (princípio ativo masculino) representando o Céu; **Odû,** (princípio passivo feminino) representando a Terra, o terceiro aspecto da divindade africana correspondente a **Brahman** (hindu) ou ao **Pai** (católico) a tradição iniciática achou prudente omitir, pois constituia o **nome sagrado** que desapareceu, visto como o sacerdócio egípcio corrompido, perdeu o direito e o privilégio de o pronunciar. Podemos ainda citar a trindade do aspecto mitológico solar egípcio que poude ser reconstituído. **Osiris** (aspecto masculino-representando o Sol, a VIDA e a Criação material); **Isis,** a Lua, representando a serenidade dos mistérios iniciáticos (que ela encobre com o **seu** Véu quando êles começam a ser profanados) e finalmente **Horus** a terceira divindade solar dos egípcios. A Umbanda possui também a sua trilogia: **TUPÃ,** considerado como sendo a própria VIDA; OXALÁ, como sendo a ação sublime da manifestação da VIDA e IEMANJÁ como sendo a reação na sublimidade da Criação.

Umbanda — (V. publicação do Primado de Umbanda: **"Que é a Umbanda? Desde quando existe? Qual é a sua etimologia?** "Conjunto das leis que regem a VIDA e a harmonia do Universo". É a mais antiga e a mais pura de tôdas as religiões

que já existiram no mundo o que é confirmado pela **tradição atlanto-egípcia.** (Ver o **Apêndice n.º 5).**

Vida — Causa primária de tudo quanto existe.

Virtude — É o hábito da prática do bem como o **vício** o é da prática do mal.

Xangô-Caô — Dirigente como Orixá Maior que é da 3.ª linha (oriental) da Lei de Umbanda. Os seus subdirigentes são entidades: hindus, médicos e cientistas do Espaço; árabes e marroquinos; japoneses, chineses, mongóis e esquimós; egipcianos, astecas e incas; índios caraibas; gauleses e romanos. São êles que procuram desvendar ao Homem os grandes mistérios e os segredos da magia mental e da Alta Magia. Na Lei de Umbanda aplicada à VIDA, XANGÔ-CAÔ é a expressão da CIÊNCIA. Sua côr vibratória é a rósea. No sincretismo católico a sua analogia é com São João, o batista.

Xangô-Agodô — É na Lei de Umbanda a expressão da JUSTIÇA. A sua Linha é a 5.ª, chamada da Caridade e Justiça, pois ampara os humildes e pobres contra os ricos e potentados estabelecendo-lhes uma equidistância de cujo meio têrmo resulta a "linha justa". No Panteão Católico são seus correspondentes São Jerônimo e Santa Bárbara. E um orixá andrógino representado em alguns países da América ora com um sexo, ora com outro.

Yoga — Tem várias acepções. Pode significar: **senda** ou união ou conexão do devoto com a Divindade. Ainda segundo Pantanjani a Yoga é a cessação das atividades mentais pela fôrça da vontade.

Trilogia de Umbanda

TUPÃ — É a própria Vida. (V. **Apêndice n.º 3)**

OXALÁ — É a ação sublime da manifestação da VIDA.

IEMANJÁ — É a reação na sublimidade da criação.

POSTULADOS DE UMBANDA

1.º — Umbanda é um conjunto de leis que rege a VIDA e A HARMONIA DO UNIVERSO.

2.º — Como religião ou como CIÊNCIA, na UMBANDA, tanto na prática ritualística material como na esfera espiritual das comunidades umbandistas, só se reconhece uma hierarquia: — a da evolução de cada espírito nos diversos planos da criação e a vibratória estabelecida pelo mérito de cada um.

3.º — Esta codificação atende tanto à uniformização das comunidades umbandistas, como diretamente se subordina às manifestações dos diversos planos da criação quando emanadas de uma determinação superior, única e universal.

4.º — A par do conhecimento perfeito da vida a umbanda aproveita o ambiente material fornecido pela vibração humana para abrir o verdadeiro caminho da sabedoria onde se aprende que a verdade ou a realidade final do universo é imutável.

5.º — Dentro da concepção de que o aproveitamento material fornecido pelo homem é fôrça ativa das indispensáveis às realizações da Umbanda, sôbre o médium é que repousa integral responsabilidade, sòmente excedida pela sua própria compreensão quanto à missão que lhe é, por destino, imposta.

APÊNDICE N.º 1

Símbolos — Em relação aos "símbolos sagrados" não é fácil levá-los à compreensão do nosso povo que está perdendo, paulatinamente, a noção do que é **respeitável** quanto mais do que é **sagrado**. Outrora o noviço admitido à Iniciação Hermética fazia a sua primeira prova (a do Silêncio) recebendo um símbolo desenhado para "adivinhar-lhe" a significação. Um **"círculo"** fechado com um **"ponto"** no centro foi sempre a representação da Divindade Manifestada (o ponto) no Universo Ilimitado (o círculo).

— Um "Triângulo" agudo com o vértice para cima significava o homem se elevando espiritualmente, mas, se o vértice apontava para baixo era a **mônada** (alma inicial) vindo incarnar-se na terra.

— O "Triângulo" (em Ocultismo chama-se o primeiro polígono) equilátero (os três lados iguais) é uma representação dos atributos da Divindade (Espírito) ou os do Homem (alma). Os três lados do triângulo divino ou espiritual representam: **Amor, Vontade** e **Sabedoria** e os três lados do triângulo humano querem significar: **Matéria, Fôrça** e **Inteligência.** Representa o Macrocósmo (Grande Mundo).

— O Homem é simbolizado pela estrêla de cinco pontas (o pentagrama) com as pernas e braços abertos, representando o **Microcósmo** (pequeno mundo).

— O polígono de seis lados (pontas) ou "hexagrama" também chamado "Signo ou Sêlo de Salomão" significa o homem dentro do segundo princípio hermético: O Princípio de Correspondência; isto é: "O que está em cima é como o que está

em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima". (1)

Nota: Será êrro dizer-se: **O que está em cima é igual ao que está em baixo"** porque não há igualdade, mas, apenas analogia ou correspondência, pois, a matéria não é igual ao espírito, nem o céu é igual a terra etc.

O "hexagrama" é o símbolo do Iniciado por que representa o Homem lutando para realizar o seu equilíbrio por meio da simétrica interpretação das fôrças cósmicas.

O último símbolo citado nos rituais do Primado de Umbanda é o **Septenário:** a **Estrêla de Sete Pontas.** É o signo que representa a Evolução, isto é: o "progresso no Tempo" ou seja o fim de cada ciclo evolutivo nas séries progressivas que marcam uma aquisição definitiva.

É o número oculto por excelência (Sete), pois, se adapta a quase tôdas as realidades da VIDA em razão da universalidade da **Lei de Evolução.**

APÊNDICE N.º 2

Triângulo — (Grande Triângulo da VIDA) — O Triângulo é o símbolo da Trindade por excelência. Êle exprime a primeira manifestação. Chama-se **Triângulo de Luz:** a Consciência Monádica em conexão com a Trindade: **Atma-budhi-manas.**

Atma — O mais elevado dos sete Princípios do Homem. O EU supremo. Corresponde ao ESPÍRITO.

Budhi — 5.º plano cósmico e a primeira manifestação de Atma. No Homem é o princípio intermediário entre a consciência espiritual superior e o mental (6.º Princípio).

Manas — Princípio inteligente, pensante e individualisante. Corresponde à MENTE, isto é: o princípio constitutivo do julgamento. O Triângulo também é chamado DELTA, ou sejam as três unidades que aparecem em tôdas as religiões, na Franco-Maçonaria, Igrejas Cristães etc., por ser o símbolo da tríplice fôrça indivisível que forma a Vontade, o Amor e a Inteligência. Na Índia usam-no como figurando o Princípio Divino: que cria e faz evoluir.

---

(1) Quod superius est sicut quod inferius et quod inferius est sicut superius. (O KAIBALION).

APÊNDICE N.º 3

Fala agora o Gen. Couto de Magalhães no seu livro **O Selvagem,** pág. 311 a 314 — 4.ª edição completa:

"DAS IDÉIAS RELIGIOSAS DOS TUPIS"

Em um livro raro reimpresso em Paris por Ferdinand Denis, e que se intitula **"Festa Brasileira Celebrada em Rouen",** França, em 1550, e de que eu felizmente possuo um exemplar, vem da pág. 77 em diante: — **Fragmento da Teogonia Brasileira,** coligido em 1549 e publicado por André Thevet em sua obra: Cosmografia Universal. Resumo do manuscrito de Thevet — "As pessoas, que entre os americanos do Brasil se ocupam de coisas divinas, são chamadas **Caraibas** e **Pajés,** as quais são os seus sacerdotes.

Acima das coisas da terra existe um ente a quem chamam Monãn, ou Monhãn, que quer dizer **Constructor,** o **Edificador,** o **Autor,** ao qual **atribuem** as mesmas perfeições que nós atribuimos a Deus.

Êste criou **Trin-Magé** (1), de cuja cabeça nasceu Tupã.

(Montoya traduz a palavra **Tupã** assim: **Tu,** Admiração, e **Pan,** pergunta: significa, pois: — Que é isto? **Quid est hoc?)**

De maire Monhan, antes de sua morte, nasceram dois filhos. Sommé (que os jesuitas entendem que é o apóstolo S. Thomé e Caraiba) a quem os selvagens queimaram. Dêste nasceram dois filhos, **Tamandonaré** e **Aricuta,** Tamandonaré, que, batendo com o pé na terra, deu causa a que surgisse uma fonte que produziu nôvo dilúvio; para salvar suas vidas subiram os mais altos montes mas com êles subiram as águas e, para se salvarem, Tamandonaré, o bom, subiu sôbre uma árvore de Pindoba (2) e Aricuta sôbre o genipá.

---

(1) **Magé** é o nome de alguns lugares do Rio e, entre êles de uma cidade.

(2) É daí talvez que vinha ao Brasil o nome de **Pindorama** ou região das Palmeiras, Até hoje os selvagens, quando decidem algum ataque, pintam o corpo de azul escuro com tinta de genipapo.

Com êste dilúvio morreram todos os sêres vivos da terra, menos Tamandonaré e Aricuta, e suas mulheres, das quais descendem os homens atuais; os bons ou Tupinambás descendem de Tamandonaré, os maus, ou Tuminús, de Aricuta, e que existe, e há de sempre existir guerra entre êles".

Até aqui o resumo de Thevet que tem muitas outras coisas curiosas, mas que não cabem neste livro.

A teogonia dos índios tupis do Amazonas é diversa desta e está descrita no meu livro **O Selvagem.**

Estou preparando uma segunda edição dêsse livro, que já foi traduzido em línguas européias.

A segunda edição será impressa no ano vindouro e trará, além do que já foi publicado, o vocabulário Tupi do padre José de Anchieta, que nos dá a língua tal qual era falada pelos paulistas em 1570, e as lendas, llngua e literatura dos atuais índios de S. Paulo.

Na memória do atual povo de S. Paulo existem os vestígios das crenças religiosas dos antigos paulistas, figurando entre as divindades e espíritos superiores, ou coisas encantadas, os seguintes: **Tupã, Jurupari, Anháanga, Cahapora,** (vulgarmente **Caipora) Curupira** (havendo antes de chegar a Sorocaba um morro que tem êsse nome) **Boi-tátá, Sacy-Saperé,** ou **Matin-Paperé,** que toma às vêzes a forma de um pássaro, a que chamam **Sem Fim,** o qual, quando canta, dizem os paulistas do povo, está chamando o sol, e que o sol vem então e esquenta a terra.

Anhangá, julgo ser a divindade protetora da caça do campo, e aparecia, ou na forma de homem, ou na forma de veado, dêstes a que chamamos catingueiro.

O Padre Joseph de Anchieta diz que o rio **Tietê,** palavra a que êle dá o significado de madre ou mãe do rio era chamado pelos aborígines paulistas **Anhanby,** e significa terra de Anhangá, ou terra dos Veados.

Efetivamente, poucas terras haverá no Brasil onde houvesse e onde haja tanta quantidade de veados, como os arredores de S. Paulo.

O nome de Anhangá entra também na composição de outro córrego aqui de S. Paulo, Anhangabahy, que se decompõe em três palavras **Tupi-Paulista, Anhanga-yba-y,** que querem

dizer, **água da árvore de Anhangá,** árvore cujas flôres são mui procuradas pelos veados.

Comecei há pouco tempo a coligir esta literatura tradicional das origens americanas do povo paulista; ainda não pude, apesar de esforços e de disposição para fazer despesas, encontrar índios daqui que falem o tupi; mas hei de encontrá-los. Coligirei o que puder e publicarei, na segunda edição do **Selvagem,** tudo o que encontrar sôbre isso".

APÊNDICE N.º 4

Quadro do Sincretismo Afro-Católico no Brasil.

Neste quadro, as iniciais depois dos nomes dos locais indicam os pesquisadores que registram o sincretismo:

N, **Nina Rodrigues;** J, **João do Rio;** Q, **Manuel Querino;** C, **Edison Carneiro;** G, **Gonçalves Fernandes;** B, **Leopoldo Bethiol;** A, **Aidano do Couto Ferraz;** P, **Pereira da Costa** e R, **Arthur Ramos.**

Deus, o Padre Eterno, o Senhor, o maior dos santos, o mais velho:

Olorum, Olólo, Oxalufan, Talabioxalá Babarobô (Alagoas), R.); **Zambi** (Rio, R.); **Ganga Zumba, Ganga Zomba** (Rio, R.; Bahia, C.); **Orixá-alum** (Rio, J.); **Nicasse** (Bahia Q., C.); **Oluwa, Orixá-babá Babá-okê** (Bahia, C.); **Oxuguiam** (Recife, G.).

Jesus Cristo, Senhor do Bonfim:

Obatalá, Orixalá, Oxalá (Bahia, N., Q., R. C.); **Orixalá** (Rio, R.; Recife, G.); **Oulissá, Cassumbecá, Indacon de Jegum** (Bahia, Q.) **Caboclo Bom** (Recife, G.).

Santíssimo Sacramento:

Ifá (Bahia, R. C.); **Saponam** (Rio, J.).

Espírito Santo:

Oxalá (Pôrto Alegre, B.)

Senhor dos Navegantes:
Tempo (Bahia, C.)

Virgem Maria Nossa Senhora:
Iemanjá, Oxum (Bahia, N.); **Sereia do Mar** (Rio, R.; Recife, G.).

N. S. do Rosário:
Iemanjá (Bahia, Q. R.; Recife, G.).

N S. das Candeias:
Oxum (Bahia, N. C.); **Nanamburucu** (Bahia, C.).

N. S. da Conceição:
Oxum (Bahia, Q., R., Pôrto Alegre, B.); **Ieu-á** (Rio, J.).

N. S. das Dores:
Iemanjá (Rio R.; Recife, G.); **Bamba** (Rio, J.).

N. S. da Piedade:
Iemanjá (Bahia, C.).

N. S. de Lourdes:
Oxum (Bahia, C.).

N. S. da Penha:
Agurá (Rio, J.)

N. S. dos Prazeres:
Oxum, Euloia, Obá (Recife, G.).

Sant'Ana:
Anamburucu, Nanamburucu, Nanan (Bahia, Q., R., C. Recife, G.); **Tobossi** (Bahia, G.); **Orixalá** (Bahia, interior do Estado, N.; Recife, G.); **Borôcô** (Bahia A.).

Santa Bárbara:
Xangô (Bahia, N., R.); **Iansã** (Bahia, Q., R., C.); **Oiá** (Alagoas, R; Bahia, C.; Recife, G.); **Nananburucú, Iemessan** (Recife, G.);

Santa Isabel:
Angôromea (Bahia, C.).

Santa Catarina:
Obá (Pôrto Alegre, B.).

Maria Madalena:
Oxum (Alagoas, R.).

Santo Antônio:
Ogum (Bahia, N., Q., R., C.); **Xangô** (Recife, G.); **Bará** (Rio R.); **Verequete** (Rio, J.).

S. Jorge:
Ogum (Rio, J., R.; Recife G.; Pôrto Alegre, B.); **Oxossi** (Bahia N., Q., R., C.).

S. Jerônimo:
Xangô (Bahia, Q., R.); Xangô-dadá (Rio, R.); **Oxum** (Bahia, N.).

S. Miguel Arcanjo:
Xangô (Rio, R.; Pôrto Alegre, B.); **Odé** (Recife, G.).

S. Sebastião:
Omulu, Abaluaiê, Sapatá (Alagoas, R.); **Abaluaiê, Abaluchê** (Recife, G.); **Katendê, Tempo** (Bahia, C.); **Odê** (Pôrto Alegre, B.).

S. Francisco:
Irôco, Lôco (Bahia, Q., R.); **Ifá** (Bahia, R. C.).

S. Roque:
Omulu, Abaluaiê (Bahia, R., C.); **Ogum** (Alagoas, R.)

S. Bento:
Omulu (Bahia, Q., R.; Alagoas, R.); **Santo da cobra** (Bahia, R., C.).

S. Lázaro:
Abaluaiê (Rio, R.); **Omulu Abaluaiê** (Bahia C.).

S. João:
Li-xangô (Alagoas, R.); **Katendê** (Bahia, C.).

S. S. Cosme e Damião:
Ibeji (Bahia R., C.); **Dô-ú, Alabá** (Bahia R.); **Dois-dois** (Rio, R.) **Beijinho** (Recife, G.); **Beiges** (?) (Pôrto Alegre, B.); **Bêgue** (Alagoas, R.).

S. S. Crispim e Crispiniano:
Ibeiji (Bahia, R.).

S. Bartolomeu:
Angôrô (Bahia, C.).

S. José:
Peixe Marinho (Bahia, C.).

Santo Expedito:
Katendê (Bahia, C.).

S. Paulo:
Ogum (Recife, G.).

S. Pedro:
Bará (Pôrto Alegre, report. "Fôlha da Tarde").

Santo Onofre:
Ossanhe (Pôrto Alegre, B.).

S. Benedito:
Lingongo

As almas:
Vumbe (Bahia, C.;) **Quiumbos** (Rio, R.).

O diabo:
Exu (Bahia, N., Q., R., C.; Rio, J.R.); **Bará** (Rio, R.)

Leba, Senhor Leba (Bahia, R.); **Bumbi** (Rio, R.); **Cariapemba** (Pernambuco, P.); **Homem das encruzilhadas, Homem da rua** (Bahia, R., C.).

Alguns dêstes sincretismos merecem um estudo especial. No culto da Virgem-Mãe, do catolicismo, encontramos, como já ficou dito, vestígios de velhos cultos chitonianos e hetairistas. Êstes cultos da Terra e da prostituição sagrada, provieram de duas fontes essenciais: a da **Dea-Meretrix** (vestígios dos mitos de Afrodite, Milita, Madalena) e da **Virgem** (Artemis, Astarté, Marta).

Na primeira forma há os cultos fálicos e orgiásticos que festejam a conjugação sexual do Céu e da Terra, existente nas mitologias de quase todos os povos primitivos. Os "órgãos fecundos" da Mãe-Terra, a caverna, a montanha, a pedra o rio, as florestas... são então objeto de culto, velhos cultos de que Saint-Ives d'Alveydre nos traçou a exegese longinqua. As religiões das deusas-mães surgiram assim e é fácil acompanhar-lhes o desenvolvimento na mitologia greco-romana.

De outro lado a Virgem-Mãe, ou o mito da fecundação assexual, vem das antigas religiões orientais, que cultuaram o fogo o sol, a faisca... As lendas cristãs mostram estas sobrevivências no culto à Virgem.

O Negro trouxe a sua contribuição ao culto das deusas-mães. O culto da Terra veio com **Odudua** espôsa de **Obatalá**, o Céu, mas não sobreviveu no Brasil. É uma fase primitiva que ficou sepultada no inconsciente coletivo.

As deusas-mães aqui chegaram através de **Iemanjá**. Nos cultos de **Iemanjá**, de **Oxum**, de **Nanamburucu**, encontramos todos os vestígios míticos dos cultos orgiásticos hidrolátricos, etc., que sobrevivem no folclore cristão das deusas-mães. Por isto, o sincretismo foi tão perfeito. Os Negros encontraram no culto popular das "Nossas Senhoras" do Brasil pontos de contacto estreitos com os cultos das deusas-mães, dos **orixás** das águas, dos **orixás** femininos de encanto e proteção, da África.

Os motivos míticos de **Iemanjá**, de **Oxum**, de **Iansã**, de outros santos africanos que confluiram com as deusas-mães e santos femininos do catolicismo popular, revelam aquêles vestígios referidos dos cultos naturistas, chitonianos; e cultos hetairistas e orgiásticos. O **orixá** de **Iemanjá** é representado, por

exemplo, muitas vêzes por uma pedra marinha. E o ídolo que a representa mais freqüentemente é o de uma figura feminina de grandes seios pendentes, que simbolizam a fecundidade. Igualmente, a figura de Iansã revela aspectos francamente sexuais. No Brasil, êste culto das deusas-mães confluiu na crença das sereias, motivo universal das águas, sôbre que já dediquei longo estudo.

Nas orações populares às várias "Nossas Senhoras" do Brasil (Nossa Senhora das Dores do Parto, da Boa Morte, da Conceição, dos Remédios, do Socorro, da Glória, da Guia, da Anunciação...), e nos cultos sincréticos das macumbas e candomblés (Iemanjá, Sereia do Mar, Rainha do mar, Janaina...) vamos encontrar as raízes comuns de velhos cultos chitonianos e hetairistas, o que explica o sincretismo referido.

O mesmo fenômeno se passou com os santos do agiológio. Cada fusão operada entre um **orixá** africano e um santo católico obedeceu a razões muito profundas, a confluências míticas de origens remotas, mergulhadas no inconsciente coletivo. Os santos mais populares no Brasil, S. Jorge, Santo Antônio, S. Bento, Santa Bárbara, S. Sebastião, S. Miguel, S. Cosme e S. Damião, S. Francisco... fundiram-se a **orixás** correspondentes, de origem africana. Se compararmos, de um lado, o **folk-lore** cristão, a legenda dos santos que se veio formando desde a **Legenda Aurea** até às contribuições locais mais recentes, e do outro lado, os motivos dos **orixás** africanos sincretizados, vamos encontrar as razões inconscientes daquelas fusões.

É um encontro de concepções curiosas. Santo Antônio e S. Jorge santos-heróis, santos-soldados, que simbolizam as virtudes e os feitos militares, da guerra e das lutas assimilam-se a **Ogum,** a **Oxossi, orixás** africanos da guerra, da caça, das lutas. S. Bento e S. Roque tornam-se **Omulu, Abaluaiê, orixás** da varíola. Santa Bárbara e S. Jerônimo, deuses protetores contra chuvas e raios passam a ser **Xangô, orixá** dos relâmpagos e dos trovões. S. Cosme e S. Damião, passam a ser **Ibeiji,** os santos gêmeos. E assim por diante.

Nas macumbas e candomblés, os **orixás** africanos vêm sendo chamados pelos nomes dos santos católicos correspondentes. E hoje, no vasto sincretismo afro-católico-espírita, os terreiros

vão se chamando "centros", e tomam nomes de santos católicos. Na Bahia e no Rio, registrei muitos nomes assim, como "Centro S. Jorge", Centro S. Jerônimo", Centro S. Miguel Arcanjo", "Centro S. Cipriano", "Centro S. Expedito", onde se misturaram os cultos e "linhas, nagô, gêge, ângola, cabinda etc.

Em Recife o Serviço de Higiene Mental registrou os terreiros ou "seitas" e quase todos tinham nomes católicos: "Seita africana Santa Bárbara", "São Jorge", "Santo Antônio", "Senhora Sant'Ana", "Senhor do Bonfim" etc.

Nas orações populares do nordeste, nos cânticos das macumbas, encontramos muitas vêzes confundidos os santos católicos e os **orixás** africanos. Duas traduções para o mesmo fenômeno. Concepções idênticas, no inconsciente popular, de velhos motivos das religiões primitivas e pagãs. Politeísmo brasileiro católico-africano. Alguns exemplos o elucidam. De um lado estão os cânticos das macumbas brasileiras e do outro as orações populares, do **folk-lore cristão** do Brasil. "Do livro de Arthur Ramos: **"A Aculturação Negra no Brasil"** — págs. 247 a 252.

APÊNDICE N.º 5

"O QUE É A UMBANDA

Na terra de Arabután (1), neste Brasil grandioso, o aborígine ancestral tupi-tapuia, também possuia sua "teogonia", sua tradição religiosa, seu culto a um Deus supremo, e encontramos nas lendas das diversas tribos ameríndias várias versões com referência à criação do mundo e ao aparecimento do primeiro casal humano na terra, que bem poderíamos tavhar de traduções verbais do Genesis bíblico de Moisés.

Entre as várias obras que compulsamos, podemos indicar "O Selvagem", do General Couto de Magalhães, autoridade no assunto, e cujos galões de oficial do Exército Brasileiro jamais foram conspurcados pela nódoa da mentira.

---

(1) **Arabután** — notável revelação do Padre Carlos Teschauer S. J. em sua obra "Poranduba Rio Grandense", página 5. Nome do Brasil, como era chamado pelos aborígines, antes de ser chamado Pindorama.

O nosso índio acreditava numa trindade, Irin-Magé, que se desdobrava nas pessoas de Irin-Magé, Tupã e Tupã. Posteriormente, os Tupis e Guaranis também veneraram a trindade: Guaraci, Jaci e Rudã.

Êste princípio teogônico, a darmos crédito aos mais modernos estudos de pré-história, perde-se na noite dos tempos, na origem mesmo das primeiras civilizações humanas, posto que a ciência profana aceita ser o homem americano mais antigo que o europeu. Mencionando apenas um fato científico, escolhido a esmo entre muitos que poderíamos apontar em favor desta tese, cumpre-nos dizer que as línguas **quíchua** e **aimará** (faladas na região do antigo império dos Incas, Peru e Bolívia) possuem cêrca de 2 000 raízes de palavras idênticas à língua "sânscrita" na qual foram escritos os principais livros sagrados da Índia pelos primitivos ários.

Estas e outras ocorrências levam-nos a aceitar a exposição dos cientistas etnólogos que fazem partir da raça atlanteana duas grandes sub-raças: uma que se dirigiu para oeste e povoou (os Toltecas) e outra que foi para leste e, tendo atravessado a África, povoou a Ásia (os Turânios) dando origem também aos Semitas Primitivos ou Protoários em fusão com outras sub-raças, atlantes, do que resultou a grande raça ária ou indo-européia, a qual teve por "chão de origem" o norte da Índia.

Logo, tôdas as tradições religiosas, quer dos ários, quer dos semitas, quer dos amarelos, quer dos ameríndios teve por fonte primitiva a Atlântida e esta, por sua vez, partiu da Lemúria. Neste ponto estão de pleno acôrdo os mais extremados materialistas, como Heckel, (2) e os mais extremados teosofistas como Besant (3), bem como espiritistas livres como Leterre (4).

Assim sendo, a "teogonia" do índio americano é tão nobre como a do chinês, do japonês, do hindu, do grego, do árabe, do cristão; e, a sua trindade é tão sublime e tão divina como a Trimurti Indiana (Brahmã Siva, Vischnu), ou a Trindade Chi-

(2) "História da Criação Natural"", Heckel.
(3) "O homem, de onde veio para onde vai" de A. Besant e C. W. Leadbeater.
(4) "Jesus e Sua Doutrina" — A Leterre.

nesa (do Taoismo), ou a Trindade Budista (Padmapani, Mandsjousri, Brahm), ou a Triade Kabalista (dos Hebreus), ou a Trindade Persa Zoroastrina (Ahûramazda, Armaite, Mithra), ou o Triplice Logos, ou a SS. Trindade dos católicos (Pai, Filho, Espírito Santo).

Pode haver primitivismo na concepção teogônica do índio brasileiro, mas não falta de verdade, desta verdade tradicional, una, universal e comum a tôdas as religiões do mundo!...

Já que relanceamos os olhos sôbre a "teosofia aborígine" façamos outro tanto com a do Negro Africano (5), especialmente a dêste negro que foi trazido ao Brasil "agrilhoado" com pesadas correntes que o escravisaram e o reduziram à condição de animal até que aos 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel os libertou, graças à "Lei Áurea".

O negro, e neste ponto se harmonizam novamente os mais extremados materialistas, é remanescente da primeira raça humana: a Lemur. Quer as autoridades do mundo científico profano (antropólogos, etnólogos, glotólogos), quer as autoridades do mundo esotérico (teosofistas, rosacruzes, esoteristas maçons, kabalistas) afirmam isto como "verdade pre-histórica". (6).

Pois bem, o negro possui a sua trindade **Olurum, Obatalá, Orixalá.** Êle possui também sua versão tradicional da gênese universal e, note-se de passagem, **sendo os negros remanescentes dos Lemures, são, pois, irmãos dos pais de tôdas as civilizações humanas e a história do negro é a mais antiga das histórias, e sua religião é a mãe de tôdas as religiões; por muito que com isto se magoe o preconceito do "civilizado", é a verdade.**

Nós, antes de escrevermos êste livreto, e antes de virmos a

(5) Consultem-se autores de fama nacional como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Waldemar Bento e outros.
(6) Leia-se "Mensagens Rosacrucianas" e "A Doutrina Secreta dos Rosacruzes" do **Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento**, de São Paulo — 'The Rosacrucian Cosmos Conception" by **Max Heindel;** "Quadros de Genealogia das Raças," de **Heckel;** "A Sabedoria Antiga"", de **Annie Besant;** as diversas teorias (e já são dezenas) sôbre 'A Lemúria" — de autores vários, que existem no mercado livreiro do Brasil.

público assumir a defesa do "negro" e do "caboclo" quanto aos seus ritos religiosos, convivemos, no passado, com o dito "batuque africano", por um período não inferior a 18 anos; e, com a "umbanda brasileira" temos trato há 12 anos, portanto, falamos de cátedra!...

Esbocemos, pois, um quadro comparativo entre as entidades divinas e santas de três diferentes religiões, de três diferentes civilizações, de três diferentes raças.

Comparemos a Teologia dos negros-lemurianos, a mitologia dos greco-romanos e a teo-santologia dos católicos-latinos:

NEGROS
OLORUM

Obatalá
Orixalá (Oxalá)
Oxalá — Wafiu
Iemanjá
Oxalá — Dacúm
Oxuns Panda
Aganju
Xangô
Oiá ou Inhançã
Ogum
Exu ou Bará

GRECO-ROMANOS
LOGOS

Logos
Zeus (2.º Logos)
3.º Logos (Apolo)
Afrodite (Vênus)
Ondina (Nereidas Ninfas)
Marte

CATÓLICOS
DEUS

PAI
Filho (Jesus)
Espírito Santo
Virgem Maria
São José
N. Sras. (Várias)
S. Jerônimo
Sta. Bárbara
S. Jorge
S. Pedro

Dispensamo-nos de prosseguir na comparação porque sòmente com a apresentada temos argumentos suficientes para estabelecimento de uma similitude interessante.

Vejamos: As pessoas que conhecem idiomas como o inglês, o francês e o espanhol, sabem perfeitamente que os dias da semana, nessas línguas, significam: dia do Sol, dia da Lua, dia de Marte, dia de Mercúrio, dia de Júpiter, dia de Vênus, dia de Saturno... Ora, isto que se observa nos idiomas neolatinos e nas línguas influenciadas pelo latim e pelo grego, já era observado pelos antigos caldeus, 3 000 anos antes de Jesus Cristo, povo muito dado ao estudo da astrologia, ciência mãe da astronomia.

Temos, pois:

1.º) Domingo, o dia do Senhor, o dia do Sol — é também o dia do supremo Oxalá (o Pai Maior africano).

2.º) Sábado, o dia das Nossas Senhoras, é o dia das grandes mães Oxuns.

3.º) Xangô, o deus ou "orixá" africano do fogo e da guerra é festejado e reverenciado no mesmo dia (terça-feira) correspondente ao deus grego do fogo e da guerra: Marte etc, etc...

Ainda podemos mencionar estas semelhanças mitológicas:

1.º) A deusa grega da beleza e do amor, Afrodite, a Vênus dos romanos, era reverenciada às sextas-feiras nas antigas Grécia e Roma. Diziam os gregos que ela viera do fundo do mar e o seu símbolo natural era uma concha. A Iemanjá (ou

Iamanjara) dos negros também vem do fundo do grande mar, ao qual governa, e é cultuada às sextas-feiras, sendo, também, seu símbolo uma linda concha.

2.º) Os mesmos títulos que as "ladainhas" da Igreja Católica dão à Virgem Maria, os negros em suas "rezas" e "cantos" dão à sua Iemanjá, tais como: mãe de todos os santos, mãe de todos os homens, virgem-mãe, estrêla do mar, rainha do mar, tôrre de marfim etc.

3.º) Os ritos africanos também possuem "ladainhas"; e, a ordem de enumeração das santidades e saudação às mesmas, é idêntica à da Igreja Católica. Assim, como os católicos evocam primeiro o Senhor, Deus Pai, depois Jesus, depois Maria Virgem, depois os santos e anjos, pela ordem hierárquica; também os negros invocam primeiro os grandes Oxalás, depois Iemanjá, pela ordem hierárquica.

Poderíamos, pois, encher alguns livros sòmente para enumerar as semelhanças entre a "religião negra do batuque" e as diversas ritualísticas civilizadas.

Não é o nosso fim. O fim dêste trabalho é explicar o que é Umbanda.

Pois bem, esclareçamos em síntese e depois iremos aos detalhes. Seremos claros, procurando usar cada palavra com a propriedade legítima de seu valor real.

A "Umbanda" é uma "religião-ciência", resultante da mescla de tradições, conhecimentos, cultos e ritualísticas oriundas do africanismo, do amerindismo, do catolicismo e do espiritismo.

A Umbanda é uma religião porque possui culto, ritual, sacerdote, oferenda, e tudo quanto uma religião devidamente organizada possui neste ou naquele grau.

A Umbanda é uma ciência porque, não se limitando à aceitação cega da imposição ritualística sacerdotal dogmática, indaga, pesquisa, investiga o dito sobrenatural servindo-se dos métodos mediúnicos kardecianos (mesmo quando seus adeptos não conhecem a "Terceira Revelação") e dos métodos mediúnicos de Papus e Elifas Levi (mesmo quando as fórmulas evocativas são diferentes). A Umbanda, tanto quanto o espiritismo é uma ciência de experimentação e passível de evolução em grau que se não pode limitar.

E é a Umbanda uma religião verdadeira?

Para o católico nenhuma outra religião, além da sua é verdadeira; e a sua fórmula dogmática é: "Fora da Igreja não há salvação".

Entretanto, para o estudioso da religião comparada, que, à luz da história das civilizações e da ciência, conclui que a fonte é uma só, a Umbanda não apenas é uma religião verdadeira como é também um vasto campo de pesquisa teosófica.

É portanto, a Umbanda, como antes dissemos, uma verdadeira religião e uma verdadeira ciência". (Do livro :"**O que é a Umbanda?: de Emanuel Zespo** — págs. 19 a 27).

CONCLUSÃO

Com êstes **Apêndices** damos por encerrado, no momento, o presente trabalho.

Inúmeras fontes de esclarecimentos existem, mas, apesar dos nossos esforços não nos foi possível atingí-las. Que os complacentes correligionários e pacientes leitores nos perdoem esta obra simplória e tosca. É possível que de futuro produzamos tarefa mais desenvolvida e mais digna das suas atenções.

ÍNDICE